

LUCIANE GERMANO SIMÕES COELHO

**A EMIGRAÇÃO SOB O OLHAR DE QUEM FICA:
UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DO
MUNICÍPIO DE IPABA-MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2007

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

C672e
2007

Coelho, Luciane Germano Simões, 1971-
A emigração sob o olhar de quem fica : uma análise das
experiências de famílias do município de Ipaba-MG /
Luciane Germano Simões Coelho. – Viçosa, MG, 2007.
x, 107f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexos.

Orientador: Neide Maria de Almeida Pinto.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 94-99.

1. Migração - Aspectos sociais. 2. Migração - Aspectos
econômicos. 3. Ipaba (MG) - Condições econômicas.

I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.


CDD 22.ed. 304.82

LUCIANE GERMANO SIMÕES COELHO

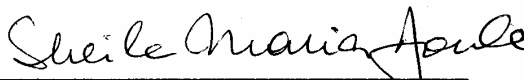
**A EMIGRAÇÃO SOB O OLHAR DE QUEM FICA:
UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIAS DO
MUNICÍPIO DE IPABA-MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 30 de maio de 2007.



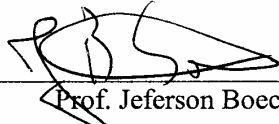
Prof.^a Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Co-Orientadora)



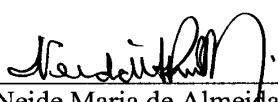
Prof.^a Sheila Maria Doula
(Co-Orientadora)



Prof.^a Karla Maria Damiano Teixeira



Prof. Jeferson Boechat Soares



Prof. Neide Maria de Almeida Pinto
(Orientadora)

*Ao meu marido Bruno,
razão da minha existência.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realização do curso.

À professora Neide Maria de Almeida Pinto, orientadora e amiga, pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade, pela confiança e pela competência.

À professora Ana Louise de Carvalho Fiúza, conselheira e amiga, pela atenção, pela disponibilidade e pelas valiosas sugestões reveladas no decorrer da construção deste trabalho.

À professora Sheila Maria Doula, conselheira e amiga, pela inestimável atenção e pelos ricos conselhos, que renovaram minhas esperanças nesta caminhada.

Ao professor Jeferson Boechat, pela participação na banca e pelas ricas contribuições.

À professora Karla Damiano, pelo respeito, pela amizade e pela presença nos momentos mais importantes deste trabalho.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, pelo estímulo.

À Valeska, pelas nobres contribuições.

À Aloísia, pelo carinho e apoio de sempre.

À minha família, especialmente aos meus pais, pelos ensinamentos.

À Graciela, que me acolheu em sua casa, auxiliando nos contatos para a realização desta pesquisa.

Às famílias entrevistadas, que me permitiram adentrar não apenas em suas *casas*, mas também em suas *vidas* repletas de sonhos, conquistas e esperanças.

BIOGRAFIA

LUCIANE GERMANO SIMÕES COELHO, filha de Olávio Germano da Silva e Maria de Lourdes Clementino, nasceu em Santos Dumont-MG, em 30 de março de 1971.

Graduada em Serviço Social pela Faculdade Regional Vale do Aço (FARV) – Ipatinga MG - Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC). Coordenadora e professora do curso de Serviço Social da Faculdade Regional de Ubá e das Faculdades Integradas da Zona da Mata - Leopoldina.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Motivação para o trabalho	1
1.2 A construção do problema de investigação	2
1.3 Procedimentos metodológicos	7
1.3.1 Local de estudo.....	7
1.3.2 Abordagem da pesquisa, o método de coleta e de construção dos dados.....	8
1.3.3 Definição da amostragem.....	12
1.3.4 Análise dos dados.....	13
1.3.5 Estruturação do trabalho	14
2. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, O PAPEL DAS REDES SOCIAIS E DA FAMÍLIA	16
2.1 As teorias das migrações internacionais.....	16
2.2 O fenômeno da migração no contexto das transformações no mundo do trabalho	19
2.3 O Brasil no contexto das migrações internacionais.....	23
2.4 Motivações para a migração interna no Brasil: dados de pesquisas	26
2.5 A importância desempenhada pelas redes sociais no processo migratório internacional	31
2.6 A família como uma categoria analítica	35

	Página
3. DESVENDANDO A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO MUNICÍPIO DE IPABA A PARTIR DAS ‘FAMÍLIAS QUE FICAM’	40
3.1 O contexto regional	40
3.2 As motivações	43
3.3 Migração: o projeto das famílias de migrantes e a formação das redes sociais	49
3.4 A partida	54
3.5 O envio das primeiras remessas, o emprego dos recursos vindos de fora e a importância da casa própria nos projetos da família e do migrante	56
4. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL EM IPABA: AS MUDANÇAS NO MUNICÍPIO E NA FAMÍLIA.....	66
4.1 As transformações no município	66
4.2 As mudanças na família.....	71
4.2.1 Mudanças nas condições econômicas.....	71
4.2.2 Mudanças na organização familiar e nos papéis sociais.....	73
4.2.3 Analisando os significados da experiência migratória segundo as ‘famílias que ficam’	82
5. CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	100
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	101
ANEXO B	105

RESUMO

COELHO, Luciane Germano Simões, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2007. **A emigração sob o olhar de quem fica: uma análise das experiências de famílias do município de Ipaba-MG.** Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto. Co-Orientadoras: Ana Louise de Carvalho Fiúza e Sheila Maria Doula.

A migração internacional de brasileiros ganha destaque nas últimas décadas. O Brasil, historicamente conhecido como destino de diversas correntes migratórias, especialmente a partir de 1980, presencia um volume expressivo de brasileiros em direção a outros países. Com o processo de globalização contemporânea e as profundas modificações que assolam o mundo do trabalho, esta tem sido a saída encontrada por muitos brasileiros na busca pela melhoria do nível de vida. Com a ausência desse integrante, a família que fica passa a vivenciar novas experiências e transformações. Portanto, este trabalho teve como objetivo analisar as conseqüências da migração internacional nas famílias que tiveram um ou mais de seus membros migrando para o exterior e o significado dessa experiência para o grupo, bem como analisar as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de Ipaba-MG. A pesquisa de abordagem qualitativa contou com entrevista semi-estruturada realizada com 12 famílias de migrantes desse município, além de discussão teórica sobre as temáticas migração internacional, família e rede social. Os resultados demonstraram que em Ipaba os indivíduos migram para os Estados Unidos em busca do sonho de obtenção da casa

própria. Para realização desse projeto, contam com a presença dos membros da família, que auxiliam tanto nos recursos da partida, nos interesses deixados pelo migrante no município de origem, como também prestam apoio necessário para a chegada do migrante através da rede social. Com as remessas enviadas pelo migrante às famílias que ficam, a economia do município vem gradativamente se desenvolvendo, especialmente no setor da construção civil, através das casas que são construídas, modificando o espaço urbano da cidade. Ainda assim, a migração provoca transformações na organização familiar, especialmente no que se refere às mudanças de papéis sociais ocorridas nas famílias de pais migrantes. Com a saída do pai, cabe à mãe, “sozinha”, comandar a casa, os filhos e até as finanças, ampliando o seu papel diante do grupo familiar. No entanto, observou-se também a existência de estratégias que são criadas para a manutenção do poder e da autoridade do pai que migrou e da perda do papel das esposas, que passam a viver com a ausência dos maridos. Para as famílias, a experiência migratória pode significar possibilidades de melhoria das condições de vida, possibilidades de aprendizagem de uma convivência longe de quem migrou e possibilidades de melhorias das relações familiares, promovidas pela distância e pela ausência. Conclui-se que a migração internacional do município de Ipaba é um projeto coletivo, ao refletir os anseios do grupo familiar, que para ser realizado tem a participação efetiva dos membros da família nas esferas financeira, social e emocional, além de ser um projeto com tempo e finalidade determinados, implicando continuamente perdas e ganhos para as famílias e para os migrantes.

ABSTRACT

COELHO, Luciane Germano Simões, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May, 2007. **Emigration in the eyes of those who stay behind: analysis of family experiences in Ipaba-MG.** Adviser: Neide Maria de Almeida Pinto. Co-Advisers: Ana Louise de Carvalho Fiúza and Sheila Maria Doula.

International migration by Brazilians has significantly increased in the last decades. Historically known as the destination of several migratory groups, especially after 1980, Brazil witnesses today an expressive number of Brazilians leaving to other countries. Today's globalization and the profound world market changes have become the solution Brazilians have found in their search for better living conditions. In the absence of a family member, the family that stays behind undergoes new experiences and transformations. Thus, this work aimed to analyze the effect of international migration on the families whose member or members migrated to other countries and what this experience meant for the group, as well as to analyze the transformations that international migration has been causing on the economy and urban space of Ipaba-MG. The qualitative approach research included a semi-structured interview of 12 migrant families from this municipality as well as a theoretical discussion on the topics international migration, family, and social network. The results showed that people migrate from Ipaba to the United States to fulfill the dream of having their own house. In order to fulfill this dream, they can count on their family members who help fund their trip, look after their interests in town and also provide the necessary support for their return through the formation of

a social network. With the money sent back to the family members, the municipality's economy has been gradually improving, especially in the civil construction sector through houses that are being built, changing the local urban space. Even so, migration changes family organization especially regarding social role changes occurring in the migrant's family. With the father leaving, the mother becomes the head of the family alone, taking care of the children, and even controlling the finances, expanding her role in the family group. However, we observed that strategies have been created to maintain the absent father's power and authority and the loss of the role of wives leading a life without their husbands. For the families, the migratory experience may mean the possibility of improved living conditions, and learning how to live separate lives, with the possibility of improved family relations promoted by distance and prolonged absence. It was concluded that international migration in the municipality of Ipaba is a collective project, as it reflects family expectations that are dependent on an effective participation of the family members financially, socially and emotionally, with defined time and purpose, continually implying in losses and gains for both the migrants and their families.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Motivação para o trabalho

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as conseqüências da migração internacional nas famílias que tiveram um ou mais de seus membros migrando para o exterior e o significado dessa experiência para o grupo, bem como analisar as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de origem dos migrantes. O interesse em pesquisar a migração internacional sob o prisma “das famílias que ficam” surgiu da minha experiência como imigrante nos Estados Unidos e dos contatos pessoais com as famílias de migrantes. Entre 1996 e 1997 morei em Somerville, Massachussets, Estados Unidos da América (EUA), cidade localizada na região em que se concentra o maior número de imigrantes brasileiros. Nesse período constatei que as famílias dos imigrantes construía, através e junto com eles, um projeto de vida: *trabalhar fora por um tempo, juntar dinheiro e retornar*. O interesse da grande maioria desses imigrantes era buscar trabalho mais rentável, melhorando suas condições de vida e de sua família no Brasil. Para atingir esse objetivo eram necessários, além de muitas horas de trabalho, uma detalhada estimativa de ganhos, cálculos, poupança, investimentos, assim como grande esforço para suportar os desafios impostos pela nova cultura.

Essas primeiras observações me chamaram a atenção para o fato de a família desempenhar um papel fundamental nesse processo, atuando como motivadora de

um projeto de vida de relevância coletiva, e não apenas individual. A família dava suporte financeiro e afetivo e atuava na constituição dos elos desses imigrantes.

Em retorno ao Brasil, coincidentemente, fui morar na cidade de Ipatinga, leste de Minas Gerais, região de forte cultura migratória, que se irradiou a partir da cidade de Governador Valadares, considerada a maior exportadora de mão-de-obra do País. Nesse período pude observar e escutar o “outro lado”: as famílias dos migrantes que haviam ficado. Esta possibilidade se deu, sobretudo, a partir de alguns contatos realizados com integrantes dessas famílias residentes no município de Ipaba, local que nos últimos anos tem assistido à migração de muito de seus moradores para os EUA. Essas observações iniciais possibilitaram-me a construção do pressuposto de que a migração de um dos familiares poderia trazer modificações nas condições de vida do grupo, além de mudanças na estrutura e organização da família, especialmente em termos dos papéis e do poder no grupo familiar.

Assim, esta pesquisa foi construída, inicialmente, a partir das minhas experiências pessoais, quando fui “despertada” para a necessidade de aprofundamento de questões relativas às eventuais transformações geradas na família: na sua dinâmica, na sua organização, nas funções e nos papéis. Posteriormente, a construção teórica deste objeto fez emergir outras questões, como o significado e o papel dos projetos – pessoais e coletivos – para efetivação da migração, bem como a importância das redes locais no processo migratório.

Esta idéia inicial foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, em 2005, identificando-se com a linha de pesquisa “Família, Bem-estar e Qualidade de Vida” do referido programa.

1.2 A construção do problema de investigação

Embora o fenômeno da emigração no Brasil nas últimas décadas tenha ocorrido em várias partes do País, a cidade de Governador Valadares-MG, leste de Minas, e as cidades ao seu redor tornaram-se referência deste fenômeno. A migração internacional teve início em Governador Valadares no final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950. Conforme Assis (1999), durante a Segunda Guerra Mundial, período de apogeu da extração da mica¹, a cidade de Governador Valadares, rica

¹ Precioso minério utilizado na fabricação de rádios.

nesse mineral, teve sua economia aquecida pela presença de norte-americanos, que se transferiram para o município com o objetivo de extrair, beneficiar e comercializar o minério, estabelecendo-se assim os primeiros contatos da população local com os EUA. A população da cidade se beneficiava pelo pagamento em dólares dos serviços prestados, que somado à boa vontade dos norte-americanos com relação às gorjetas criava a impressão de facilidade na obtenção da moeda. Com o fim da demanda mundial pela mica, a economia passou a se basear na pecuária de leite, que não gerava os mesmos ganhos econômicos, nem absorvia a mão-de-obra que sobrou do ciclo extrativista. A opção de muitos foi correr atrás dos *tão sonhados dólares* nos Estados Unidos.

Durante a estadia dos norte-americanos em Governador Valadares foram estabelecidos vínculos matrimoniais, de amizade e de trabalho, que levaram muitos valadarenses a residirem nos EUA, o que garantiu os primeiros contatos com os conterrâneos que permaneceram na terra de origem. Foram eles, portanto, que abriram caminho para os demais, estabelecendo as primeiras redes sociais. Estas redes facilitaram as ligações entre Brasil e Estados Unidos, propiciando nas décadas seguintes, 1960, 1970, 1980 e 1990, o crescimento contínuo do fluxo migratório, fazendo com que nessa região fosse criada *uma cultura de migrar para o exterior*, conforme Assis (1999, p. 126).

O processo de migração de valadarenses para os EUA, iniciado na década de 1960, foi ampliando suas redes, envolvendo a cidade nos anos de 1980 e início de 1990, marcando a identidade, a história tanto dos que partiram quanto dos que esperaram. Nesses quase 30 anos de fluxo, homens e mulheres foram e voltaram, transformaram suas vidas e a de seus parentes, viveram a espera, o desejo do retorno; com o passar dos anos, os habitantes da cidade viram-se envolvidos numa conexão Valadares – EUA.

Esse fluxo migratório originado na cidade de Governador Valadares no final dos anos de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, e que ganhou força nas décadas seguintes, foi paulatinamente influenciando cidades menores e vizinhas, criando em seus moradores a idéia de possibilidades viáveis para a realização do *Sonho de fazer a América*. Assim, nessa região do leste mineiro tornou-se muito comum a migração de um ou mais integrantes das famílias para os EUA. A cidade de Conselheiro Pena, por exemplo, é conhecida como *cidade sem homens*, uma vez que grande número

deles migrou para os EUA, a partir da década de 1980, à procura de trabalho mais rentável.

Na pequena cidade de Ipaba-MG, próximo a Governador Valadares, município onde foi desenvolvida esta pesquisa, essa mesma tendência migratória encontra-se ainda em seus estágios iniciais, o que permitiu mapear melhor esse fenômeno. É possível que exista nessa cidade uma dinâmica específica, típica de uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, principalmente em relação às modificações ocorridas na economia do município.

A economia dessa cidade baseia-se na agricultura, com o predomínio das culturas permanentes: café, banana e laranja; e temporárias: amendoim, arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho. O extrativismo vegetal é irrelevante, concentrando-se apenas na extração de madeira. A pecuária apresenta números pouco expressivos, com predomínio da criação bovina leiteira. Além da agropecuária, o setor de serviços é a outra opção de empregos na cidade. A atividade industrial pode ser considerada inexistente no município.

Em decorrência das carências de infra-estrutura nas áreas da saúde, educação e comércio e da falta de oferta de trabalho local, a cidade de Ipaba desenvolveu uma relação de dependência política e econômica com os municípios vizinhos, dentre eles Caratinga, Governador Valadares, Timóteo e Ipatinga. Por ter sido distrito de Caratinga até o início dos anos de 1990, Ipaba teve grande dependência política e econômica dessa cidade. Governador Valadares, pólo econômico do leste mineiro, historicamente exerceu forte influência em toda a região, o que não foi diferente para Ipaba. Timóteo e Ipatinga, maiores e mais desenvolvidas cidades do Vale do Aço, são as que mais demandam mão-de-obra proveniente deste município, principalmente em virtude de seus parques industriais e da pequena distância que os separa (37 km/Timóteo e 22 km/Ipatinga).

A relação de Ipaba com Timóteo data da implantação da ACESITA (Aços Especiais Itabira) há 60 anos, antiga empresa estatal privatizada no início da década de 1990, uma das principais siderúrgicas brasileiras. O início das relações com a cidade de Ipatinga deu-se a partir da instalação da USIMINAS (Usinas de Minas Gerais) em 1956 e, posteriormente, nos anos de 1960, com o início das atividades e operação da Usina.

Essa relação, que pode ser considerada de *dependência* e que ocorre não apenas pela oferta de postos de trabalho nos municípios de Timóteo e de Ipatinga, é

indispensável à sobrevivência de Ipaba. A dependência é observada claramente, neste caso, em relação à cidade de Ipatinga, no que diz respeito à infra-estrutura: as necessidades relativas à saúde, à educação, ao comércio, entre outras, são direcionadas para esse município.

As décadas de 1960 e 1970, em especial o período conhecido como *milagre econômico*, entre 1968 e 1973, garantiram tranquilidade e facilidade de empregos para a pequena cidade. Enquanto as vizinhas e ricas cidades de Timóteo e de Ipatinga continuaram em plena atividade industrial, não houve motivos de preocupação para a população desse município. As indústrias, além de oferecerem grande número de empregos, impulsionaram outros setores econômicos, que também garantiram expressivos números de postos de trabalho. Na década de 1980, período conhecido como a *década perdida* para a economia, o País sofreu uma forte depressão econômica, marcada pela instabilidade política, pela queda do desempenho econômico, pela elevação do custo de vida, pela queda do poder aquisitivo, pela alta taxa inflacionária e pelo aumento do desemprego, provocando mudanças substanciais na vida de grande parcela da população brasileira. Além das mudanças específicas ocorridas na economia brasileira, nesse mesmo período o universo do mundo do trabalho, em escala mundial, sofreu transformações sem precedentes: automação, robótica, microeletrônica, privatizações e globalização da economia. Na década de 1990 as privatizações chegaram às siderúrgicas da região: USIMINAS e ACESITA foram privatizadas, adequações foram feitas para atender ao mercado internacional e os investimentos em tecnologia de ponta substituíram boa parte da força de trabalho, gerando grande desemprego na região.

Muito embora Ipaba seja uma pequena cidade do interior, ela não foi poupada dos rebatimentos trazidos pelas transformações ocorridas nas últimas décadas em escala global. Essas transformações ocorridas na década de 1990 assolaram fortemente o mundo do trabalho, causando desemprego, o que obrigou as famílias locais a diversificarem suas alternativas de sobrevivência. Nessa época foi criada, por um grupo de mulheres, a Associação Comunitária de Água Limpa dos Vieiras, uma cooperativa de beneficiamento de produtos a partir da cana-de-açúcar. Também no mesmo período, com o apoio da CENIBRA (Celulose Nipo-Brasileira), empresa sediada no município vizinho de Belo Oriente, um grupo de moradores criou um projeto com vistas à exportação de mel, própolis e outros produtos apícolas.

No entanto, apenas essas iniciativas não conseguiram atender às necessidades da cidade. Dessa forma, dentre as diversas alternativas encontradas no município de Ipaba para geração de renda e melhoria do nível de vida das famílias, um fenômeno se tornou nitidamente observável como solução encontrada por grande parcela dos moradores dessa localidade: a migração internacional, preponderantemente para os Estados Unidos.

O processo migratório em Ipaba-MG, acredita-se, está relacionado à proximidade com a cidade de Governador Valadares e às *facilidades* já consolidadas por meio das redes sociais, fazendo com que parte de sua população busque na migração internacional, geralmente para os EUA, a melhoria das condições de vida. O fenômeno se caracteriza pela saída do “chefe de família”, que em decorrência do desemprego migra temporariamente em busca da melhoria das condições de vida das famílias. Coube, pois, tentar compreender a partir desta pesquisa a importância que a família desempenha no projeto de migrar. A partir da migração, tanto os migrantes quanto as famílias dos que migraram passaram a experimentar uma nova realidade, iniciando uma nova configuração familiar. Nesse contexto, interessou-nos compreender a dinâmica que se estabelece a partir de então, ou seja, se são construídos novos papéis, já que a mãe/mulher passa a ter suas atribuições familiares ampliadas em atividades que, em princípio, eram “divididas” com o marido/pai.

Para Galimberti (2002), todo movimento migratório provoca alterações na subjetividade dos atores envolvidos. Procurou-se, nesta pesquisa, descrever as transformações que a migração proporcionou às condições de vida das famílias, mediante os dólares enviados dos Estados Unidos. Conforme evidenciou o estudo de Soares (1995), desenvolvido na cidade de Governador Valadares, na sua grande maioria a compra, a construção ou a reforma da casa própria torna-se a primeira conquista pretendida pelas famílias envolvidas no processo migratório, constituindo-se em uma evidência do sucesso ou fracasso do projeto de migrar². Segundo Assis (1999, p. 153), é na terra natal que o emigrante pode tornar visível seu sucesso, sua mobilidade social. As casas geralmente são construídas nos bairros de origem dos emigrantes, alterando esses lugares e traduzindo, via espaços urbanos, a tão desejada mudança pretendida.

² A dissertação de Mestrado de Weber Soares, intitulada "Emigrantes e Investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária valaradense", de 1995, evidencia o incremento do mercado imobiliário a partir do envio de dinheiro dos migrantes aos seus familiares na terra de origem.

As famílias que têm um dos seus membros envolvidos no processo migratório experimentam uma nova realidade, pois mesmo não estando envolvidas diretamente neste processo, ou seja, não tendo migrado, sofrem modificações substanciais como a quebra/ruptura de vínculos afetivos e a rearticulação de valores, normas e padrões de comportamentos. Com base nesses direcionamentos, foi traçado como objetivo geral desta pesquisa: analisar as conseqüências da migração internacional nas relações familiares e o significado dessa experiência para o grupo, bem como analisar as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de origem dos migrantes. Como objetivos específicos, pretendeu-se analisar os fatores envolvidos na consolidação do processo migratório, em especial as motivações que impulsionam indivíduos a migrarem; analisar o papel da família e das redes sociais nesse processo; analisar as transformações ocorridas nas famílias, especialmente aquelas relativas às mudanças na organização familiar e nos papéis familiares após a migração internacional de um dos seus membros; descrever as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de Ipaba-MG; e analisar os significados atribuídos pelas famílias à experiência de migração de um dos seus membros.

1.3 Procedimentos metodológicos

1.3.1 Local de estudo

A cidade de Ipaba, espaço de investigação escolhida para este estudo, encontra-se localizada a 248 km de Belo Horizonte e está situada no leste do Estado de Minas Gerais. Juntamente com mais 21 municípios, congrega o colar metropolitano da região do Vale do Aço³. Ocupa uma área de apenas 114 km², o que a leva a ser reconhecida como um dos menores municípios mineiros. Conforme dados do IBGE, de acordo com o Censo do ano 2000, sua população era de 14.531 habitantes, sendo 7.404 homens e 7.127 mulheres (13.156 residentes na zona urbana e 1.375 na zona rural) e sua densidade demográfica era de 125,17 habitantes por km² (Figura 1).

³ As cidades que compõem o colar metropolitano do Vale do Aço são: Braúnas, Açucena, Periquito, Naque, Sobrália, Joanésia, Mesquita, Belo Oriente, Bugre, Ipaba, São João do Oriente, Dom Cavati, Vargem Alegre, Entre Folhas, Pingo d'Água, Córrego Novo, São Jose do Goiabal, Dionísio, Marliéria, Jaguarauçu e Antônio Dias.

um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e pesquisados, proporcionando o alcance de informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes.

O primeiro passo para a construção da amostra foi definir os critérios que norteariam a escolha das famílias no município de Ipaba. Para isso, buscou-se apoio nos estudos de Bógus (1997), que observou na maioria dos fluxos migratórios a presença de homens jovens e adultos, com baixo nível de escolaridade e sem qualificação profissional, oriundos de pequenas e médias cidades que oferecem baixos salários e oportunidades de trabalho limitado. Partindo das informações desses estudos, a escolha das famílias se deu em decorrência do integrante que havia migrado, podendo este ser o pai, um dos filhos, ou o pai e filho que poderiam ter migrado juntos.

Em seguida, iniciou-se a construção do roteiro de entrevista semi-estruturada (Anexo A), que foi orientado a partir dos objetivos da pesquisa. De acordo com Kahn e Cannel (1962), *apud* Minayo (2004), a entrevista é uma conversa, no caso a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes para um objeto de pesquisa. Por meio da entrevista podem ser obtidos dados de natureza objetiva e concreta, e dados que se referem a valores e opiniões, denominados subjetivos.

O que torna esse instrumento privilegiado é a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos; e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO, 2003, p. 110).

O trabalho de pesquisa contou com quatro visitas a campo. A primeira incursão, ocorrida no mês de agosto de 2006, teve como objetivo conhecer as reais possibilidades para a realização deste trabalho, escolhendo e delimitando quais famílias fariam parte da pesquisa. Vale mencionar que a aproximação com essas famílias no campo só foi possível mediante o apoio e a colaboração de uma moradora da cidade, que por viver a mesma experiência de ter um integrante da família envolvido no processo migratório, o pai, e ser *conhecida* por grande parcela dessas famílias estabeleceu os primeiros contatos, explicando qual seria a finalidade deste trabalho, permitindo que as entrevistas fossem realizadas. Sem essa *mediação*

certamente seria muito difícil adentrar nesse universo, pois ele envolve relações pessoais marcadas por sofrimentos, angústias e privações presentes na realidade das famílias. Além disso, sabe-se que é muito comum a prática da migração para outro país ocorrer de forma ilegal. Geralmente as famílias temem divulgar certas informações, principalmente para *pessoas estranhas*, com receio de que essa atitude possa prejudicar os planos do migrante e de sua família. Esse fato ficou evidente com a recusa de algumas famílias em receber a pesquisadora, como também em entrevistas que foram canceladas no seu próprio andamento.

O processo de aproximação com as famílias e a realização das entrevistas ocorreram de forma gradativa. O fato de a entrevistadora ser desconhecida das famílias, o que a princípio tornou-se um obstáculo, também contribuiu, em parte, de forma positiva. Em muitos casos, relatar a experiência da migração de um dos integrantes para alguém que não faz parte do seu grupo permitiu às famílias abordar questões até então não-verbalizadas e discutidas com outras pessoas, sendo para elas uma oportunidade de desabafo. Outro elemento que também contribuiu para a facilidade de obtenção das informações no transcorrer das entrevistas foi o fato de a pesquisadora ter passado por experiência semelhante de viver por um tempo nos Estados Unidos, compreendendo as dificuldades encontradas pelo migrante em outro país. Nesse sentido, Minayo (2004) afirma que a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador.

Assim, nesse primeiro momento, foram feitos contatos com quatro famílias que se propuseram a receber a entrevistadora e participar da pesquisa. Esses primeiros contatos foram de extrema importância para este trabalho, pois além da indicação de outras famílias que iriam compor a amostra, por sugestão das próprias famílias, em Ipaba ficou nítida a recorrência predominantemente de dois tipos de famílias com migrantes: famílias com pai e famílias com filhos. Essa primeira observação, ocorrida pelo contato inicial com as famílias, solicitou um redirecionamento no foco da escolha empreendida, passando a pesquisa a ser desenvolvida com apenas os dois segmentos mais encontrados no município: famílias com *pai* e famílias com *filhos* migrantes.

A segunda etapa da pesquisa ocorreu no mês de setembro de 2006, com uma segunda incursão a campo, que contou com a realização de mais quatro famílias

entrevistadas. Durante a estadia na cidade para desenvolvimento das entrevistas, puderam ser observados alguns acontecimentos que diferenciavam Ipaba de outras cidades pequenas do interior de Minas Gerais. Um deles dizia respeito à formação de grandes filas, no único banco da cidade, composta por parentes de migrantes, a fim de receber as remessas enviadas semanalmente do exterior. Essa fila, que fazia parte da rotina do lugar como um dos 'efeitos' da migração internacional tão presente na cidade, demonstrava a existência de grande fluxo de recursos que circulava no município. Este acontecimento instigou a busca por mais informações, principalmente em relação aos reflexos da migração internacional para o município, ou seja, para economia local. Em decorrência dessa observação, foram constituídos um roteiro de entrevista semi-estruturada e, em seguida, uma entrevista com o gerente do banco local, visando obter maiores informações a este respeito.

De acordo com Trivinões (1987), a entrevista semi-estruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo interrogativo, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Na terceira etapa da pesquisa de campo, ocorrida em outubro de 2006, foram feitas mais quatro entrevistas, finalizando o total de 12 famílias. Nesse momento, ficou evidente que um dos motivos para a migração internacional no município de Ipaba estava relacionado à construção ou reforma da casa própria. Essa observação evidenciou a necessidade de realizar registros fotográficos, com a finalidade de demarcar essa característica local, além de enriquecer a coleta de dados.

Vale mencionar que o contato com as famílias para a realização das entrevistas tornou-se o momento mais prazeroso no processo de elaboração da pesquisa. A vasta investigação teórica sobre essa temática tornou-se pequena diante da riqueza das falas e dos depoimentos relativos às experiências das famílias com a migração internacional de um dos seus integrantes.

A quarta e última incursão a campo ocorreu no mês de abril de 2007, com finalidade de avaliar o andamento dos projetos familiares, especialmente a reforma e construção das casas por meio de registro fotográfico. Nesse momento, além de ter sido observada a finalização de alguns projetos, foi possível conhecer outras edificações em andamento, fato que contribuiu para comprovar a modificação do cenário urbano que vem ocorrendo no município em virtude dos recursos da migração internacional.

Os dados da pesquisa de campo foram construídos por meio dos relatos das experiências obtidas nas entrevistas semi-estruturadas, como trechos de falas, expressões recorrentes e significativas, imagens, elementos sobre os quais grande parte do trabalho de campo foi elaborada.

As entrevistas foram realizadas com 12 famílias: seis de pais migrantes e seis famílias de filhos migrantes. Todas elas aconteceram nas próprias casas, por escolha dos participantes, em horários e dias que lhes fossem mais convenientes. A duração da entrevista, que era gravada, variou entre uma e duas horas; apesar do estranhamento inicial, muitas pessoas afirmaram ter gostado de participar, pois a *fala* proporcionou a oportunidade de refletir com mais atenção sobre questões ainda não pensadas anteriormente. Fato curioso ocorreu com uma das mães entrevistadas, que com a recente migração dos filhos, depois de finalizada a longa gravação, solicitou a entrevistadora ouvir o registro da sua fala, momento de emoção e conforto.

Nas famílias em que os maridos haviam migrado, ficou a cargo das esposas responderem à entrevista; e nas famílias com filhos migrantes, a entrevista foi realizada com as mães. Este direcionamento não impediu a participação de outros membros da família que se encontravam presentes em casa no momento das entrevistas. Por se tratar de assuntos relativos ao universo do cotidiano dessas famílias, optou-se por resguardar suas identidades, criando nomes fictícios para cada uma das pessoas entrevistadas.

1.3.3 Definição da amostragem

A amostra da pesquisa contou com entrevistas realizadas com 12 famílias e com o gerente do banco. O critério que orientou a escolha foi entrevistar famílias que, no período de realização da pesquisa, tivessem alguns dos seus integrantes envolvidos em processos migratórios.

Para finalizar a pesquisa com o número de 12 famílias, realizou-se um esforço de acompanhar, por meio de organização e análise, as informações que contemplavam os objetivos da pesquisa. A partir do momento foi observado que algumas respostas sinalizavam certas proximidades entre famílias entrevistadas, tornando-se recorrentes, optou-se em finalizar o trabalho de campo. Em alguns casos, foi necessário retornar à casa de algumas famílias, buscando sanar dúvidas e obter

esclarecimento de alguns tópicos que foram pouco explorados nas falas, o que foi percebido após ouvir as entrevistas algumas vezes.

O Quadro 1 apresenta a amostra utilizada pela pesquisa, ressaltando o número de famílias entrevistadas, a relação com o migrante e o tempo de sua ausência fora do país.

Quadro 1 – Famílias entrevistadas e tempo de ausência do migrante

Famílias	Entrevistadas	Relação com os Migrantes	Tempo de Ausência dos Migrantes
F1	Eliana	Esposa	6 anos
F2	Tereza	Mãe	2 e 4 anos
F3	Ana	Mãe	1 e 2 anos
F4	Maria	Esposa	2 anos
F5	Conceição	Esposa	6 anos
F6	Júlia	Mãe	5 anos
F7	Marta	Esposa	4 anos
F8	Margarida	Mãe	1 ano
F9	Lúcia	Mãe	2 e 4 anos
F10	Sônia	Mãe	3 anos
F11	Isabel	Esposa	3 anos
F12	Cristina	Esposa	2 anos
P1	Gerente do Banco	-	-

Fonte: dados da pesquisa.

1.3.4 Análise dos dados

Após a finalização das entrevistas iniciou-se o procedimento de análise dos dados coletados. O primeiro passo desse processo foi realizar as transcrições das falas. Zanelli (2002) ressalta que transcrever uma entrevista, logo após o seu término, tem a vantagem de dar maior fidelidade à transcrição, pois, caso contrário, o acúmulo de entrevistas realizadas pode dificultar a lembrança de elementos importantes que ocorreram nesse processo, mas que não foram captados pelos instrumentos de registro, como ênfases, gestos e expressões faciais.

Em seguida, realizou-se a caracterização socioeconômica e demográfica das famílias – composição do grupo familiar, idade, estado civil, escolaridade, acesso ao mercado de trabalho e atividade exercida (Anexo B).

Em se tratando de pesquisar a migração internacional por meio das experiências das ‘famílias que ficam’, o trabalho de organização e análise dos dados foi desenvolvido pelos temas presentes nos objetivos da pesquisa: os fatores envolvidos na consolidação do processo migratório, em especial a presença da família no projeto de migrar e o papel das redes sociais; as transformações ocorridas no município e nas relações familiares, especialmente aquelas relativas às mudanças de papéis; e os significados atribuídos pelas famílias à experiência de migração de um dos seus membros.

Os dados foram analisados, tendo como referência a abordagem qualitativa, que vê o conhecimento como um processo interpretativo. Neste tipo de pesquisa parte-se da suposição de que a realidade de cada grupo é um fenômeno social construído pelos participantes em suas vidas cotidianas, sendo tarefas do pesquisador traduzir, descrever e interpretar como as pessoas atribuem sentidos às suas experiências e agem em seus mundos.

1.3.5 Estruturação do trabalho

O presente trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, conforme já observado, tratou-se de explicar os motivos que orientaram a motivação e o interesse por essa temática. Além disso, ilustrou-se como ocorreu a construção do problema de investigação, por meio dos fatos históricos que impulsionaram a migração internacional na região onde esta pesquisa foi desenvolvida. Em seguida, foram demonstrados os passos da pesquisa por meio dos procedimentos metodológicos, enfatizando a abordagem da pesquisa, o método de coleta, a construção de dados, a definição da amostragem e a análise dos dados.

No segundo capítulo, buscou-se abordar as principais teorias que explicam o fenômeno migratório, o fenômeno da migração inserida no contexto das transformações no mundo do trabalho e a inserção do Brasil no contexto das migrações internacionais. Foram analisados também a contribuição de algumas pesquisas realizadas em âmbito nacional sobre migração interna e o papel desempenhado pelas redes sociais, especificamente na migração internacional, e em seguida realizou-se uma breve análise da categoria família.

No terceiro capítulo buscou-se entender como ocorre a migração internacional no município de Ipaba a partir das *famílias que ficam*, situando o

contexto regional, as motivações, a presença da família no projeto de migrar, a partida, o envio das primeiras remessas, o emprego dos recursos e a importância da casa própria nos projetos da família e do migrante.

No quarto e último capítulo foram analisadas as transformações provocadas pela migração internacional no município de Ipaba, sobretudo as modificações ocorridas no espaço urbano com os investimentos realizados na área da construção civil. Em seguida, procurou-se avaliar as mudanças ocorridas com as famílias, enfatizando a melhoria nas condições econômicas do grupo familiar e as transformações ocorridas nas relações familiares, principalmente no que diz respeito a mudanças de papéis. Finalizou-se este trabalho analisando os significados atribuídos pelas famílias à experiência de migração de um dos seus membros, demonstrando, por meio dos depoimentos, a construção dos diferentes olhares de quem fica.

2. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO, O PAPEL DAS REDES SOCIAIS E DA FAMÍLIA

Com a finalidade de compreender o fenômeno da migração internacional, inicialmente buscou-se estabelecer neste capítulo o resgate de algumas teorias que darão subsídios para o melhor entendimento da realidade estudada neste trabalho: a migração internacional sob o prisma “*das famílias que ficam*”. Para isso, optou-se por um contexto mais amplo, levantando elementos que pudessem revelar a constituição dos fluxos migratórios a partir das principais teorias utilizadas para o entendimento desta temática. Em seguida, foram analisados o fenômeno migratório no contexto das transformações ocorridas no mundo do trabalho e a inserção do Brasil em fluxos migratórios internacionais. Além disto, foram evidenciadas a contribuição de algumas pesquisas realizadas em âmbito nacional sobre migração interna, a importância desempenhada pelas redes sociais no processo migratório e a família como categoria de análise.

2.1 As teorias das migrações internacionais

Dentre os estudos sobre migrações internacionais, duas teorias ganham visibilidade na tentativa de explicar quais os elementos que impulsionam indivíduos a migrarem, sejam sozinhos, em grupo ou com seus familiares. Para entender as características dessas teorias, construiu-se o quadro a seguir, com base nos estudos de Sales (1999), tentando demonstrar os elementos responsáveis pela migração internacional de indivíduos (Quadro 2).

Quadro 2 – Principais teorias que explicam os motivos da migração internacional

Neoclássica	Histórico-Estrutural
<ul style="list-style-type: none">- Migração internacional: causada pelas diferenças de taxas salariais entre países.- Os mercados de trabalho são os mecanismos primários pelos quais os fluxos internacionais são induzidos.- Ocorre quando existe o equilíbrio de renda e emprego (disponíveis em países desenvolvidos). A decisão de migrar resulta do cálculo custo-benefício.- Migração: somatória de indivíduos que se movem em função do diferencial da renda.	<p>Duas vertentes explicativas:</p> <ul style="list-style-type: none">* Piore e Portes Deve-se considerar o contexto dos países de destino que estimulam a migração (programas ou políticas governamentais).* Sassen A mobilidade do capital proporciona a mobilidade de trabalho; e conseqüentemente a migração (investimento estrangeiro).

Fonte: Sales (1999).

A primeira teoria, denominada neoclássica, entende que as migrações internacionais devem ser interpretadas como um jogo de mercado, em que a mão-de-obra se movimenta sob os estímulos salariais ou de rendimento. A motivação para migrar, segundo essa teoria, se baseia no princípio de que o mercado de trabalho é semelhante ao mercado de qualquer outra mercadoria, comprada e vendida livremente. Nesse contexto, a renda seria a variável determinante e a mobilidade do trabalhador ocorreria em função da variabilidade da renda (SALES, 1999).

Dentro dessa perspectiva, o mercado de trabalho seria o mecanismo primário que impulsionaria a migração, com base na existência do equilíbrio da renda com emprego, disponíveis em países desenvolvidos. Esse modelo teórico que se baseia nos diferenciais de renda tem sua explicação apoiada nos fatores de atração e expulsão (*pull* e *push*) do mercado. Segundo essa teoria, o migrante é entendido como um indivíduo economicamente racional, que ao calcular o custo e o benefício da experiência migratória decide ou não realizá-la. Portanto, a migração passa a ser definida como um somatório de indivíduos que se movem em função do diferencial de renda, estando seu sucesso relacionado a sua educação, experiência de trabalho, domínio da língua no país de destino, tempo de permanência, entre outros elementos do capital humano (SASAKI e ASSIS, 2000).

A segunda teoria, denominada histórico-estrutural, apresenta explicações de outra natureza para as causas da migração. Segundo Sales (1999), dentro da ampla nomeação dessa teoria, se enquadram duas vertentes explicativas para as migrações internacionais.

A primeira vertente, representada por Piore (1979) e Portes (1981), parte de uma teorização anterior sobre a segmentação do mercado de trabalho. Ao dialogar com a teoria neoclássica, Piore discorda que a migração seja definida por meio da variável renda, pois segundo ele, mesmo aumentando a renda dos indivíduos em seus países de origem, os fluxos migratórios continuariam a existir. Segundo sua argumentação, os fatores explicativos das migrações deveriam ser buscados antes no contexto dos países de destino, do que nos de origem. O exemplo dessa argumentação são as migrações maciças ocorridas entre áreas subdesenvolvidas para desenvolvidas, iniciadas pelo recrutamento ativo por parte dos empregadores, como os programas *Guest Workers* nos anos de 1950 e 1960, ocorridos na Europa, ou o *Bracero* do pós-Segunda Guerra, nos Estados Unidos (SALES, 1999).

A segunda vertente, representada por Saskia Sassen (1988), retoma a teoria de Piore e Portes, associando migração de pessoas e de capitais. Essa vertente considera que a mobilidade do capital é que proporciona novas condições para a mobilidade do trabalho. As migrações internacionais seriam resultado da internacionalização da produção por meio dos investimentos no estrangeiro, contrariando os fatores tradicionalmente tidos como causadores da migração como pobreza, superpopulação, estagnação econômica, entre outros. De acordo com essa vertente, a reorganização da economia mundial nas últimas décadas propiciou a formação de um espaço transnacional, e a circulação de trabalhadores passou a ser mais um entre os vários fluxos, incluindo capital, mercadorias, serviços e informações. Portanto, a variável fundamental para explicar os fluxos migratórios seria o investimento estrangeiro.

Muito embora essas teorias sejam utilizadas como principais referências em pesquisas sobre migração internacional, para alguns autores que pesquisam essa temática⁴ elas apresentam lacunas e não conseguem apreender o fenômeno migratório que ocorre no Brasil. Para Sales (1999), apesar de os pressupostos da teoria neoclássica explicarem, em certo nível, que a decisão de migrar é baseada no cálculo custo-benefício, essa teoria não consegue explicar os motivos que levam pessoas a migrarem em certos países, mesmo quando estes vivenciam altas taxas de crescimento. Essa teoria não se aplica ao caso brasileiro, pois embora o maior número de evasão de brasileiros tenha ocorrido em tempos marcados por crises econômicas, como a década de 1980, “década perdida”, em períodos de certa

⁴ A saber, Fusco (2002), Soares (1995), Sales (1999) e Assis (2002).

estabilidade econômica ou em momentos de altas taxas de crescimento o fluxo migratório não deixou de existir. A mesma carência ocorre com a teoria histórico-estrutural, quando enfatiza que as causas condicionantes para migração deveriam ser observadas nos países de destino, e não nos países de origem dos fluxos, o que também não se aplica ao caso brasileiro, uma vez que historicamente nunca existiu qualquer estímulo/política governamental (principalmente dos EUA) em relação à migração de brasileiros.

De acordo com a autora, muito embora essas teorias de natureza econômica tenham dominado as explicações sociais para as migrações internacionais, as pesquisas hoje buscam destacar fatores propriamente sociológicos das relações sociais, por exemplo, as *redes sociais* e a participação da família nos projetos de quem migra, temas que serão sendo tratados posteriormente nesta pesquisa.

Mesmo assim, é possível observar dentro das teorias e análises sobre fluxo migratório a importância que o *trabalho* exerce, sendo considerado um dos principais motivos para a migração, ou seja, embora existam inúmeros motivos para o deslocamento de pessoas em diversos países, o trabalho torna-se o elemento principal e impulsionador desse processo. A partir desta constatação buscou-se construir uma abordagem, demonstrando como as últimas transformações no mundo do trabalho, ocorridas mundialmente, afetaram o Brasil e, principalmente, as famílias que, em busca da melhoria do nível de vida, optaram pela migração de um dos seus integrantes.

2.2 O fenômeno da migração no contexto das transformações no mundo do trabalho

Nas últimas décadas do século XX, principalmente após a metade dos anos de 1970, o mundo do trabalho experimentou um forte período de crise até então desconhecido pela história. Essa crise refletia a modificação estrutural vivenciada pelo modelo capitalista, que dava sinais de enfraquecimento, sendo necessário para a recuperação do ciclo de reprodução um amplo processo de reestruturação. Esses processos abateram fortemente o mundo do trabalho e todas as economias de países centrais.

Os modelos de produção taylorista – com rígido controle de tempo e movimentos - e fordista – produção em massa e homogênea – que se destacaram na década de 1940, no período do pós-guerra, predominaram na grande indústria capitalista por um longo período de tempo. Aliada a esse modelo havia a presença do estado keynesiano – Welfare State –, responsável pelos gastos sociais e pelo constante crescimento econômico, por meio de políticas voltadas ao pleno emprego, o que possibilitou subsidiar sistemas universais de saúde e educação e assegurar níveis mínimos de emprego e aposentadorias.

Essa tríade, taylorismo-fordismo-keynesianismo, perdurou por três décadas, no período conhecido como os 30 anos gloriosos, idade de ouro ou *boom* econômico. Embora esses modelos tenham trazido um forte e constante crescimento econômico aos países centrais, passaram a não mais responder às exigências do grande capital, uma vez que este se encontrava em um período crítico de crise⁵.

Em resposta a essa crise, surge o modelo de acumulação flexível, tendo no modelo japonês toyotista sua expressão mais concreta. Esse modelo, dotado de grande avanço tecnológico, caracteriza-se por uma produção vinculada à demanda, variada e heterogênea, ao trabalho operário desenvolvido em equipe e com variadas funções e ao melhor aproveitamento possível do tempo de produção (HARVEY, 2003). Para Carneiro (2001), a mudança do regime de acumulação rígido para o flexível implicou intensa mobilidade e concentração do capital no âmbito mundial via formação dos megablocos econômicos. Além disso, essa mudança provocou uma revolução informacional em larga escala, a terceirização dos serviços e a precarização do trabalho. Ao mesmo tempo, a expansão do projeto econômico, social e político *neoliberal* passou a ditar seu ideário composto de reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do Estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com organismos mundiais de hegemonia do capital, como o Fundo Monetário Internacional (ANTUNES, 2000). A partir desta modificação ocorrida no processo produtivo, ensaiam-se modalidades de desconcentração industrial e buscam-se novos padrões de gestão da força de trabalho, dos quais os círculos de controle de qualidade (CCQs), a gestão participativa e a busca da qualidade total são expressões não só no mundo japonês, mas em vários países de capitalismo avançado e do Terceiro Mundo industrializado (ANTUNES, 2000, p. 24).

⁵ De acordo com Mandel (1982, p. 15), desde a formação do mercado mundial do capitalismo industrial houve exatamente 20 crises de superprodução, com intervalos mais ou menos regulares.

Essa forma flexibilizada de acumulação capitalista produziu profundas conseqüências no mundo do trabalho, rebatendo fortemente na classe trabalhadora. Dentre as modificações, visualizam-se a partir de então o trabalho precarizado, o desregulamentado, os terceirizados, os subcontratados, o *part-time*, entre outras modalidades de trabalho que se expandem em nível mundial. Completando esse quadro de transformações, observou-se o aumento do trabalho feminino, o incremento dos assalariados médios e de serviço, a exclusão dos jovens e dos idosos e a inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho. Na contemporaneidade, a classe trabalhadora recebe uma nova denominação: *classe-que-vive-do-trabalho*, compreendendo todos os indivíduos que vendem sua força de trabalho, os assalariados do setor de serviços e proletariado rural, o proletariado precarizado, sem direitos, e desempregados (exército industrial de reserva), excluindo os altos funcionários do capital (ANTUNES, 2000).

Todas essas modificações ocorridas em nível mundial nas últimas décadas evidenciaram um novo ciclo de expansão do capitalismo, que ficou conhecido como processo de globalização. De acordo com Ianni (1996, p. 1), esse processo ocorreu em amplas proporções, envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Vale ressaltar, como assinala Sposati (1998), que esse processo não é uniforme, e por isso não atinge os países da mesma maneira; além disso, não ocorre apenas na esfera da economia, ainda que esta seja determinante.

Essas transformações que afetam mundialmente o trabalho e, conseqüentemente, as economias de países centrais guardam para os países periféricos conseqüências de proporções nefastas. Para Goldani (2002), no Brasil, o reflexo do que ocorre na economia mundial pode ser observado no aprofundamento das reformas estruturais que agravam o quadro de declínio do emprego formal, sobretudo nos grandes centros urbanos. O principal resultado desse processo tem sido a crescente participação de empregados sem carteira assinada e de trabalhadores por conta própria no total das ocupações.

O que se vive hoje no Brasil é a denominada globalização do capital, que tem por fundamento os ideais neoliberais, transformando a sociedade em sociedade de risco. O maior impacto dessa globalização se manifesta na desregulamentação da força de trabalho, no achatamento de salários e no aumento do desemprego, implicando a flexibilização do mercado de trabalho

com o enfraquecimento dos sindicatos e a redução dos direitos trabalhistas (LEITE, 2001).

Em 1996, de acordo com Urani (1997), do total das pessoas ocupadas no Brasil, 47% tinham carteira assinada, 25% não tinham, 23% eram trabalhadores por conta própria, 4% eram patrões ou empregadores e 1% delas eram trabalhadores não-remunerados. A queda do emprego formal atingiu, em particular, homens com mais de 30 anos que eram chefes de domicílio, com baixa escolaridade, e com maior tempo de serviço em seus setores de origem.

Para Barros *et al.* (1998), o mundo do trabalho brasileiro encontra-se cada vez mais multifacetado e as atuais transformações no mercado são marcadas não só pela elevação das taxas de desemprego (7% em 1996), mas, também, por mudanças na estrutura setorial de emprego, sobretudo do emprego industrial.

Diante desse quadro, as famílias se defrontam com uma realidade complexa, que faz com que, para a maioria de seus membros, as trajetórias esperadas – de educação, trabalho, promoção e segurança individual e familiar – simplesmente não existam (GOLDANI, 2002). A ausência de perspectivas de trabalho e renda para uma grande maioria, resultado, entre outros, das profundas modificações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, leva as famílias a desenvolverem inúmeras estratégias de sobrevivência, dentre elas a migração do grupo familiar ou de um dos seus membros.

Em busca de ascensão social recusada no País, traduzida como melhoria do trabalho e do padrão de vida, construção da casa própria, abertura do próprio negócio e poupança que garanta tranquilidade à manutenção da família, muitos brasileiros optam por deixar o País. Nesse novo contexto, as famílias que têm um dos seus integrantes envolvidos no processo migratório, em sua maioria o pai (*provedor*) ou filho, passam a vivenciar novas e desafiantes experiências a partir dessa estratégia de sobrevivência.

Em seguida, buscou-se situar a discussão do fenômeno da migração internacional no Brasil, destacando algumas das suas principais características que auxiliassem na compreensão dos elementos responsáveis pela inserção e consolidação desse fenômeno no nosso país.

2.3 O Brasil no contexto das migrações internacionais

Dentre os fenômenos emergentes no processo de globalização contemporânea, a migração internacional ganha destaque, mobilizando grandes fluxos migratórios em todas as partes do mundo. No Brasil, esse fenômeno vem se tornando evidente, suscitando novas indagações e pesquisas. Em busca de oportunidade de trabalho e melhores condições de vida, muitos brasileiros emigram para países onde essas oportunidades são viáveis.

A migração internacional de brasileiros é um fenômeno extremamente recente em nossa história. Apesar disso, podemos contar com sólidos trabalhos de pesquisa nessa área, desenvolvidos especificamente a partir da década de 1990, entre os quais se destacam Teresa Sales (1992, 1999), Maxine Margolis (1994), Neide Patarra e Baeninger (1995), Gláucia Assis (1999), Ana Cristina Braga Martes (1998), Valéria Scudeler (1999), Wilson Fusco (2002) e outros⁶.

Na grande maioria dessas pesquisas, há um consenso de que o Brasil manteve sua tradição cultural de país receptor de imigrantes desde os tempos coloniais. Essa tradição se consolidou a partir da segunda metade do século XIX, quando houve, por parte do governo brasileiro, um forte incentivo para imigração, devido à dificuldade encontrada com a mão-de-obra escrava, que em 1850 teve o tráfico proibido e em 1888 aboliu o regime escravocrata. Com a escassez de mão-de-obra nas grandes fazendas de café no Estado de São Paulo, os fazendeiros e o governo paulista estipularam acordos e contratos para receberem os primeiros grupos de imigrantes.

Bassanezi (1995) descreve que no período entre 1872 e 1899 entraram no País 1.823.286 imigrantes, dos quais 55% eram provenientes da Itália, seguidos em ordem decrescente por portugueses, espanhóis e alemães. Os japoneses chegaram ao Brasil em 1908, e em 1920 eles perfaziam um total de 29.580. Entre 1926 e 1945, o País recebeu 149.175 japoneses (CARDOSO, 1995). Dessa forma, as migrações internacionais sempre refletiram o Brasil como país de destino das diversas correntes envolvidas nesse processo.

⁶ Embora esses trabalhos sejam referências dentro da temática da migração, há de se ressaltar que o enfoque desses estudos está na problemática dos brasileiros que vivem no exterior, no relato e na análise de suas experiências de vida e trabalho na nova sociedade. Essa perspectiva se diferencia dos objetivos desta pesquisa, que busca analisar as transformações advindas da migração internacional nas famílias daqueles que migraram, sob o olhar dos que permaneceram no país de origem.

A partir de meados da década de 1980, há uma inversão nesse fluxo/movimento, quando o País começa a sentir o impacto de um volume expressivo de brasileiros em direção a outros países. Este fato contribuiu para descaracterizar a idéia de país exclusivamente receptor de fluxos internacionais, bem como a concepção de população fechada com a qual o Brasil vinha sendo pensado nas últimas décadas, onde as migrações internas desempenhavam a expressão máxima dos fluxos migratórios que envolviam o País (OLIVEIRA, 1999). Esse fenômeno, denominado de corrente migratória por se tratar de um fluxo contínuo, conectado por redes sociais⁷ e com proporções numéricas expressivas, torna-se inédito na história do Brasil, uma vez que no cenário dos movimentos migratórios éramos conhecidos apenas como receptores.

Sales (1999), em conformidade com outros autores⁸, afirma que a explicação mais óbvia para a migração internacional ter aumentado seu fluxo nesse período encontra-se correlacionada ao período de crise econômica que o País atravessava, caracterizado como o da década perdida. O número significativo de brasileiros que deixa o País a partir da crise dos anos de 1980 torna-se uma das facetas de nossa recente integração no cenário internacional em tempos globalizados. Para a autora, o fenômeno migratório internacional ganha destaque nessa década, uma vez que, somado ao fator econômico, tem-se o fator político, levando em consideração as esperanças e frustrações dos primeiros anos de redemocratização do País. O cenário em crise extrapola o significado puramente econômico e reflete os elementos políticos que geram os emigrantes da década perdida.

A emigração seria o fruto mais amargo de nossa “década perdida” denominação dada por economistas à década de 80 devido à queda dos indicadores econômicos, pois entramos na economia mundial pela porta dos fundos, fornecendo trabalhadores imigrantes ilegais que fugiram da crise econômica (SALES, 1992, p. 60).

Estima-se, de acordo com Carvalho (1996), que entre 1980 e 1991 1.180.000 mulheres acima de 10 anos e 1.380.000 homens na mesma faixa etária teriam

7 Rede social na migração internacional é definida por Massey (1987) como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras.

8 A saber, Margolis (1994), Patarra e Baeninger (1995), Bógus (1995), Klagsbrunn (1996) e Carvalho (1996).

deixado o País. Embora essa estimativa seja extremamente significativa, não devem ser esquecidos os números que representam a clandestinidade e que, embora não sejam quantificados⁹, supõe-se estar em constante crescimento por meio de fontes não-oficiais. Outro elemento que pode ser identificado é que, apesar de as mulheres migrarem, os homens ainda são números expressivos nesse processo.

De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores (2006), atualmente as migrações internacionais de brasileiros dirigem-se, sobretudo, para alguns pontos receptores em comum, como é o caso dos Estados Unidos (38%)¹⁰, Paraguai (30%), Japão (13%) e alguns países da Europa, dentre os quais se destacam Portugal, França, Itália e Alemanha.

Klagsbrunn (1996) adverte que a recente evasão de brasileiros confirma a existência de problemas estruturais no mercado de trabalho do País, similares aos de países capitalistas avançados, onde são crescentes o desemprego e o subemprego, e onde qualificações, até pouco tempo escassas, tornam-se rapidamente excedentes. Essa ausência de perspectiva de trabalho, acrescentada ao crescimento das aspirações de consumo da classe média empobrecida, faz da emigração para países centrais a via de ascensão social impossibilitada no País.

Segundo Bógus (1997), ocorre no Brasil, pela primeira vez, um quadro de saída da população nacional, tendo-se ao fundo a reestruturação da economia mundial por meio dos processos de globalização que alcançaram projeção na década de 1990. Dentre os fenômenos emergentes no processo de globalização contemporânea, a migração internacional é um dos que assumem novos contornos e apresentam novos desafios no que se refere à sua análise e interpretação. Para a mencionada autora, a dimensão mais importante do processo de globalização, ainda pouco discutida, refere-se à internacionalização dos mercados de trabalho, por meio da migração de trabalhadores. Embora essa modalidade de deslocamento para países industrializados não seja um fenômeno atual, vale ressaltar que sua intensificação ocorreu mais precisamente no pós-Segunda Guerra Mundial. Mas, ao longo dos últimos 20 anos, pode-se observar que esses deslocamentos populacionais sofreram profundas mudanças ligadas à reestruturação dos sistemas produtivos e financeiros, aos impactos das novas tecnologias e à crescente interação promovida pelos meios de

⁹ Apesar da imprecisão de estimativas, há certa convergência de que o número de brasileiros residindo em outros países perfaz 1% da população brasileira (SALES, 1992, p. 33).

¹⁰ Conforme demonstra os dados da pesquisa: os migrantes das 12 famílias entrevistadas encontram-se trabalhando nos EUA.

comunicação, tornando-se também fluxos migratórios globalizados (BÓGUS, 1997, p. 169).

Dentre os diversificados fluxos para o exterior, os mais comuns incluem desde jovens de qualificação profissional média e superior, até jovens e adultos, geralmente com baixo nível de escolaridade e sem qualificação profissional específica, geralmente oriundos de pequenas e médias cidades brasileiras, onde os níveis de salário são muito baixos e as oportunidades de emprego limitadas (BÓGUS, 1998). O fluxo se dirige para países onde existe mercado de trabalho *promissor*, como os EUA, nos quais os migrantes desenvolvem tarefas pouco qualificadas, mas com salários atrativos em comparação ao do país de origem. Essas atividades são encontradas nos mais diferentes ramos, como doméstico, serviços de limpeza, restaurantes, construção civil, entre outros¹¹.

Em busca de realização dos objetivos que no país de origem foram negados, vão atrás do *sonho de fazer a América*, enfrentando cargas exaustivas de trabalho, dificuldades com a língua, saudade da família, além de viverem na clandestinidade. À espera do retorno desse migrante, que pode levar em média entre três e sete anos, encontram-se as famílias, mães, esposas e filhos. Essas famílias, a partir dessa estratégia de melhoria do nível de vida buscada pela migração de um dos seus integrantes, experimentam novas realidades e possíveis modificações. As modificações proporcionadas por essa nova experiência, bem como as possíveis transformações ocorridas nas relações familiares, orientaram os objetivos pretendidos neste trabalho.

2.4 Motivações para a migração interna no Brasil: dados de pesquisas

A palavra migrante frequentemente significa grupo ou indivíduo que se desloca de um lugar para outro. Já a palavra migração advém do latim *migratio*, que significa “mudar de habitação, passar de um lugar para outro, ir embora, sair”. A migração pode ainda ser entendida como um tipo de mobilidade espacial realizada por sociedades humanas, composta por um movimento que se configura na saída ou

¹¹ Scudeler (1999), em sua dissertação de mestrado, intitulada A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho nos EUA, auxilia com dados e abordagens para melhor compreensão dessa análise.

entrada de um determinado lugar, cidade ou país¹². Esse processo pode ser definido como um fenômeno complexo, essencialmente social e com determinações múltiplas, apresentando interações peculiares com as heterogeneidades de uma formação histórico-social concreta. Diante da pluralidade das relações sociais ou dos diversos contextos sociais em que se verifica processo de mudança, a migração tende a assumir feições próprias, diferenciadas e com implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que a compõem e a caracterizam (SALIM, 1992, p. 119).

De acordo com estudos realizados no campo da geografia, em todo processo migratório devem ser considerados o espaço de deslocamento, o tempo de permanência do migrante e a forma como ocorre a migração. Tilly, *apud* Fusco (2002), nos auxilia na compreensão das modalidades e dos tipos diferenciados encontrados em fluxos migratórios: migração por *colonização*, compreendida pela simples expansão geográfica de uma dada população que passa a ocupar territórios disponíveis; migração por *coerção*, que indica uma partida forçada, restrição ou corte total de todas as relações com a origem e mínima relação pessoal do migrante com a comunidade de destino; migração *circular*, que consiste na criação de um circuito regular, em que o migrante mantém contato com sua base de origem e, freqüentemente, retorna depois de um período de trabalho; migração por *cadeia*, que envolve conjuntos de indivíduos ou famílias associadas que se movem de um lugar para outro através de arranjo social; migração de *carreira*, que caracteriza indivíduos e famílias que se mudam em resposta a oportunidades de alterar o status promovido por grandes mercados como corporações e estatais

Em pesquisas sobre migrações, é possível deparar com uma gama diferenciada de motivos que levam pessoas ou grupos a se deslocarem, sejam internamente, dentro do próprio país (migrações inter-regionais e intra-regionais), ou aquelas realizadas de um país para outro (migração internacional). Dentre os estudos relacionados à migração interna no Brasil, alguns trabalhos oferecem inúmeras possibilidades de análises, contribuindo para realizações de possíveis comparações que auxiliam na melhor compreensão do fenômeno migratório, independentemente do lugar ou modo como ele ocorra.

¹² Neste sentido, optou-se neste trabalho pela utilização do termo migrante, ou seja, aquele que deixa o país de origem e passa a viver temporariamente em outro. Esta opção tomou como referência os problemas de entendimento ocorridos geralmente com as terminologias imigrante e emigrante.

Oliveira e Jannuzzi (2004, p. 10) ressaltam que os motivos da migração têm sido um tema escasso em pesquisas amostrais no Brasil. Segundo os autores, o fato se dá em decorrência de dois elementos: a dominância dos modelos, das abordagens e das teorias interpretativas do fenômeno migratório como resultado dos desequilíbrios regionais dos fatores de produção, especialmente o trabalho; e a regularidade empírica do padrão etário dos migrantes jovens, sobretudo homens entre 15 e 29 anos de idade, o que tenderia a confirmar as teses ancoradas por esses modelos e pelas abordagens citadas. Ambos os autores desenvolvem suas análises dentro de um enfoque neoclássico¹³ ou dentro de uma abordagem histórico-estruturalista. No primeiro enfoque, os indivíduos migrariam em busca de trabalho, melhores oportunidades e salários, realizando um cálculo racional-econômico para a escolha do destino. No enfoque histórico-estruturalista a formação de fluxos ou correntes de migrantes resultaria das necessidades e regras do desenvolvimento econômico capitalista no País. Nas duas análises, os motivos da migração – individual ou coletivo – estariam relacionados ao trabalho e aos atores envolvidos neste processo, jovens em plena idade produtiva.

Para Salim (1992), os modelos explicativos e os esquemas interpretativos do fenômeno migratório, de abordagem macro ou microsocial, inspirados em escolas clássicas ou histórico-estrutural, conferem aos desequilíbrios espaciais de natureza econômica a determinação básica dos fluxos migratórios. Partilhando da mesma abordagem, Baeninger (2000) relata que as desigualdades das taxas de crescimento econômico, da oferta de empregos e de nível de salários seriam responsáveis pela criação de áreas propensas à evasão populacional e áreas destinadas à atração migratória, condicionando fluxos de pessoas em busca de trabalho ou melhores rendimentos, além da disponibilidade de serviços públicos e políticas sociais. Assim, seguindo esta lógica, a busca por trabalho e o acesso a serviços sociais deveriam ser os principais motivos declarados para a migração.

A pesquisa realizada por Oliveira e Jannuzzi (2004), intitulada *Motivos para a migração no Brasil: padrões etários por sexo e origem/destino*, realizada na cidade de São Paulo, por meio de informações colhidas na PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001, contraria essa lógica, pois aponta outras motivações

¹³ Rodrigues e Rigotti (2001, p. 84) explicam que enquanto o enfoque neoclássico insere a questão migratória em um modelo de equilíbrio, em que o indivíduo toma racionalmente sua decisão pelo movimento, o enfoque histórico-estrutural insere a migração em um contexto mais global, em que a classe, ou o grupo social, é que migra. Neste caso, a migração é vista como um fenômeno social.

que levam indivíduos a migrarem. Acompanhar a família foi um dos motivos mais mencionados pelos migrantes¹⁴, seguido por motivações relacionadas ao trabalho. O terceiro motivo de maior importância para migração estaria relacionado ao custo da moradia. Em seguida, seria o interesse pela educação e por último, questões relacionadas à saúde.

Antico (1997)¹⁵, em entrevistas realizadas com chefes de famílias migrantes residentes no Estado de São Paulo entre 1980 e 1993, verificou os seguintes motivos para migração: 40,6% fatores profissionais, 25,1% fatores familiares, 12,8% problemas de moradia, 7,1% motivos relacionados ao conhecimento anterior do local, 4,7% maior acesso à infra-estrutura e a serviços, 3% questões de segurança e qualidade de vida e 2% fatores relacionados ao custo de vida mais baixo.

A autora ressalta que mais da metade dos motivos para migrar referem-se a tipos não-relacionados a questões de emprego. Segundo ela, a crescente complexidade da relação migração-emprego pode ser entendida como parte do processo de reestruturação produtiva, que com mudanças nas formas de inserção no mercado de trabalho torna-se elemento fundamental para entender a nova configuração espacial da migração e da urbanização, bem como das inter-relações entre as dinâmicas regionais. Indica ainda que no atual contexto de distribuição espacial da população, caracterizado por movimentos migratórios diversos, outras dimensões, além da econômica, ganham significativo papel decisório para migração, o que torna mais complexas as explicações e análises sobre esse fenômeno.

Cavignac (1998), ao estudar as memórias dos migrantes da zona norte de Natal¹⁶, destaca ser difícil estabelecer uma regra para as migrações, uma vez que estas são muito variáveis. No entanto é possível afirmar, segundo a autora, que há pelo menos dois fatores importantes que levam uma pessoa a migrar: a possibilidade de trabalho e a existência de um parente morando no local de destino. Outro ponto que merece destaque é o fato de no processo migratório existir uma lógica edificada na solidariedade familiar; se os principais motivos da migração são econômicos e

¹⁴ A maior incidência desse motivo ocorreu em função do fato de a pesquisa ter sido aplicada a todos os indivíduos que se deslocaram nos últimos quatro anos, independentemente da idade. Portanto, para cada chefe de família que afirmasse migrar em busca de trabalho, havia cônjuge e filhos que declararam migrar para acompanhar o chefe de família ou pai.

¹⁵ Texto baseado em informações obtidas pela pesquisa Migrações, Emprego e Projeções Demográficas para o Estado de São Paulo: Pesquisa Regional por Amostra Domiciliar PRAD.

¹⁶ Objetivou-se, nessa pesquisa, o estudo sobre as produções narrativas de migrantes residentes em uma zona periférica da capital do Rio Grande do Norte, com intuito de avaliar as transformações de uma cultura dita tradicional inserida em um contexto urbano.

familiares, no caso das pequenas migrações (intra-regionais) elas podem ser motivadas também por outros fatores, como procura de assistência, no caso da seca, ou da necessidade de acesso a serviços como saúde, educação, entre outros.

Maia (2004), ao analisar o processo migratório e as relações de gênero e reciprocidade em comunidades camponesas no Vale do Jequitinhonha-MG, define a migração como estratégia de reprodução social. Segundo a autora, a migração em suas diversas modalidades sempre foi utilizada como estratégia para a reprodução social de grupos camponeses e de cada família em particular, apresentando-se como um recurso tradicional no alívio de tensões econômico-sociais.

Essa estratégia, conhecida como migração sazonal, não ocorre com todos os membros da família, mas prioritariamente com o pai, principal provedor, e com os filhos maiores, seguidos de outros membros em alguns casos. O caminho do migrante sazonal, a partir principalmente do final da década de 1970, segue, na grande maioria das vezes, um mesmo destino: as usinas de cana-de-açúcar no interior do Estado de São Paulo, região conhecida por uma agricultura altamente modernizada e pela grande capacidade de absorção de mão-de-obra volante. Os membros do grupo familiar que ficam, sobretudo as mulheres e mães, são os responsáveis pela manutenção da agricultura, meio pelo qual garantem a permanência e o vínculo com a terra patrimônio.

Ainda de acordo com Maia (2004), tanto a partida como o retorno dos homens encontram-se diretamente ligados às necessidades de sobrevivência e bem-estar das famílias, expressas na compra de remédios, pagamento da *venda*, construção ou reforma da casa, instalação da rede elétrica, aquisição de eletrodoméstico, antena parabólica, entre outros. A opção pela migração é quase sempre vista como uma resposta às escassas condições de existência, marcada por necessidade imediata. Com os mais velhos essa *opção* pode ocorrer por fatores como incerteza da produção em decorrência do clima, o nascimento de mais um filho ou adoecimento de outro. Já os mais novos e solteiros optam pela migração por influência do pai, ou buscando atender a interesses individuais, como comprar moto, aparelho de som, roupas, ou para constituir família.

Portanto, muito embora as motivações para migração interna sejam um tema ainda pouco estudado no Brasil, somado à dificuldade de se estabelecer regras para a compreensão deste fenômeno, pode-se observar a supremacia de alguns elementos que, em maior ou menor grau, impulsionam essa modalidade migratória. Apesar de a

busca por trabalho, emprego e melhores salários ainda ser o motivo mais comum, observam-se outras dimensões na atualidade, além do campo econômico, que favorecem a migração. Fatores como acompanhar a família, custo da moradia, educação, saúde, segurança, busca por melhores condições de vida, necessidade de reprodução social do grupo, dentre outros, ganham destaque dentro das motivações que impulsionam a migração interna, demonstrando a complexidade que envolve este fenômeno.

Outro elemento que deve ser levado em consideração é a importância do papel da família e das redes sociais como impulsionadoras e facilitadoras do fenômeno migratório. Na sequência, buscou-se descrever a importância exercida pelas redes sociais no processo migratório, especialmente em se tratando da migração internacional.

2.5 A importância desempenhada pelas redes sociais no processo migratório internacional

De acordo com Santos (2005), no início as teorias migratórias tiveram apoio principalmente em análises macroeconômicas, enfatizando, sobretudo, as determinações econômicas e raramente a dimensão política, social e cultural do processo migratório. Desta maneira, ao priorizar somente a estrutura econômica, a migração esteve limitada às análises de oferta e procura de empregos, ou à teoria da repulsão e atração de determinadas regiões. Neste tipo de análise, ficavam excluídas as experiências cotidianas dos migrantes, a variabilidade de suas práticas sociais, as estratégias e os recursos disponibilizados, os contatos estabelecidos no trajeto da migração, as relações de sociabilidade construídas a partir desta experiência, com também as articulações internas e externas do seu grupo familiar e sua importância neste contexto.

Segundo Massey (1997), somente no início da década de 1920 é que os autores Thomas e Zmacecki, no clássico trabalho *The Polish Peasant in Europe and America*¹⁷, reconheceram a importância das redes sociais no processo migratório. Mas embora nessa época, por meio dos estudos da Escola de Chicago, a migração tenha se apresentado como uma questão de cunho social e não apenas econômica, foi

¹⁷ O Camponês Polonês na Europa e na América. Um Trabalho Clássico da História da Imigração.

somente no fim da década de 1980 que ocorreu sua incorporação às pesquisas de migração internacional.

A partir de então, vários pesquisadores¹⁸ do assunto relataram que a migração internacional ocorre ancorada nos laços das redes pessoais de relações, que, por sua vez, propiciam a circulação de informações e de pessoas, aliciando, amenizando e facilitando a travessia e o alojamento do migrante desde seu lugar de origem até o país de destino. Para isso são acionadas entre os membros da rede social táticas e estratégias, o que possibilita que pessoas circulem e habitem lugares diferentes, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais (SANTOS, 2005, p. 53).

No Brasil, embora os estudos sobre fenômeno migratório internacional sejam ainda recentes, na maioria das vezes são apoiados na abordagem de Massey (1987) e Tilly (1990), que destacam que a presença e o fortalecimento das redes sociais são tão importantes e decisivos quanto à oferta de trabalhos para o impulso da migração internacional. Massey (1987) observa que cada comunidade possui uma especificidade na organização de suas redes sociais, moldando grupos comunitários também diferenciados entre si. Além disso, o autor sustenta que a migração é um processo social estruturado e que, uma vez iniciado, torna-se cumulativo, alimentado por idas e vindas dos migrantes entre comunidades de origem e o país de destino. Ressalta, ainda, que esse movimento é mantido e reforçado por diferentes tipologias de ligações sociais, mas as formas de parentesco são uma das mais importantes bases da organização social da migração e as conexões familiares são um dos mais seguros laços dentro da rede social.

Por meio desses primeiros estudos, foi possível a construção de uma definição mais precisa sobre rede social, que se tornou freqüentemente utilizada nos estudos brasileiros.

A rede de migrantes consiste em ligações sociais que ligam comunidades de origem a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços ligam migrantes e não migrantes dentro de uma complexa teia de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidos por um tipo informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos. As relações sociais que constituem as redes sociais de migrantes não são exclusivas aos migrantes, mas se desenvolvem como

¹⁸ Como Massey (1987), Sassen (1988), Tilly (1990), Boyd (1989), Graeme (1997), Graeme (1998) e Sales (1999).

resultados de laços humanos universais que são moldados por circunstâncias especiais na migração internacional. Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório, mas adaptados a ele, e ao longo do tempo são reforçados pela experiência comum da própria migração (MASSEY, apud SANTOS 2005, p. 54).

O papel desempenhado pela rede social torna-se importante tanto para o migrante, quanto para a família que fica, na medida em que ao facilitar o processo migratório, proporcionando *apoio para o migrante na chegada em um novo país*, propicia também aos membros da família tranquilidade ao saber que o migrante terá uma boa acolhida. Segundo Fonseca (2005), nas últimas décadas passou-se a reconhecer, cada vez mais, que as famílias são os principais agentes de tomada de decisão e que as migrações poderão ser mais bem compreendidas se forem entendidas como parte de um conjunto mais amplo de estratégias de grupo que visam a sustentação e melhoria das condições socioeconômicas.

As análises propostas por Massey (1987) possibilitam compreender que os laços sociais herdados de certa organização social apresentam-se como recursos e estratégias para operacionalizar o processo migratório, ou seja, a rede social da migração forma-se a partir de redes pessoais existentes antes da ação migratória, articulando duas escalas: o local da partida com os pontos de chegada.

Já a análise de Tilly (1990) indica que o processo migratório é seletivo e que nem todas as pessoas de um mesmo local de origem optam pela migração. O modo de organização social dos migrantes pode, ao mesmo tempo, constranger ou facilitar o movimento de pessoas. Ainda segundo o autor, o que irá definir a participação na rede é o pertencimento a uma dada organização social. Muito embora uma pessoa migre sozinha, ela faz parte de um processo social que é edificado primeiramente no seu local de origem, reconstruído tanto na própria sociedade de origem quanto na de destino. As redes que enviam migrantes são conectadas às que recebem, possibilitando aos novos migrantes o acesso ao trabalho, à casa e à sociabilidade. Pertencer à rede social nesse processo implica oportunizar recursos, informações, hospedagem e trabalho, condições essenciais para que o migrante possa amenizar as dificuldades encontradas nesse percurso.

Soares (1995) lembra que a rede migratória internacional é um tipo específico de rede social da qual fazem parte certas representações sociais que constituem o cerne da cultura migratória. Segundo o autor, a rede social na migração tem a

possibilidade de agregar outras redes sociais existentes, possibilitando no seu curso o surgimento de novas redes.

Para melhor visualizar e entender a estrutura e os mecanismos da rede social na migração internacional, a definição de Castells (2000) é fundamental. Para o autor, a rede é um conjunto de nós interconectados, ligados uns aos outros por diferentes linhas. Elas podem ser compostas por indivíduos, grupos de indivíduos ou instituições, sua estrutura é dinâmica e indeterminada, e sua configuração flexível, fluída e indefinida. A rede por definição não possui um centro, mas nós de diferentes dimensões e com relações internodais que podem ser simétricas ou assimétricas. Mance (2000), ao abordar as redes sociais, descreve essa mesma estrutura da seguinte forma:

Trata-se de uma articulação entre diversas unidades, que, através de certas ligações, trocam elementos entre si fortalecendo-se reciprocamente. Estas podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável. Cada nódulo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos (MANCE, 2000, p. 24).

Outra contribuição aos estudos sobre redes sociais é proposta por Lazega, *apud* Santos (2005), ao afirmar que a rede social implica uma ação em concerto para atingir objetivos comuns ao grupo. A rede social é geralmente definida como um conjunto de relações específicas, com colaboração, apoio, conselho, controle ou ainda influência, entre um conjunto limitado de atores. Essas entidades ou atores coletivos são mais que um sistema de relações entre membros, podendo compreender uma cultura ou um sistema de normas.

As reflexões aqui apresentadas reforçam a importância que a rede social desempenha no processo migratório. Composto essa imbricada rede, a família exerce um importante papel no processo migratório. Conforme destaca Fazito (2005), mesmo em sistemas migratórios em que os primeiros migrantes se deslocaram com o auxílio de intermediários, como recrutadores, agentes de empresas ou governos, a consolidação das redes sociais de migração encontrava-se diretamente associada aos laços familiares.

No que diz respeito ao papel da família, nesse sentido, a “*família que fica*” pode constituir um importante apoio material e afetivo (muitas vezes, o principal) para a concretização dos projetos de quem migra. Na realização dos projetos, que geralmente extrapolam a construção da casa própria, percebe-se, freqüentemente, o envolvimento de todos os familiares. São eles que recebem, administram e investem o dinheiro enviado pelo migrante. Essa organização contraria, pois, uma lógica puramente econômica da migração. Nesses termos, compreender a lógica que explica os movimentos migratórios não diz respeito apenas ao entendimento da lógica dos indivíduos. Essa análise perpassa o debate e a análise dessa instituição, a família. Buscou-se, então, compor um aporte teórico que possibilite compreender melhor essa instituição no que diz respeito às suas variadas formas de organização, modelos, dinâmicas etc. Nesses termos, a família foi pensada como uma categoria de análise plural e diversa, refletida dentro de uma perspectiva de que essa instituição está em constante mudança, refutando a idéia de modelos cristalizados. Suas manifestações se dão de forma variada em diferentes culturas, classes sociais e religiões, e como tal está sujeita a múltiplas interpretações, a depender do olhar e do lugar de quem analisa. É com essa justificativa que, inicialmente, passou-se a desenvolver uma breve discussão da família como uma categoria analítica.

2.6 A família como uma categoria analítica

Segundo Bruschini (1997), muito embora a família sofra uma forte tendência de ser naturalizada tanto pelo senso comum, como pela tradição científica, “reconhecendo o grupo conjugal como forma básica e elementar de toda família e a percepção do parentesco e da divisão de papéis como fenômenos naturais”, é necessário transpor essa tendência na busca por uma compreensão mais precisa acerca dessa categoria.

A idéia de que a família é um fato cultural historicamente condicionado encontra-se respaldada em contribuições de vários autores de diferentes áreas do conhecimento. Elas ajudam a contrapor a idéia bem difundida de que a família é um grupo natural, solidificado apenas na essência biológica humana, ou seja, na consangüinidade e na filiação.

Lévi-Strauss (1976), por meio do estudo das estruturas elementares de parentesco, formulou a tese de que a família é fruto da sobreposição entre a natureza e a cultura, com a invenção do tabu do incesto. Essa tese permitiu afirmar a supremacia da regra cultural da afinidade sobre a regra natural da consangüinidade. A proibição do incesto encontra-se diretamente ligada à origem das regras do casamento, apoiado em um sistema geral de trocas, denominado exogomia¹⁹. Sua função seria garantir a vitalidade dos grupos humanos, excluindo as chances da família biológica tornar-se um sistema fechado de relações.

Para o referido autor,

a proibição do incesto não é tanto uma regra que proíba casar com a mãe, com a irmã ou com a filha, mas, sobretudo, uma regra que obriga a ceder aos outros a mãe, a irmã, a filha. É a regra do dom por excelência (LÉVI-STRAUSS, p. 360).

O modelo de família monogâmica, patrilinear, presente na atualidade, alicerçado no princípio natural da filiação e no fato cultural da transmissão hereditária de bens a filhos certos e legítimos, foi uma descoberta muito posterior. Esse fato surgiu somente quando se descobriu a relação entre o ato sexual e a filiação, provocando uma virada histórica na humanidade, uma vez que se pôde firmar a relação família e propriedade com a possibilidade da transmissão de bens a filhos certos e legítimos.

Com a pesquisa histórica de Ariès (1978) sobre a sociedade européia, torna-se possível conhecer as diferenças na organização familiar ao longo da história. Para ele, foi na modernidade que se estabeleceram os limites claros entre o familiar e o social. Nesse período surge e desenvolve-se a idéia de privacidade, o *sentimento da casa*, e assim o sentimento familiar originário da aristocracia e da burguesia que passou a ser incorporado por toda sociedade.

A família muda de sentido. Deixa de ser uma unidade econômica e tende a tornar-se um lugar de refúgio, de afetividade, onde se estabelecem relações de sentimento entre o casal, os filhos e o lugar (bom ou mau) de atenção à infância (...). Por outro lado, enquanto grupo, a família separa-se mais nitidamente do que antes do espaço público. O pai de família torna-se uma figura moral que inspira respeito a toda sociedade (BRUSCHINI, 1997).

¹⁹ Regime social em que os casamentos se realizam com membros de tribo estranha ou, dentro da mesma tribo, com os de outra família ou de outro clã.

Prost (1992), ao analisar a família no contexto das fronteiras entre público e privado, com base na sociedade francesa do pós-guerra até a atualidade, aponta para a historicidade com os quais esses espaços foram sendo construídos. Para o autor, as mudanças no mundo do trabalho, juntamente com a dissociação entre família e empresa, foram fundamentais para a constituição do modelo familiar conhecido atualmente, cujas relações se alteram significativamente. Dentro dessa nova lógica os indivíduos conquistaram na família o direito à autonomia, o reconhecimento de uma vida privada individual anteriormente desconhecida.

No Brasil, em seus primeiros séculos de colonização não foi diferente. Pode-se observar que a organização familiar foi fortemente influenciada por elementos que marcaram intimamente a formação da sociedade brasileira. Dentre eles podem ser citadas a enorme distância que separava a Colônia da Metrópole, a escassez de mulheres brancas, a forte presença da escravidão negra e indígena e a precariedade de vários recursos, possibilitando a construção de modelos diferenciados de família.

Para Algranti (1997), encontram-se nesse período, dentro de um mesmo espaço domiciliar, pessoas de uma mesma família nuclear com um ou mais escravos, ou diferentes composições com agregados, parentes próximos, mães viúvas ou irmãs solteiras. Em outros espaços era possível encontrar mulheres com filhos sem a presença do marido; casal de cônjuges com a concubina do marido morando sob o mesmo teto; e filhos naturais e ilegítimos, que em grande parte eram criados com os legítimos.

Tantas foram as formas que a família colonial assumiu que a historiografia recente tem explorado em detalhes suas origens e o caráter das uniões, enfatizando-lhe a multiplicidade e especificidades em função das características regionais da colonização e da estratificação social dos indivíduos (ALGRANTI, 1997, p. 87).

Compartilhando dessa mesma visão, Corrêa (1994) sugere uma revisão quanto à hegemonia do modelo de família patriarcal brasileira presente nesse período, em regiões de grandes unidades de produção – engenhos de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café –, que manteve sua continuidade por meio da incorporação de novos membros, parentes legítimos e ilegítimos e extensos clãs, tendo sua transformação ocorrido mediante a decadência, com o surgimento da

industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, promovendo espaço ao surgimento da família conjugal moderna.

Para a autora, novas pesquisas indicam que a família patriarcal não pode ser mais vista como a única forma de organização familiar do Brasil colonial, uma vez que em torno desse cenário, fixo e imóvel, uma sociedade multifacetada, móvel e dispersa se fazia presente. Era possível encontrar uma ampla e diversificada composição populacional, como também tipos diferentes de mão-de-obra, como indígena, trabalho livre, assalariado, artesãos, pequenos proprietários, peões, posseiros, entre outros.

De acordo com Romanelli (2005), as atuais pesquisas sobre família no Brasil também têm demonstrado a diversidade na sua organização, no que se refere à composição e às formas de sociabilidades existentes no seu interior. Muito embora exista uma gama de diversidade na composição da instituição doméstica e suas relações internas, a família nuclear, constituída por marido, esposa e filhos, impera como maioria nos arranjos domésticos no País. Mesmo assim, o autor ressalta que a importância dada ao modelo da família nuclear não reside no fato de esta ser numericamente expressiva, mas do significado simbólico que ela foi revestida ao longo do tempo, transformando em modelo hegemônico, ou seja, um referencial e ideal de ordenação da vida doméstica para a maioria da população.

Esse modelo de família, em linhas gerais, tem como atributos básicos: uma estrutura hierarquizada, no interior da qual marido/pai exerce autoridade e poder sobre esposa e filhos; a divisão sexual do trabalho bastante rígida, separando tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre cônjuges e entre esses e a prole, sendo que neste último caso há maior proximidade entre mãe e filhos; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual (ROMANELLI, 2005, p. 75).

Bourdieu (1993) ressalta que a família que somos levados a considerar como *natural*, uma vez que esta se apresenta com a evidência do *sempre assim*, é uma invenção recente, e pode estar caminhando para um rápido desaparecimento. Para Bourdieu, a família é apenas uma palavra, uma simples construção verbal, mas que ao mesmo tempo se transforma em *palavra de ordem*, ou melhor, de uma categoria, um princípio coletivo de construção da realidade coletiva. Para que a família passe de ficção nominal para um grupo real, estando os membros unidos por laços afetivos,

é preciso considerar os trabalhos simbólico e prático que tendem a *transformar a obrigação de amar em disposição amorosa e a dotar cada um dos membros da família de um espírito de família gerador de devotamentos, de generosidade, de solidariedades*. As estruturas de parentesco e a família como *corpo* somente perpetuam ao preço de uma criação contínua de sentimento familiar, alimentado pelas trocas simbólicas presentes na vida cotidiana como dádivas, serviços, ajudas, atenções e gentilezas.

A família é, portanto, entendida como produto de um trabalho ritual e técnico de instituição que tem o propósito de instituir, de forma duradoura em cada um de seus membros, sentimentos capazes de possibilitar a integração ou a unidade. Para isso, existem os ritos da instituição (casamento, a imposição do nome etc.) que, independentemente das variações dos sentimentos individuais, têm o propósito de reafirmar, criar e reproduzir constantemente *as afeições obrigatórias e as obrigações afetivas do sentimento familiar (amor conjugal, amor paterno e materno, amor filial, amor fraterno etc.)* (BOURDIEU, 1993).

Diante dessas exposições, a família neste estudo será analisada como uma instituição historicamente condicionada e dialeticamente articulada com a sociedade na qual está inserida, o que implica compreender as múltiplas formas de famílias em diferentes espaços de tempo e em diferentes lugares. Esta percepção proporcionará pensar a família dentro de uma perspectiva de mudanças constantes, descartando a idéia dos modelos cristalizados propostos e aceitos continuamente. Outro ponto aqui considerado será reconhecer a família como grupo social construído sob uma dada hierarquia, com papéis definidos, perpassados por vínculos afetivos e de poder, por conflitos e por consensos.

3. DESVENDANDO A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO MUNICÍPIO DE IPABA A PARTIR DAS 'FAMÍLIAS QUE FICAM'

Para entender a migração internacional ocorrida no município de Ipaba, na perspectiva das 'famílias que ficam', buscou-se, inicialmente, situar o contexto regional que cerca aquelas famílias. Essa contextualização possibilitou relacionar os elementos que auxiliaram na consolidação da cultura migratória, relacionando os processos sociais, econômicos e políticos ocorridos na região pesquisada. Silva (1999) ressalta que as pessoas não migram somente pela vontade individual, ou porque sentem desejo de fazer isso, uma vez que a migração deve ser vista como um processo social, possuindo condicionantes sociais, políticos, econômicos e culturais que atingem os indivíduos independentemente de sua vontade. Posteriormente, buscou-se analisar os fatores envolvidos na consolidação do processo migratório, em especial a presença da família no projeto de migrar, o papel das redes sociais e dos projetos – individuais e coletivos – no processo migratório. Essas análises foram desenvolvidas a partir de diferentes momentos: as estratégias da partida, o envio das primeiras remessas, o emprego dos recursos e a importância da casa própria nos projetos da família e do migrante.

3.1 O contexto regional

A migração internacional ocorrida na cidade de Ipaba iniciou-se a partir da influência do município de Governador Valadares, que fica a 107 km de distância. É

nessa cidade que é realizada a maioria dos contatos para os interessados em migrar, por meio de pessoas que detêm informações de como chegar aos EUA, seja pela clandestinidade, via México, ou por meios legais. Essas possibilidades de informações são verificadas pelo abundante número de serviços estabelecidos na cidade, sobretudo nas últimas décadas, como agências de turismo, casas de câmbio e sede da polícia federal, o que facilita a retirada de passaportes, além das redes sociais já consolidadas no município.

Portanto, para entender como esse fluxo migratório se estabeleceu de forma tão acentuada e contínua nessa cidade, influenciando outros municípios como Ipaba, foi necessário voltar um pouco na história do município, demarcando o contexto e os principais elementos que propiciaram, nessa localidade, uma cultura migratória.

A migração internacional originou-se em Governador Valadares no fim dos anos de 1940 e início dos anos de 1950. De acordo com Assis (1999), foi durante a Segunda Guerra Mundial, período de apogeu da extração da mica²⁰, que a cidade, rica neste mineral, teve sua economia aquecida pela presença de norte-americanos, que se transferiram para o município com o objetivo de extrair, beneficiar e comercializar o minério, estabelecendo os primeiros contatos com os EUA.

Fusco (2002) assinala que a presença norte-americana na cidade de Governador Valadares estimulou a criação de um imaginário na vida dos seus moradores, contribuindo para a explicação do fluxo migratório originado nesse município. Segundo o autor, a convivência tão próxima com os estrangeiros elevou o padrão de vida dos habitantes, que se beneficiavam especialmente pelo pagamento em dólares pelos serviços prestados e pelo investimento externo em saúde para a população local. Relatos de moradores que viveram esse período, coletados na pesquisa de Assis (1995), ajudam a ilustrar essa idéia.

Naquela época, um dólar era 19 cruzeiros. Eu engraxava um sapato a 1,50 cruzeiros. Eles, os americanos, davam um dólar e não pediam o troco. Pediam para comprar cigarro ou jornal e não pegava o troco, a gente pensava que o dólar era fácil de ganhar (Relato IV, 55 anos).

O SESP (Serviço Especial de Saúde Pública) foi criado em 1943 através de um convênio Brasil-EUA, com a finalidade de extinguir a malária que assolava a região. Na direção do SESP, os principais cargos eram exercidos por americanos, os outros por

²⁰ Precioso minério utilizado para isolamento na indústria bélica e na fabricação de rádios.

brasileiros. (...) Todavia, atribuo que o gasto do americano com a extinção da malária se prendesse ao interesse pela obtenção da mica (Relato V, 70 anos).

Siqueira (2004) reforça essa idéia ao afirmar que o contato com o dólar recebido como pagamento ou gorjeta aos favores ou trabalhos prestados, cujo valor era muito acima da moeda brasileira, passava a idéia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Porém, o tempo de progresso e dinamismo se foi com os americanos. Após um período com alto índice de crescimento econômico durante a década de 1950, a diminuição da demanda mundial pela mica, juntamente com o esgotamento da extração da madeira, provocou forte estagnação econômica no setor primário dessa região (FUSCO, 2002). O desenvolvimento da pecuária, de corte e leite, que se destacou como atividade mais importante, não foi capaz de absorver a mão-de-obra que sobrou do ciclo extrativista. Com o fim do ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos Estados Unidos como o *Eldorado*, sendo a opção de muitos moradores correr atrás dos *tão sonhados dólares*.

A cultura migratória estabelecida nessa região, principalmente em direção aos Estados Unidos, extrapolou a vida dos próprios migrantes, passando a fazer parte do cotidiano da cidade e dos seus moradores, como mostra uma afirmação jocosa e freqüente dos próprios valadarenses: *todo o valadarense tem duas bicicletas e um amigo ou parente na América*. Essa expressão, muito comum na cidade, surgiu devido à associação feita entre os migrantes e as bicicletas, relacionando dois dados do cotidiano das famílias desse local. No período da extração da mica, a bicicleta era o meio de transporte mais utilizado pelas *miqueiras* que cruzavam a cidade, costume este ainda comum devido à natureza plana do município. Da mesma forma que a bicicleta, a migração se incorpora à vida de parcela significativa da população como algo extremamente natural (ASSIS, 2002).

O fluxo migratório originado nesse município foi paulatinamente influenciando cidades menores e vizinhas, criando em seus moradores a idéia de possibilidades viáveis para a realização do *Sonho de fazer a América*. Dessa forma, a região do leste mineiro, que abrange Governador Valadares e municípios circunvizinhos como Ipaba, tornou-se conhecida pelo número de pessoas que, anualmente, migram em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho em outros países como os Estados Unidos. As famílias que ficam no Brasil vivenciam e compartilham dessa experiência, que na maioria das vezes é dividida em três fases

distintas: a partida, a espera e o retorno desse integrante. Para algumas delas, essas fases se resumem apenas às duas primeiras: a partida e a espera por um retorno que não acontece.

3.2 As motivações

Os problemas econômicos ocorridos no Brasil nos últimos anos vêm impossibilitando oportunidades de ascensão social para muitas famílias. Diante desse quadro, como afirma Goldani (2002), o grupo familiar se defronta com uma realidade complexa, de dificuldades econômicas e de trabalho, em que inúmeras trajetórias esperadas simplesmente não se concretizam. Essa realidade foi revelada por meio da fala de todas as famílias entrevistadas e se coloca aqui, de forma exemplificada, no depoimento de dona Eliana, quando questionada sobre as razões que levaram seu marido a migrar.

... foi para fora para conseguir alguma coisa, né? Porque o custo de vida, as coisas aqui tá muito difícil, pra ver se a gente tem uma condição de vida melhor... (dona Eliana).

O desejo de melhoria do nível de vida foi mencionado por todas as famílias, materializado, para a maioria delas, no sonho de reforma ou construção da casa própria. Esse desejo esteve presente em dez, das 12 famílias que fizeram parte da pesquisa, tanto pelo migrante, como para as famílias entrevistadas, conforme relatos evidenciados nos depoimentos a seguir:

A razão é que o sonho dele era ter uma casa, uma casa própria. A única coisa que levou ele embora foi pra gente conseguir nosso sonho de ter uma casa (dona Marta).

Minha casinha, que tinha aqui, tava caindo os pedaços, não valia nada minha casa; vazava, caía parede. Então ele disse: mãe, pra mim dá a senhora uma casa, ajudar a senhora, eu tenho que ir embora (dona Tereza).

O meu filho, o sonho dele é conseguir uns U\$10.000,00 lá, comprar uma casa aqui e vir embora (dona Lúcia).

Ah! Ele foi em busca de comprar um sítio pra ele, pois este era o sonho dele (dona Maria).

O projeto de construção ou reforma da casa própria pode estar associado ao interesse de retorno do migrante, uma vez que a casa/moradia evidencia um sentido de pertencimento a um dado lugar, de fixação ou enraizamento na cidade natal. Nessa perspectiva, os Estados Unidos, um dos principais destinos escolhidos pelos migrantes, é visto como um lugar de passagem, com tempo estipulado de permanência e ordenado mediante a realização dos projetos desejados. Essa perspectiva é percebida na fala de dona Margarida, em relação aos dois filhos que migraram, especialmente a filha, que faz planos para comprar uma casa para a família e em seguida retornar.

Eles (os filhos) foram com objetivo de ter uma casa. Foram em busca de comprar uma casa. Porque aqui tava muito difícil, sabe? Minha filha deixou as duas filhas pequenas para eu cuidar. Ela foi em busca de comprar uma casa e retornar, pois com o serviço daqui isso fica impossível (dona Margarida).

O tempo de ausência do migrante fora do País será demarcado, geralmente, pelo tempo empregado para a construção ou reforma da casa própria, ficando o seu retorno condicionado à integralização deste projeto, conforme relata dona Marta.

Meu marido vai ficar por lá até nossa casa ficar pronta! Assim que a obra acabar, ele volta (dona Marta).

Meu marido decidiu que, apesar das dificuldades, só volta depois da casa pronta. Espero que a gente consiga (dona Isabel).

Para ser realizado, o projeto de construção ou reforma da casa própria mobiliza coletivamente todos os membros da família, que na ausência do migrante tornam-se os responsáveis pela realização deste sonho. Assis (1999) ressalta que a migração temporária envolve as famílias na medida em que o sonho dos migrantes é juntar dinheiro na América e retornar ao Brasil. Para isso, são as famílias que cuidam dos filhos, dos negócios, da vida que fica aqui, evidenciando que esse projeto torna-se familiar, afetivo e econômico, uma vez que envolve também aqueles que não migraram. Assim ocorreu com dona Ana, que na ausência dos filhos contou com o apoio da família para construção da casa, conforme seu relato.

Meus filhos mandavam dinheiro para obra. Os outros (filhos) daqui escolhiam o que era melhor comprar, a gente decidia e então comprava (dona Ana).

O mesmo vem ocorrendo com a família de dona Lúcia, que é quem, na grande maioria das vezes, decide os investimentos em imóveis dos filhos que estão fora.

Eu acabo cuidando de tudo para meus filhos. Na verdade sou eu que mais olho tudo: procuro as casas, escolho, negocio. Outro dia achei engraçado, pois meu filho reclamou ser difícil me encontrar em casa. Ele disse: nossa mãe, a senhora não pára. Virou empresária! (dona Lúcia).

Cabe mencionar que o fascínio e o desejo pela obtenção da casa própria, observados nos planos da família do migrante, sempre estiveram presentes no imaginário da realidade brasileira. Bonduki (1998), ao estudar as origens da habitação social no Brasil, reforça essa característica, lembrando que a casa própria para a população brasileira exerceu, historicamente, a aspiração máxima no plano da vida privada da família trabalhadora. A casa representa, acima de tudo, a segurança de um abrigo permanente, a garantia de moradia, a conquista do trabalhador, proporcionando consistência à formação do lar, território da vivência cotidiana da família como unidade de sociabilidade básica. Ainda assim, para diferentes classes sociais, a casa desempenha importantes funções simbólicas e subjetivas, como satisfação própria, garantia de estabilidade, *status* social e cultural da família, além de proporcionar refúgio seguro diante das incertezas do mercado de trabalho (BONDUKI, 1998, p. 310).

Da Matta (2001), ao explorar os elementos formadores da identidade brasileira por meio da cultura, relata a importância que a casa exerce na vida da família. Ao contrapor os espaços da casa e da rua, o autor observa que estes ambientes, no Brasil, não representam apenas espaços geográficos, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social. O espaço da casa contempla uma dimensão da vida social permeada de valores e realidades múltiplas, pois em casa somos membros de uma família e de um grupo fechado, com fronteiras e limites bem definidos. Segundo o autor, quando falamos de “casa”, não estamos nos referindo simplesmente a um local onde dormimos, comemos ou que usamos para nos abrigar do vento, do frio ou da chuva, mas sim de um espaço profundamente totalizado em

uma força moral. Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos, que tem um corpo físico e também uma dimensão moral e social.

A casa, segundo Da Matta (2001), permite uma leitura especial do mundo brasileiro, pois entre nós ela ordena o mundo em que vivemos. Mesmo que possamos ter uma percepção de nossas moradas como lugares singulares, espaços exclusivos, todas as casas são únicas, domínio onde se realiza uma convivência social profunda.

A casa própria continua tendo grande importância para o brasileiro, conforme evidenciou esta pesquisa. De acordo com os projetos de quem migra, a casa tem o sentido de pertencimento, identidade, distinção e ascensão social. Por causa disso, é na cidade natal que o migrante tem a possibilidade de concretizar o seu sucesso e sua mobilidade social, por meio das construções das casas nos bairros de origem, modificando não apenas os espaços, mas materializando a mudança pretendida.

Além do sonho da casa própria, desejo da grande maioria de famílias, as famílias elencaram outras razões que impulsionam a migração dos moradores de Ipaba. Essas razões estiveram relacionadas à esfera do trabalho, como ausência de perspectivas de bons empregos e salários compensadores para os maridos e filhos em idade produtiva, conforme os relatos a seguir.

Ah! A dificuldade é de trabalho, né? Aqui, as oportunidades eram poucas! (dona Conceição).

(Ele foi embora por causa de) problemas de emprego que não tinha aqui, né? Era preciso ganhar mais um pouco, pra conseguir alguma coisa. Aqui não tem jeito não! (dona Ana).

Ah! Porque aqui meu filho não conseguiu atingir o objetivo dele. Como eu falei, ele jogava bola, mas não deu certo! Ele foi aqui, ali!... Então ele falou com o pai dele: 'O jeito é sair fora, porque ficar aqui trabalhando assim, ganhando um salário mínimo (R\$240,00)... Então, não dá! Então eu tenho que partir, né?' É muito difícil, mas fazer o que? (dona Júlia).

Meu filho foi embora por causa das condições de emprego, né? No Brasil está difícil! Inclusive meu filho tentou de tudo aqui. Ele não tinha vontade de ir. Tentou arrumar trabalho, e não conseguiu. Foi obrigado a ir. Não foi opção, ele foi obrigado mesmo! (dona Isaura).

Observa-se nesses depoimentos que a opção pela migração internacional foi a saída encontrada pelos migrantes para reverter, modificar, as possibilidades de

alcançar melhores trabalhos e salários. Além disso, os relatos comprovam os reflexos das transformações ocorridas no mundo do trabalho, presentes também na região de Ipaba, que vem provocando, entre outras modificações, a diminuição dos postos de trabalho e o aumento de pessoas desempregadas. Conforme dados do IBGE/PNAD (2004), o Estado de Minas Gerais vem gradativamente aumentando o número de pessoas desempregadas. Em 1997, a população de desempregados perfazia um total de 6,4%; em 1998 esse número aumentou para 8,2%, passando para 8,7% em 1999, e em 2001 chegou a 9,4%.

Outro elemento motivador para migração referiu-se à preocupação com o futuro dos membros da família, especialmente com os filhos, no que se refere à possibilidade de boas condições de estudo e à garantia de um futuro promissor, conforme os seguintes depoimentos.

Meu marido foi embora para dar uma vida melhor para a família dele. Aqui estava tudo muito difícil (dona Cristina).

O meu menino foi pra me ajudar (dona Tereza).

Para a filha poder estudar igual estudou, para melhorar nossa vida (dona Eliana).

Como mencionado por Goldani (2002), na atual conjuntura econômica do País, dentro de um modelo de produção capitalista, estruturalmente excludente, a grande maioria das famílias brasileiras se defronta com uma realidade social perversa, relacionada à falta de acesso aos itens básicos necessários à reprodução social dos indivíduos: trabalho, moradia, saúde, lazer, segurança etc. A busca por condições dignas de sobrevivência em outro país perpassa, inclusive, pela busca de segurança que o Estado não consegue garantir aos cidadãos. A mudança para um outro país é vista, por grande parte das famílias, como algo positivo e seguro para a vida dos migrantes, que passam a viver em um país *aparentemente* mais seguro, no sentido econômico e em termos da segurança dos indivíduos.

Mas às vezes eu penso assim, quando acontece alguma coisa aqui em Ipaba, porque acontece muita coisa ruim aqui. Eu penso que ele (filho) está longe. Quer dizer, ele tá fora dessa. É um matando o outro, é muito roubo, muita maldade! Então eu penso assim: ele tá longe, trabalhando, fora dessa! Nesse sentido, eu penso assim! (dona Margarida).

A violência urbana no Brasil, conforme apontou Sales (1999), relacionada aos problemas de segurança urbana, como assaltos, roubos e homicídios, é um fator interveniente e que pode influenciar a decisão de quem migra. A autora, no entanto, adverte que se não houvesse uma rede social já estabelecida, apenas esses problemas isolados não seriam suficientes para desencadear a migração internacional.

Na análise das motivações que impulsionaram a migração no município de Ipaba, percebe-se que existe o desejo de retorno de quem migra. Para as famílias dos migrantes, essa saída é vista, freqüentemente, como um movimento de sacrifício em prol da melhoria do nível de vida do grupo familiar. Portanto, essa opção não tem o sentido de abandono, mas sim de um tempo de ausência estipulado. Isso fica muito evidente, especialmente, no desejo de construção da casa própria, expresso pela maioria. No entanto, há no grupo diferenciações reveladas, como a maior expectativa de retorno de famílias cujos migrantes foram os pais, do que entre as famílias cujos migrantes foram os filhos. Possivelmente, esse fato seja explicado pelo vínculo que o migrante mantém com a família de origem no país e o papel social que desempenha no grupo. O papel de provedor principal que os migrantes-pais mantêm com a família preserva os antigos propósitos, tornando-o mais comprometido com o grupo, inclusive em relação ao retorno para o Brasil, do que migrantes que não têm esse papel. Isso pode ser comprovado pelo relato de dona Tereza, que reclama da diminuição das remessas enviadas pelo filho. Segundo ela, isso decorre porque o filho não retornará mais para sua casa, pois ele já constituiu sua família nos Estados Unidos, conforme seu relato:

Quando ele chegou lá, arrumou uma bendita de uma mulher. Ele mora com ela e já tem até um filhinho. Ele disse que agora vai vir aqui só pra passear, pois quando retornar de vez, eles vão morar no Rio Grande do Sul, abrir um negócio pra eles na cidade da família dela (dona Tereza).

O papel que o migrante tem na família de origem é, pois, fundamental ao comprometimento com o grupo. O estabelecimento de relações de namoro e casamento de migrantes jovens nos Estados Unidos, especialmente entre brasileiros (que ocorrem com freqüência, como uma estratégia utilizada por eles para romper a solidão), possivelmente demarca uma tendência para a diminuição das remessas e, inclusive, dos propósitos de retorno para a casa dos pais no Brasil.

3.3 Migração: o projeto das famílias de migrantes e a formação das redes sociais

A migração internacional pode ser entendida como um projeto, individual ou coletivo, que na abordagem de Velho (1999) é definido como uma conduta organizada para atingir fins específicos, podendo o sujeito da ação ser um indivíduo, um grupo ou uma categoria social. O projeto é uma forma de manipular e dar direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura; implica, pois, sempre algum tipo de seleção em função de experiências, necessidades e estratégias particulares (VELHO, 1999).

Migrar para outro país por tempo indeterminado, deixando para trás o convívio com os familiares, pais, esposas e filhos, é para a grande maioria uma tarefa repleta de angústias, sofrimento e medo. Velho (1999) lembra que o projeto, “sendo consistente, envolve algum tipo de cálculo e planejamento, não do tipo *homo oeconomicus*, mas alguma noção, culturalmente situada, de riscos e perdas, quer em termos estritamente individuais, quer em termos grupais”.

O processo de decisão da migração acontece, geralmente, com a participação da família. Mesmo em relação às escolhas em que a família admite como sendo apenas do indivíduo que migra, observa-se sua presença incluída nos projetos pretendidos. Esse foi o caso do filho de dona Tereza, que apesar de não ter a *aprovação* da mãe decidiu ir para os EUA em busca de um futuro melhor. Segundo ela, uma das preocupações do filho é proporcionar uma vida melhor para o grupo familiar.

Essa escolha foi dele! Por mim ele nem tinha ido, mas ele (filho) disse: ‘Se eu ficar a gente nunca vai ter nada!’ (dona Tereza).

Observa-se também que quando a decisão de migrar ocorre com a participação, a discussão e o consentimento da família, ou seja, produto de um projeto coletivo, este processo é mais *ameno* tanto para o migrante, quanto para os membros da ‘família que fica’. No caso dos filhos de dona Margarida, embora a escolha de migrar tenha sido individual, a família os apoiou financeira e emocionalmente. A ajuda é dada como parte do que se espera que a família faça. Caso não se cumpra essa expectativa, a família experimenta um sentimento de culpa por não ter sido capaz de ajudar um membro, em um momento de necessidade:

Se você quer ir embora, eu (pai) não posso te negar isso. Então nós vamos dar um jeito, porque no dia de amanhã se acontecer alguma coisa com você, eu vou ser culpado, pois eu te neguei ajuda para ir embora. Então vamos reunir todo mundo aí, vamos arrumar um jeitinho pra te ajudar (esposo de dona Margarida).

De acordo com Fonseca (2005), a família desempenha papel fundamental de apoio ao migrante na esfera financeira, social e emocional. Além disso, para a autora, a migração deve ser vista como uma decisão coletiva que se enquadra em uma estratégia, visando sustentar e melhorar a situação da família, por meio da simultânea maximização dos rendimentos e minimização dos riscos.

O estímulo e o apoio desempenhados pelos membros da família, em muitos casos, ultrapassam o desejo do próprio migrante, dificultando detectar se a migração é projeto individual ou coletivo. Pelo depoimento de dona Eliana, podem ser constatados a força e o empenho que a família exerce nessa escolha, o que influenciou, de forma decisiva, a migração do marido para os EUA.

Foi uma decisão mais minha do que dele (marido). Eu fiquei de cima para ele ir. Por ele, ele não ia não! Ele nunca teve vontade de ir, mas era o meu sonho que ele fosse. Era o meu sonho! Eu era doida pra ele ir pra construir uma casa, fazer as coisas tudo direitinho (dona Eliana).

Para que a migração seja efetivada, o apoio financeiro da família é fundamental. São os membros da família que se reúnem e promovem a organização dos recursos necessários utilizados para a realização da viagem. A forma como esses recursos são alcançados varia de acordo com a condição econômica de cada grupo familiar. Geralmente são os pais, as mães, os tios e os irmãos que, sob forma de empréstimo, venda de bens como carros, entre outros, disponibilizam os valores a serem gastos na viagem do migrante, conforme relatos a seguir.

A família toda ajudou. Meu irmão, o pai, a mãe, todo mundo (dona Ana).

Ele pegou dinheiro emprestado com os parentes (dona Isabel).

Existiu apoio sim, o pai dele ajudou. O carro já era dele, aí o pai tinha um pouquinho de dinheiro e financiou o carro para ele ir. O carro ficou num valor de R\$16.000,00 (dona Júlia).

A mãe ajudou com um pouco de dinheiro com a venda do carro (dona Isaura).

Essa forma de apoio, o financeiro, tem hegemonia entre as famílias. Por sua vez, o migrante fica comprometido a saldar suas dívidas de viagem com seus parentes quando conseguir trabalho no novo país. Essa prática torna-se bastante comum entre as famílias de migrantes, uma vez que as relações de parentesco facilitam tanto o empréstimo, como o pagamento, que é realizado segundo as possibilidades do migrante, especialmente as possibilidades e condições de trabalho encontradas por ele no país de destino. Ter um parente como fiador desses valores essenciais ao processo de migração significa, para o migrante, poder saldar sua dívida de forma mais amena, diferentemente de um empréstimo bancário, que é realizado sob regras severas.

Godbout (1999) ressalta que as características dos vínculos pelos quais circulam as coisas e os serviços é que proporcionam sentido àquilo que circula. Assim, o apoio financeiro que é dado ao migrante pelas famílias, em decorrência do vínculo de parentesco e afetividade que os une, faz com que esta “ajuda” seja realizada de maneira diferente, proporcionando outro sentido à ação.

Para que o marido de dona Eliana pudesse migrar, ele contou com a ajuda do irmão, que emprestou os valores necessários para a viagem. O pagamento desse empréstimo foi realizado conforme as possibilidades financeiras viáveis, obtidas no primeiro ano de trabalho, de acordo com sua fala.

Para que meu marido pudesse ir para os Estados Unidos, ele contou com a ajuda de dois irmãos dele que já estavam lá. Foram eles que ajudaram em tudo, principalmente emprestando dinheiro para a viagem. Quando ele (marido) conseguiu trabalho, foi pagando devagar, em parcelas divididas (dona Eliana).

O tempo médio para que o migrante liquide essa dívida varia entre um e dois anos – tempo médio necessário para que ele consiga alcançar um número razoável de postos de trabalho e organize sua vida financeira.

Além dos parentes próximos, o migrante pode contar também com o apoio de parentes que já tenham migrado, facilitando não apenas a viagem, mas a chegada e adaptação no novo país. Como já lembrado por Massey (1987), embora o movimento migratório seja mantido e reforçado por diferentes tipologias de ligações sociais, as formas de parentesco são uma das mais importantes bases da organização social da migração, e as conexões familiares são um dos mais seguros laços dentro da rede

social. Essa forma de apoio mediante parentesco no auxílio para a migração ocorreu com os filhos de dona Lúcia, conforme o seguinte relato.

Minha filha foi primeiro. Passado dois anos, meu filho resolveu ir também. Para ele foi mais fácil, pois ela já estava lá e ajudou ele em tudo, principalmente arrumar trabalho (dona Lúcia).

A rede social utilizada pela família inicia-se geralmente com a saída de um dos seus integrantes, facilitando sucessivamente a migração de outros parentes próximos. Assim ocorreu com o marido de dona Eliana, que contou com parentes que já haviam migrado, facilitando a obtenção de recursos necessários, além de hospedagem e possibilidades de trabalho. Depois de se estabelecer nos EUA, ele também apoiou outros parentes e amigos, conforme o depoimento a seguir.

O irmão dele foi o primeiro a ir embora. Depois meu marido foi. Depois que ele tava lá, foi o irmão mais novo e dois sobrinhos. Além deles, outras pessoas foram em seguida, receberam ajuda deles lá, principalmente dividir moradia (dona Eliana).

Essa característica de apoio aos novos migrantes, especialmente com membros da família, é muito comum no processo migratório, conforme já ressaltado por Soares (1995). Para o autor, a rede social na migração tem possibilidades de agregar outras redes sociais existentes, permitindo no seu curso o surgimento de novas redes. Mance (2000) ressalta ainda que a rede social permite a troca de elementos entre si, fortalecendo-se mutuamente, podendo se multiplicar ou se manter em equilíbrio sustentável. Segundo Fonseca (2005), o elevado risco inicialmente envolvido na migração internacional diminui para cada indivíduo, à medida que mais familiares e amigos emigram. Isso ocorre porque a maior densidade das redes sociais migratórias proporciona aos potenciais migrantes informações cada vez mais confiáveis acerca das oportunidades e dos perigos associados ao local de destino a ao processo migratório.

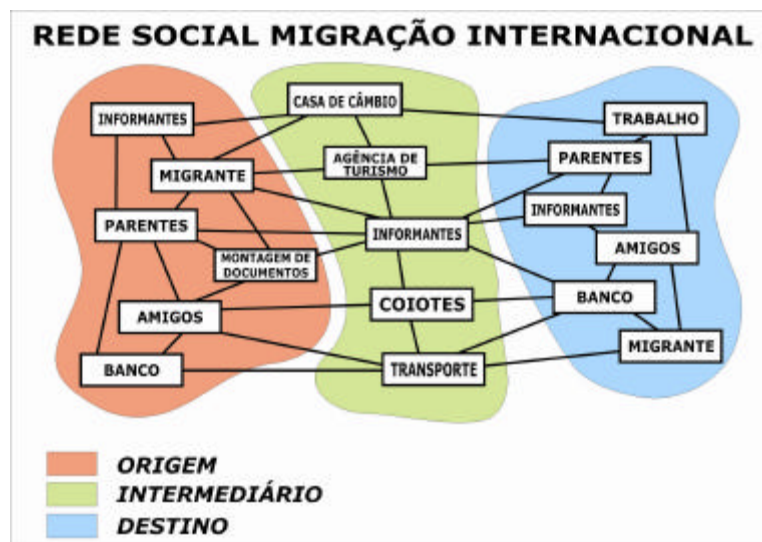
Além das ligações de parentesco, o migrante pode contar ainda com relações de amizade existentes anteriormente, ou até mesmo de pessoas desconhecidas, conforme mostram os relatos. Nesse último caso, o vínculo parece se firmar por meio da nacionalidade: brasileiros ajudando outros brasileiros em um outro país:

Graças a Deus teve muito apoio, porque ele chegou lá, tinha muito amigo lá. Gente daqui que deu apoio demais (dona Júlia).

Quando ele chegou lá, foi muito bem recebido. No outro dia já começou a trabalhar. O apoio foi muito grande, amigos foram poucos. Na verdade quem o recebeu lá foram pessoas que não tinha nem contato com ele; pessoas estranhas daqui mesmo. Porém, que o recebeu, deu trabalho, acolheu ele muito bem (dona Marta).

A chegada, o processo de adaptação e as facilidades para encontrar trabalho no país de destino geralmente são promovidos e abreviados pelos contatos estabelecidos antes da partida, por meio da conexão que o migrante estabelece na sua rede social. Essas informações fornecidas por pessoas que já se encontram no país de destino, ou que já passaram por essa experiência, tornam-se extremamente importantes para a vida do migrante, pois além de minimizar os possíveis riscos dessa *empreitada* em um novo país facilita as informações para o acesso a postos de trabalho, contribuindo para que o migrante inicie os projetos pretendidos no país de origem.

Assim, constata-se que a migração entendida como um projeto, para ser realizada, conta com a participação efetiva da família, que proporciona o apoio necessário para o migrante, tanto no país de origem, por meio da organização dos recursos imprescindíveis, como no país de destino, acolhendo-o e auxiliando-o na nova vida. A família é, pois, um importante elo na rede social utilizada pelo migrante. Como já mencionado por Castells (2000), a rede social pode ser composta por indivíduos, grupos de indivíduos ou instituições, sendo sua estrutura dinâmica e indeterminada, e sua configuração flexível, fluída e indefinida, desprovida de centro, mas com nós de diferentes dimensões e relações internodais, podendo ser simétricas ou assimétricas. Com base nessa definição e nos dados da pesquisa, foi construído um sociograma (Figura 2), com o objetivo de demonstrar os elementos que usualmente são utilizados pelos migrantes de Ipaba para o processo migratório, identificando os *nós* da rede social na origem, no espaço intermediário e no destino.



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 2 – Sociograma da rede social da migração internacional²¹ com base na definição de Castells (2001).

3.4 A partida

A partida é o momento mais difícil para a família e para o migrante. Em decorrência das dificuldades para obtenção de vistos, a clandestinidade torna-se a opção mais utilizada para quem busca novas possibilidades de trabalho em outro país. A entrada nos EUA ocorre via México, e apesar dos altos valores pagos aos atravessadores conhecidos como *coiotes*²² e das inúmeras dificuldades e perigos que essa travessia oferece, ela continua sendo utilizada e tida como a mais viável pelos migrantes de Ipaba²³.

Toda organização da viagem, bem como a data da partida, corre em segredo. É muito comum as famílias não divulgarem nenhuma informação para *estranhos*,

²¹ A rede social desenvolvida no processo de migração internacional pode ser dividida em três fases distintas: origem, intermediária e o destino. Nessas três fases o migrante conta com o apoio extremamente importante para a realização do projeto migratório. Na cidade de origem, geralmente as primeiras informações são oferecidas por parentes e amigos; entre a partida e a chegada, o migrante conta com o apoio de agências de turismo, coiotes, entre outros; no país/cidade de destino, o migrante recebe apoio de parentes e amigos, especialmente em se tratando de possibilidades de trabalho.

²² Essa terminologia é usada para os aliciadores de pessoas que entram ilegalmente nos EUA. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores (2005), o preço médio cobrado para a travessia varia de U\$ 5.000 a U\$ 10.000.

²³ As 12 famílias entrevistadas no município de Ipaba informaram que seus integrantes entraram nos Estados Unidos clandestinamente, via México.

temendo que isso possa prejudicar os planos da viagem do migrante. Essa prática é tão recorrente na cidade que se alguém não é visto com frequência desconfia-se logo que essa pessoa pode ter migrado para os Estados Unidos. Há também casos que nem a própria família (especialmente a família de origem) toma conhecimento da partida, estratégia utilizada pelo migrante, visando amenizar a tão difícil decisão. Para dona Júlia, lembrar a maneira como o filho partiu não é tarefa fácil. Segundo ela, mesmo desconfiada da viagem do filho, manteve-se em silêncio, aguardando que a notícia chegasse a qualquer momento, conforme seu relato.

Quando eu fiquei sabendo, a gente é a última a saber. Mas era dia das mães e ele disse: 'Mãe, eu vou almoçar com minha sogra lá em Coronel Fabriciano, depois eu volto pra jantar com a senhora no domingo'. Aí, quando foi a noite, a esposa dele chegou e foi entregando a chave do carro para o pai. Aí, foi nesse momento que eu tive certeza da sua partida (dona Júlia).

Para a família de dona Tereza a partida do filho também foi uma surpresa, momento difícil que ficou registrado na sua memória. Segundo ela, a organização da viagem não foi divulgada para os membros da família, que tomaram conhecimento apenas nos dias próximos da partida, conforme seu depoimento.

Eu nem sabia de nada, você acredita? Fiquei sabendo nos dias dele ir. O irmão ficou sabendo no dia que ele foi. Quando ele saiu, eu quase morri. Fiquei uma semana de cama (dona Tereza).

Para dona Margarida, o dia da partida dos filhos foi marcado com um *acerto de contas*, resultado dos atritos da convivência diária, conforme sua descrição.

Eu chamei meus filhos dentro do quarto, pedi a eles perdão, porque a gente, às vezes, chama a atenção das coisas, olha o que está certo. O que está errado. Pedi a eles que me perdoasse, porque a gente nesse mundo não sabe o que pode acontecer (dona Margarida).

Como ressalta Silveira (2000), a família, além de ser um espaço de convivência, é também um espaço de conflitos, onde se vivem os extremos da vida, emoções e afetos; espaço este continuamente perpassado por poder, atritos e negociações. A partida do migrante, além de provocar sofrimento para toda a família, pode também proporcionar inúmeras reflexões sobre a importância que cada um dos

membros desempenha no grupo familiar. Assim é a reflexão que dona Margarida faz da ausência deixada pelo filho que morava com ela, antes da partida.

Eu sinto muita falta dele. Ele me faz muita falta, pois tudo aqui em casa ele é que resolvia pra mim. Aqui dentro de casa ele é insubstituível! Se a mãe souber o que é deixar um filho ir embora, sair... Tem que pensar muito, muito primeiro! Para depois, falar que pode e que vai apoiar! Porque um filho faz muita falta (dona Margarida).

Após a partida do migrante, a família que fica vivencia um período de espera, que irá depender, sobretudo, do sucesso da travessia. Para que essa espera possa ser mais amena, a família conta com o apoio dos parentes, como relatam dona Célia e dona Margarida.

Nesse momento mais difícil da minha vida (partida dos filhos), eu tive apoio da minha família. Ela não me abandonou hora nenhuma. Foram quatorze dias diretos comigo, desde a hora em que os meninos saíram daqui, até a hora que eles chegaram lá (dona Célia)

A travessia dos meus filhos foi muito difícil. Os coites falaram que se eles andassem duas horas a pé, não precisaria pagar. Meus filhos dormiram no mato, andaram horas a pé, atravessaram rios com água podre, que foi preciso jogar até roupa fora depois. Foi um sofrimento só! Meu menino teve que carregar a irmã nas costas, pois ela não conseguia mais andar. Faltou água, faltou tudo, em busca de algo melhor... (dona Margarida).

Após o sucesso da travessia e a chegada nos Estados Unidos, as pessoas que migraram anteriormente é que irão auxiliá-lo nas possibilidades de obtenção de trabalho. Após conseguir trabalho, geralmente mais de uma função, o migrante inicia o envio das primeiras remessas à família, tema que será abordado no próximo item.

3.5 O envio das primeiras remessas, o emprego dos recursos vindos de fora e a importância da casa própria nos projetos da família e do migrante

O tempo necessário para que o migrante comece a enviar as primeiras remessas para a família varia conforme cada experiência. Isso vai depender do tempo que ele leva para chegar ao seu destino e, sobretudo, do tempo necessário para que ele consiga um trabalho, possibilitando-o iniciar seus projetos. Geralmente, as

primeiras remessas enviadas pelo migrante referem-se ao pagamento dos valores utilizados na viagem. Isso significa o pagamento dos valores referentes aos gastos com as passagens de avião, gastos com os aliciadores nas fronteiras entre o México e os Estados Unidos, gastos referentes à compra de vagas de emprego²⁴, bem como aqueles gastos necessários à manutenção da família até o momento em que ele (migrante) consiga fazer isso a partir do seu próprio trabalho. A prioridade dada para o pagamento dessas despesas foi observada na maioria das famílias. No caso do marido de dona Maria, que migrou há um ano e seis meses para os EUA, o envio das primeiras remessas se dirigiu exclusivamente ao pagamento das dívidas contraídas com o processo de migração.

Olha, por enquanto o dinheiro que ele mandou (marido), foi só mesmo pra pagar dívidas, pagar quem ele tava devendo aqui, só pra pagar conta mesmo (dona Maria).

O alto valor dessas despesas e dos projetos dos migrantes e a realidade encontrada, atualmente, nos EUA muitas vezes frustram grande parte dos migrantes, que para conseguir concretizar todos os projetos têm que adiar em muito o retorno ao Brasil. A realidade sonhada pelos migrantes nem sempre é a realidade encontrada nos países estrangeiros. Por causa disso, conforme adverte Velho (1999), o “mundo” dos projetos pode sofrer transformações, podendo, inclusive, ser substituídos por outros. Nesse sentido, os projetos têm um caráter dinâmico, estando relacionado à biografia de cada um, ou seja, os atores que os vivenciam encontram-se em um tempo e numa sociedade sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sociohistóricas. Essa dinamicidade, própria dos projetos, está presente nos projetos da maioria das famílias. No caso de dona Maria, o tempo de permanência do marido nos Estados Unidos aumentou em função dos projetos que a família construiu. Por causa deles, o marido terá que ficar agora, em média, uns oito anos para conseguir comprar algo mais do que o sítio que a família deseja.

As primeiras remessas enviadas pelos filhos de dona Margarida, que migraram para os EUA há um ano, também foram direcionadas às dívidas contraídas por eles, conforme o relato a seguir:

²⁴ A compra de vaga de emprego ocorre quando um migrante, por motivo variado, abandona seu trabalho, vendendo essa vaga para outro migrante. Embora essa venda de vaga ocorra com trabalhos mais pesados como construção civil, faxina em residências, entre outros, geralmente esses são os mais bem remunerados, possibilitando que sejam negociados entre migrantes.

Meu filho está só pagando a 'continha' que ele ficou devendo. O pai ajudou com um pouco, mas ele ainda ficou devendo um pouco. Minha filha tá pagando conta também (dona Eliana).

Após o pagamento dessa dívida inicial é que o migrante passa a enviar outras remessas, que freqüentemente visam a manutenção das despesas da família e, ou, de investimentos que assegurem o futuro do grupo familiar. Os valores, bem como as periodicidades, irão variar conforme o tipo de trabalho e o salário encontrados pelo migrante e as necessidades e, ou, prioridades dos projetos de cada família. No caso do marido de dona Eliana, que migrou há seis anos para Boston²⁵, nos EUA, no primeiro ano as remessas se destinaram ao pagamento da dívida empregada na migração. Hoje as remessas ocorrem mensalmente, ou até mesmo semanalmente. Os valores, segundo ela, variam conforme a necessidade que a família apresenta no momento.

O dinheiro que meu marido manda varia. Às vezes ele manda mensal ou semanal. Ele manda uns R\$ 2.000,00; R\$ 3.000,00 pra comprar as coisas. Depende do que a gente vai comprar, vai pagar (dona Eliana).

No caso dos filhos de dona Tereza que migraram há quatro anos, há distinção entre um e outro filho no que diz respeito aos valores e à periodicidade com que enviam as remessas. Isso porque, no caso do filho, ele já se desvencilhou da dívida inicial relativa ao processo de migração e, por causa disso, há uma periodicidade maior em relação aos valores e à freqüência das remessas. Já a filha ainda luta para quitar esse débito, o que faz com que ainda não esteja liberada desse compromisso para enviar valores para a família.

Não tem dia certo não. Quando eles têm lá, eles mandam. Não tem dia marcado não! Ele (filho) manda duas vezes no mês e ela (filha) manda de vez em quando. Não manda como ele não, porque ela tá pagando as contas dela. Ele (filho) costuma mandar de R\$ 2.000,00 pra baixo (dona Tereza).

²⁵ O leste dos Estados Unidos é considerado a região de maior concentração de migrantes brasileiros, perfazendo um total de 250 mil, segundo dados da Pastoral de Brasileiros no exterior (2004). A cidade de Boston torna-se o destino da maioria desses brasileiros, uma vez que oferece excelentes condições de transporte público à população, principalmente linhas de trens que ligam todas as cidades vizinhas, permitindo ao migrante a economia na compra de carro.

A efetividade das remessas às famílias também irá depender do sucesso do migrante na terra de destino. A dificuldade com a língua, a condição de uma vida clandestina, a grande concorrência no mercado de trabalho, as dificuldades de encontrar um trabalho com estabilidade são algumas das muitas barreiras que o migrante encontra. Para dona Ana, mãe de dois filhos que migraram há dois anos, a situação de trabalho nos Estados Unidos, nos últimos meses, só piorou. Esse fato comprometeu o envio das remessas, que deixaram de ser realizadas mensalmente, passando a ocorrer em intervalos trimestrais.

Eles ajudam a gente um pouquinho, quando pode e dá, pouco também. Às vezes chega demorar uns três meses pra mandar alguma coisa... As coisas lá (nos EUA) não estão fáceis!” (dona Ana).

A família de dona Ana, nos últimos anos, vem tentando finalizar a obra da casa onde mora. Com a ida dos dois filhos para os EUA, ela tinha deles a promessa de apoio financeiro para finalizar a construção. No entanto, com as dificuldades de trabalho encontradas pelos filhos, apenas algumas melhorias, como colocação de grades nos andares, puderam ser realizadas na casa até o momento, como demonstra a Foto 1.



Foto 1 – Residência da família de dona Ana (2006).

Além das dificuldades encontradas por todos aqueles que migram ilegalmente, observa-se que nos últimos tempos conseguir trabalho nos Estados Unidos, principalmente rentável como nas décadas passadas, torna-se extremamente concorrido, refletindo as transformações ocorridas no mundo do trabalho que assolam todos os países²⁶. Por causa disso, existe também muita prudência para realização dos primeiros investimentos no Brasil. Este cuidado se dá principalmente por dois motivos: em decorrência da economia instável internamente, o que dificulta a escolha de investimentos sólidos, bem como o receio de deportação que frequentemente ocorre com estrangeiros ilegais, colocando em risco a viabilidade dos projetos pretendidos. Essas inseguranças fazem com que cada migrante reaja de forma diferente, fazendo a opção por tipos de investimentos diferenciados ou adiando-os. O marido de dona Conceição, por exemplo, depois de ter comprado a casa onde mora a família, optou por deixar o salário que recebe de um dos trabalhos na poupança, em uma conta no banco americano, pois segundo ele o momento não é propício para investimentos no Brasil.

Agora no momento ele não está investindo em nada não, porque ele fica em dúvida também de como investir em alguma coisa aqui no Brasil. Agora, no momento, ele não está enviando nada pra isso não. Apenas para aquilo que a gente gasta mesmo no mês (dona Conceição).

No caso da família de dona Júlia, o envio das remessas do filho que migrou há cinco anos ocorre esporadicamente, ou seja, somente em caso de uma necessidade eventual que aconteça com algum membro da família. Para ela, apesar de o filho já estar morando longe da família há muito tempo, ele não realizou nenhum investimento ainda em Ipaba. Para ela, o risco de viver clandestinamente e o temor da deportação fazem com que exista um cuidado rigoroso, por parte do filho, em poupar o dinheiro ganho com o trabalho realizado nos Estados Unidos.

(...) Assim, de vez em quando, ou seja, quando o pai dele precisa, aí ele manda. Mas ele faz mais coisas pra ele, né? Ele tá fazendo o pé de meia dele, poupando, tá pensando no futuro. No caso de ser pego lá, ele tem como vir embora e tem como ter alguma coisa aqui (dona Júlia).

²⁶ É comum a decepção dos migrantes em relação às facilidades de trabalho e renda encontradas no país de destino. Para a efetivação de alguns projetos, geralmente o migrante aumenta o tempo planejado de estadia nos EUA.

Dessa forma, observa-se uma tendência em termos de padrão de comportamento em relação aos migrantes filhos e migrantes pais, no que concerne à periodicidade do envio das remessas para as famílias. Apesar de os filhos ajudarem suas famílias, principalmente pais e irmãos, essa ajuda ocorre com uma periodicidade maior, em grande parte das famílias, somente quando existe a necessidade de apoio para algum dos integrantes. Já os migrantes pais realizam seus envios de remessas em periodicidades determinadas e estipuladas de acordo com as necessidades mensais de cada grupo familiar. Apesar da distância e da ausência, o pai migrante continua desempenhando o papel de provedor da família, por meio das responsabilidades para a manutenção do grupo familiar, diferentemente do migrante filho, que não tem essa obrigatoriedade tão premente.

Após saldar as dívidas contraídas na viagem é que os migrantes e suas famílias começam a realizar os primeiros investimentos no município de Ipaba. Geralmente são os membros da ‘família que fica’, como pais, mães, esposas e filhos, que se encarregam da realização desses investimentos. Assis (1999) também evidenciou a presença da família na concretização dos sonhos dos migrantes no Brasil. Segundo ela, a vida no Brasil é conduzida pelos pais ou irmãos, que resolvem questões de interesse dos migrantes, entre elas o início da construção da casa própria. Dentre os investimentos mais comuns estão a compra ou construção de imóveis, como casas e apartamentos, e a compra de terrenos, lotes e gado. As remessas para esses tipos de investimentos variam entre R\$ 1.000,00 e R\$ 10.000,00 e a periodicidade do envio pode ocorrer tanto semanal como mensalmente.

O primeiro investimento realizado pela família de dona Eliana foi a construção de uma nova casa. Esse investimento, segundo ela, apesar de ter dado muito trabalho e levado muito tempo para sua finalização, tornou-se um marco concreto na mudança do nível de vida da família. Sem a presença do marido, dona Eliana assumiu a construção da nova casa, sendo responsável pela elaboração do projeto de construção, compra de materiais, contratação de mão-de-obra, pagamento, entre outros (Foto 2).

Essa casa foi toda eu que comprei material, e fiquei junto dos pedreiros: vai daqui, vai daí, pra construir ela. A casa era antiga e pequena, tinha apenas quatro cômodos. Derrubamos a casa toda e construímos essa nova com dez cômodos. Minha filha não entendeu nada, quando voltou da escola, a casa toda tava no chão (dona Eliana).



Foto 2 – Residência da família de dona Eliana (2006).

Ao finalizar o primeiro investimento de construção da nova moradia, a família de dona Eliana comprou outra casa com intenção de reformá-la e colocá-la para alugar (Fotos 3 e 4). No momento, a família pretende ainda construir outra casa, de porte menor, dentro do próprio terreno da atual residência. Dona Eliana optou por esse investimento, uma vez que observou que no município de Ipaba os valores tanto da compra de casas como os de aluguéis tiveram, em pouco tempo, uma boa valorização. Segundo ela, isso ocorreu devido ao aquecimento ocorrido na economia local com a entrada dos dólares enviados pelos migrantes para suas famílias, questão que será analisada posteriormente. Nos cálculos dos valores gastos para a construção das casas, ela observou que o material sofreu pouco acréscimo de preço no período da construção da casa, no entanto a mão-de-obra acompanhou o aquecimento da economia local. Os pedreiros que cobravam R\$ 10,00, R\$ 20,00, passaram a cobrar R\$ 30,00 pelo dia de trabalho.

Segundo dona Eliana, a família optou por esse tipo de investimento porque acreditou tratar-se de um investimento seguro, ou seja, com possibilidade de uma renda fixa mensal garantida para o grupo familiar, principalmente no momento em que o marido retornar. Além dos imóveis para moradia e aluguel, a família também realizou investimentos em terrenos e em gado, aquisições tidas como rentáveis nessa região.

Além das casas que construímos e reformamos, investimos também em terra e gado. Com o dinheiro enviado pelo meu marido compramos quatro alqueires de terra e 80 cabeças de boi (dona Eliana).



Foto 3 – Investimento (em obra) da família de dona Eliana para aluguel (agosto 2006).



Foto 4 – Investimento (finalizado) da família de dona Eliana para aluguel (abril 2007).

Os investimentos realizados pela família de dona Lúcia com os recursos enviados pelos dois filhos que migraram há quatro anos também foram em imóveis. Segundo ela, a maioria dos migrantes investe em imóveis na cidade por se tratar de um ‘investimento mais seguro’. Assim, caso necessite desfazer deste bem futuramente, ele não perde o valor do que foi investido. Por solicitação dos filhos, dona Lúcia passou a realizar os investimentos da família, como a compra dos imóveis. A remessa de dinheiro para esta finalidade sempre ocorre uma vez por ano, cabendo a ela escolher o que deve ser comprado, negociar valores e formas de pagamento.

O investimento dos meus filhos são em imóveis. Quando a gente encontra alguma casa que atenda o gosto deles e da gente também, aí já tem um pouco de dinheiro que dá pra comprar, aí a gente compra. Acho que, talvez, de ano em ano que vem esse dinheiro. Na verdade é uma coisa que eles não estão vendo, e que sempre vai dar lucro (dona Lúcia).

Dona Marta também investe o dinheiro enviado pelo marido, que está nos EUA há quatro anos, na construção da casa da família. O sonho da família de ter *uma casa própria* foi o principal motivo que levou o marido a migrar. Todas as fases da construção ficaram sob sua responsabilidade: desde a compra do terreno, a elaboração do projeto de construção, a escolha de material, a escolha de mão-de-obra, até a definição das etapas finais da obra (Foto 5). Dona Marta se orgulha de ver a obra ainda inacabada e de seu empenho para a sua realização, principalmente sem a presença do marido. O fato de ter condições financeiras para realizar o sonho da



Foto 5 – Residência da família de dona Marta (2006).

família, não mais necessitando de ‘morar de favor’ na casa do pai, é para ela um grande motivo de satisfação.

Hoje, graças a Deus, minha casa ainda não tá terminada não, mas eu não devo um centavo dela! Tudo que está aqui dentro foi escolha minha. Tudo do jeito que tá aqui, foi tudo eu! Antes, eu não tinha nada, nadinha! Morava de favor numa casa do meu pai. É do pai da gente na verdade, mas não é da gente! Tudo que eu tenho aqui hoje é comprado com dinheiro que meu marido manda (dona Marta).

Os recursos enviados pelo marido de dona Isabel, que migrou há três anos, foram investidos também na construção da casa própria, em um ponto comercial e na construção de apartamentos para aluguéis. O marido envia mensalmente cerca de R\$ 2.000,00 para a família, sendo R\$ 800,00 para as despesas do grupo familiar e R\$ 1.200,00 para gastos na obra. O desejo da família é construir um prédio com uma loja no térreo e dois apartamentos nos andares acima. A expectativa é que a obra, ainda em fase inicial, possa prover a moradia da família, que *sonha* ter sua própria casa, e os outros dois sejam uma fonte de renda, por meio da loja e do aluguel do segundo apartamento.

As diferentes trajetórias de cada família revelam que o sucesso dos projetos de quem migra irá depender de vários fatores. O primeiro deles estaria relacionado à dificuldade imposta pela entrada ilegal nos EUA, ao tempo necessário para

adaptação e à possibilidade de se conseguir postos de trabalho rentáveis. No segundo momento, seria a realização do pagamento das dívidas contraídas na viagem e, em seguida, a organização das remessas destinadas à manutenção da família, bem como os primeiros investimentos nos projetos pretendidos.

Observa-se, no entanto, que os projetos podem sofrer modificações, pois a realidade encontrada nos Estados Unidos, para muitos, se distancia dos planos pensados/imaginados anteriormente antes da partida, fazendo com que o migrante aumente o tempo de vivência longe da sua família.

Assim, para que os projetos dos migrantes e suas famílias tenham êxito, especialmente em famílias de migrantes marido/pai, tem-se a construção de expectativas mútuas, principalmente de *confiança* entre maridos e esposas que vivem por longos períodos separados. A periodicidade das remessas enviadas para essas famílias, a realização dos projetos pretendidos e o desejo de retorno do migrante vêm demonstrar que a migração é entendida como um projeto familiar, portanto coletivo, principalmente relacionado a aquisições de ordem material, e se mantém, especialmente, em decorrência dos laços afetivos familiares.

4. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL EM IPABA: AS MUDANÇAS NO MUNICÍPIO E NA FAMÍLIA

Procurou-se, neste capítulo, analisar as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de Ipaba, por meio da análise dos investimentos realizados pelas famílias dos migrantes. Em seguida, procurou-se analisar as transformações ocorridas nas famílias, especialmente aquelas relativas às mudanças na organização familiar e nos papéis familiares ocorridas depois da migração internacional de um dos seus membros, bem como os significados atribuídos pelas famílias à experiência de migração de um dos seus membros.

4.1 As transformações no município

A cultura migratória estabelecida em Ipaba por seus moradores, nos últimos anos, vem provocando mudanças não apenas na vida das ‘famílias que ficam’, mas, sobretudo, no próprio município, que tem seu espaço urbano modificado pelas construções e reformas de casas das famílias dos migrantes. É possível encontrar na cidade ruas com inúmeras casas em fase de construção ou reforma, e outras em fase de finalização, conforme demonstra as Fotos 6, 7, 8 e 9.

As remessas enviadas pelos migrantes vêm, gradativamente, modificando a economia do município, principalmente no setor da construção civil. Essas modificações podem ser observadas de forma mais precisa por meio de uma entrevista realizada com o gerente do único banco da cidade. Segundo ele, de acordo com dados disponíveis, a agência paga às famílias por dia, em média, algo em



Fotos 6 e 7 – Casas situadas à Rua Maria Emília, centro da cidade (2007). Essa rua chamou a atenção pela quantidade de casas em fase de construção e reforma. As casas antigas (construções datadas de mais 40 anos) estão sendo substituídas por construções atuais e mais modernas, provocando gradativamente uma mudança no cenário urbano do município.



Foto 8 – Ponto comercial e residência situada à Rua João Batista Ferreira, centro da cidade (2007).

Foto 9 – Ponto comercial e residencial situado à Rua Inger Jeep, centro da cidade (2007). Imagens que evidenciam os investimentos de famílias de migrantes, que geralmente, além da casa própria, investem no futuro com possibilidade de aluguéis.

torno de R\$ 5.000,00. Esse valor, multiplicado por 22 dias do mês, perfaz um total de R\$ 110.000,00 referentes a depósitos feitos no exterior, que são sacados em caixas eletrônicos da agência. O dinamismo que esses valores trazem à economia do município fica evidente na fala do gerente do banco.

No município de uns anos para cá, observamos muitas mudanças. Penso que elas são provocadas pelas remessas que chegam todos os meses aqui. Essas remessas estão sem dúvida movimentando a economia do município. A pessoa compra o tijolo, o cimento, paga a mão-de-obra; tudo isso proporciona melhoria para a economia da cidade (gerente do banco).

As Fotos 10 e 11 ilustram as modificações que vêm acontecendo com a cidade em decorrência das remessas enviadas pelos migrantes, como o aumento de lojas que vendem material de construção e novas edificações como prédios, até então inexistentes no município. De acordo com dados disponíveis na prefeitura, em 1995 existia na cidade apenas uma loja destinada à venda de material para construção, e em 2006 foram abertas mais duas. Para algumas famílias, as lojas do município oferecem preços semelhantes aos de outras cidades, facilitando não apenas a compra, mas também a forma de pagamento.



Foto 10 – Uma das lojas de material de construção existentes na cidade, situada à Rua Padre José Lanzillote, centro (2007).



Foto 11 – Um dos prédios do município em fase de construção, situado à Rua São Sebastião de Ipaba, centro (2007).

Além das modalidades de depósitos que são sacados nos caixas eletrônicos, existem também os depósitos que são realizados diretamente em contas correntes, poupanças e aplicações dos familiares via sistema bancário. Para essas modalidades, a agência não disponibiliza dados concretos, mas estima-se que sejam altos os valores efetuados em contas das famílias de migrantes do município.

(...) Esses valores são investidos na compra principalmente de lotes e, posteriormente, na construção de casas ou apartamentos. Na cidade inteira existem muitas construções sendo realizadas (gerente do banco).

Com o aquecimento da economia local, até a própria agência do banco sofreu modificações, buscando melhorias para o atendimento ao cliente. Dois anos atrás, o banco disponibilizava apenas um pequeno posto de auto-atendimento (PAB). Com o

aumento do envio das remessas para o município, este posto foi transformado em agência autônoma, e em breve será ampliada, conforme o seguinte relato.

Em dois anos a gente pôde observar uma mudança radical no panorama da cidade. Atualmente nossas dependências ainda são bem pequenas, mas já estamos fechando a possibilidade com outro local maior, para que possamos aumentar o tamanho da agência e atender melhor os nossos clientes (gerente do banco).

A movimentação financeira ocorrida por meio do envio de remessas dos migrantes comprova que a economia local vem passando por modificações. As remessas que entram no município demonstram ser valores realmente consideráveis, comprovadas, inclusive, pelo interesse da agência do banco em ampliar sua própria estrutura. O valor aproximado, segundo o gerente do banco, chega a representar metade do valor advindo do fundo de participação²⁷, maior renda do município²⁸.

Pelo movimento e pela minha experiência aqui, pois já estou aqui há dois anos, posso afirmar que a movimentação que entra no município é sem dúvida uma renda estimável. Se compararmos esse montante, que entra via depósitos feitos no exterior, com a maior renda do município (fundo de participação), essas remessas representam a metade deste fundo (gerente do banco).

Uma das características que se destacam na cidade, em relação ao envio de remessas através do banco, são as *filas* de parentes que se formam, semanalmente, na porta da agência bancária. Como os salários dos migrantes são efetuados a cada semana e o envio das remessas ocorre sempre no final ou início de semana, a fila do banco se transforma em um local de encontro dessas famílias. Nesse espaço, geralmente as mulheres são a maioria e os assuntos giram em torno das questões e dos problemas que estão vivenciando no momento: a vida dos respectivos migrantes

²⁷ O Fundo de Participação dos Municípios é uma transferência constitucional composto de 22,5% da arrecadação do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados. A distribuição dos recursos aos municípios é feita de acordo o número de habitantes. São fixadas faixas populacionais, cabendo a cada uma delas um coeficiente individual. O mínimo é de 0,6 para municípios com até 10.188 habitantes, e, o máximo é 4,0 para aqueles acima 156 mil. Os critérios atualmente utilizados para o cálculo dos coeficientes de participação dos Municípios estão baseados na Lei nº 5.172/66 (Código Tributário Nacional) e no Decreto-Lei nº 1.881/81. Do total de recursos, 10% são destinados aos municípios das capitais, 86,4% para os demais municípios e 3,6% para o fundo de reserva a que fazem jus os Municípios com população superior a 142.633 habitantes (coeficiente de 3,8), excluídas as capitais.

²⁸ De acordo com dados do Ministério da Fazenda, o fundo de participação do município de Ipaba em 2006 foi de R\$ 4.438.115,96.

lá fora, o tempo que estão longe da família, as duras horas de trabalho, os investimentos que a família vem realizando, as adversidades da cultura e da língua enfrentadas pelos migrantes, a saudade, entre outros. Para dona Eliana, a fila do banco que diariamente se forma para retirada de dinheiro já se tornou algo comum na cidade.

Ih! Você chega ali no banco, têm umas 30, 40 mulheres na fila pra pegar o dinheiro que os maridos mandam. Todo dia que chega lá, tem muita gente na fila (dona Eliana).

De acordo com dona Tereza, a fila do banco se tornou o lugar de encontro das famílias dos migrantes. Todas as vezes que ela utiliza esse serviço do banco para a retirada das remessas enviadas pelos filhos, há sempre um encontro com alguma conhecida que vive a mesma experiência.

O contato mais direto com essas famílias se dá no banco. Elas perguntam onde os parentes estão. Quanto tempo que tá lá, quem foi, quem não foi, o que estão fazendo, o tipo de trabalho... (dona Tereza)

Segundo o gerente do banco, tanto o nível de vida das famílias dos migrantes como a economia da cidade vêm melhorando gradativamente. Mas ele ressalta que essa melhoria se deve muito ao esforço e trabalho exercido pelos migrantes que vivem longe da suas famílias.

A gente pode observar que o poder aquisitivo de muitas famílias com parentes no exterior vem melhorando, e muito! Portanto, Ipaba deve muito do seu desenvolvimento ao pessoal que está lá fora e deve agradecer muito a eles. Infelizmente a gente sabe que essa melhoria se dá em decorrência do trabalho e do sofrimento das pessoas que estão lá fora (gerente do banco).

Essas primeiras observações, ainda que de forma inicial, sinalizam que a migração internacional ocorrida em Ipaba modifica a economia do município, especialmente no que se refere ao cenário urbano. De outro lado, as remessas enviadas pelos migrantes representam mudanças nas condições econômicas das ‘famílias que ficaram’, análises que serão desenvolvidas no próximo tópico.

4.2 As mudanças na família

4.2.1 Mudanças nas condições econômicas

A melhoria das condições de vida proporcionadas pela migração à ‘família que fica’ varia conforme a trajetória de cada migrante. Essa melhoria estará intimamente relacionada ao tempo que o migrante leva para conseguir trabalho, bem como ao tempo necessário à quitação das dívidas iniciais, para que, em seguida, inicie os projetos pretendidos e, conseqüentemente, a melhoria de vida do grupo familiar. Em relação ao grupo das famílias entrevistadas, do total de 12 famílias, nove avaliaram que a migração trouxe melhorias às condições de vida do grupo familiar. Apenas três famílias, em decorrência do pouco tempo da partida do migrante, e por este ainda se encontrar efetuando o pagamento das dívidas contraídas na viagem, afirmaram que as condições de vida ainda não haviam se modificado.

De acordo com dona Cristina, cujo marido migrou para os EUA há um ano e seis meses, as condições de vida ainda não se modificaram. Apesar das remessas enviadas, quinzenalmente, por ele para as despesas da família, nos valores que variam entre R\$ 500,00 e R\$ 600,00, ela ainda não sentiu nenhuma mudança. Segundo ela, a melhoria concreta das condições de vida da família irá se modificar somente depois que as dívidas da viagem do marido forem quitadas. Assim, ela poderá ter condições de colocar a filha em uma boa escola e comprar os móveis novos que deseja para a casa.

Já segundo dona Eliana, a migração do marido trouxe somente melhorias para a vida da família, principalmente quando ela compara a vida antiga e a atual. Com o dinheiro enviado pelo marido, a família pôde construir a casa, fazer investimentos em terrenos e gado, além de promover a possibilidade para o estudo da filha.

Engraçado, antes de o meu marido ir embora (para EUA), eu trabalhava, eu varria rua, trabalhava na Prefeitura aqui de Ipaba. Por isso eu era doida pra ele ir, pra eu sair dessa, mudar de vida, e mudei mesmo, graças a Deus! Eu era varredora de rua. Minha filha estudava, chegava, cuidava do serviço pra mim, eu chegava ajuda ela, e era assim. A que chegasse primeiro dentro de casa cuidava do serviço. Minha filha também sofreu muito, coitada, ela chegava da escola e ia fazer comida, era uma luta. Passou, né? Foi uma fase, na vida a gente passa de tudo. (...) Então, melhorou 100%. Melhorou em tudo né, porque a gente não tinha muita coisa né? A gente já tem uma casa aqui que a gente fez com muito

cuidado. Comprou aquele terreno de lá também, a filha estudou com dinheiro de lá, tudo isso. Todas essas coisas que a gente tem: terreno, gado, tudo foi com dinheiro de lá (dona Eliana).

Dona Tereza também avalia que a migração do filho trouxe melhorias às condições de vida da família. Além de enviar para a mãe remessas que podem chegar ao valor de até R\$ 2.000,00, o filho também se preocupa em ajudar outros membros da família, como a sua irmã que é casada, mas que, segundo a mãe, passa por dificuldades financeiras no momento.

“Nosso Deus! Ele ajuda a irmã dele até hoje que mora aqui no bairro Paraíso. Ontem mesmo veio dinheiro pra ela, porque o marido dela está desempregado e ela tem dois meninos muito doentes. Então ele ajuda. Ele praticamente ajudou a fazer a casa dela. Agora tá pondo cerâmica. Ele comprou a cerâmica toda pra ela. Ele é muito bom” (dona Tereza).

O apoio a outros membros da família, que não apenas os pais, também pode ser observado na família de dona Júlia. Segundo ela, com a migração do filho a vida teve melhorias, principalmente porque agora a família conta com o apoio do filho em caso de *apertos financeiros*.

Ele manda dinheiro só quando aperta. Ele manda dinheiro para as meninas, igual minha menina tá fazendo faculdade. Ele disse que vai ajudar ela agora. O pai dele disse: não podemos deixar ela trancar matrícula, então vocês ajuda aí e depois ela paga vocês. Então a gente observa que de alguma maneira a gente não passa mais aperto como antes. Assim, nossa vida melhorou mais (dona Júlia).

Nesse sentido a migração pode ser entendida como uma estratégia de reprodução do grupo familiar, conforme também avaliado por Maia (2004). A autora lembra que essa estratégia, porém, não ocorre com todos os membros da família, mas geralmente com o pai, principal provedor da família, e com filhos em idade adulta. Moreira e Targino (1994) relatam que a migração como uma estratégia de sobrevivência, embora ocorra de formas diferenciadas, tem uma característica bem marcante: a presença da maioria de homens que partem para outros lugares em busca da garantia da sobrevivência da unidade familiar. Esses autores ressaltam ainda que a migração torna-se uma estratégia de sobrevivência à medida que assegura, ao mesmo tempo, o emprego e a redução dos custos de manutenção da família.

A vida para dona Conceição melhorou com a migração, sobretudo quando comparadas às atuais possibilidades de trabalho e salário do marido às anteriores. Segundo ela, foi somente por meio da migração do marido que a família pode melhorar as condições de vida, conseguindo inclusive comprar a casa onde mora.

Ah! Melhorou. Ele trabalhava assim, de empregado na agropecuária, então o salário era baixo, trabalhava demais e o salário era baixo, né? Em relação a isso melhorou sim. Porque eu acho que se ele estivesse aqui com o salário que ele ganhava, a gente não tinha condições de ter comprado a casa que a gente tem hoje (dona Conceição).

Segundo dona Lúcia, a migração trouxe melhorias sim, principalmente em se tratando do futuro dos filhos. Para ela, o que importa é que os filhos estão construindo algo melhor e garantido. Quando retornarem para o Brasil terão condições de uma vida melhor que a anterior, podendo desfrutar com tranquilidade de tudo que conseguiram com o trabalho realizado nos EUA.

Finalizando, os dados evidenciam que a migração proporcionou melhorias às condições de vida das 'famílias que ficaram'. Há de se ressaltar, no entanto, que essas melhorias dependem do tempo, que pode variar conforme a trajetória de cada migrante, bem como das prioridades de cada família. A análise da melhoria de vida atual é sempre comparada com o passado, especialmente em relação às possibilidades que os salários atuais dos migrantes podem realizar. Para a grande maioria das famílias, com a migração de um dos integrantes, os sonhos e desejos foram concretizados, principalmente a conquista da casa própria. Em relação ao futuro, existe uma expectativa de melhoria a partir da migração, especialmente em termos da segurança e da estabilidade econômica da família no momento em que o migrante retornar. No próximo item, serão analisadas as transformações ocorridas nas famílias.

4.2.2. Mudanças na organização familiar e nos papéis sociais

A partir da migração de um dos integrantes, a família que fica passa por inúmeras transformações, especialmente no âmbito de sua organização e dos papéis sociais de seus membros. Muito embora essas modificações ocorram de forma diferenciada para cada grupo familiar, constata-se que em famílias com pais

migrantes elas são mais visíveis, sobretudo no que concerne aos papéis sociais que cada membro passa a exercer após a migração. Entende-se por *papel social* o fato de que o indivíduo se destaca e assume socialmente um perfil à medida que cumpre determinadas tarefas ou funções, que se encontram, na maioria das vezes, dadas e definidas pela sociedade em que vive. Ainda assim, o papel social representa o aspecto do *status*, sendo este a posição que a pessoa ocupa na sociedade ou em cada grupo social que faz parte, por exemplo, os membros da família.

Vaistman (1994), ao analisar as transformações ocorridas no casamento e na família, relata acerca dos papéis sociais que são esperados pelos membros da família conjugal moderna, organizados de acordo com o gênero e marcados pela dicotomia entre os papéis. Assim, caberia ao homem, pai, exercer o papel público, o trabalho remunerado, provendo e atendendo às necessidades materiais do grupo familiar; e à mulher, mãe, o papel privado, o trabalho doméstico, sendo responsável pela administração, organização doméstica e familiar, além de satisfazer as necessidades afetivas da família.

Saffioti (1987) ressalta que a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída por meio da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. De acordo com Preuss (1998), a questão das relações de gênero no espaço familiar contemporâneo vem se tornando cada vez mais complexa, na medida em que reflete a divisão tradicional entre espaço público/masculino e privado/feminino, mas cuja flexibilização vem sendo solicitada a partir das novas condições socioeconômicas que introduzem necessidades correspondentes, por exemplo, a migração do homem. Ainda assim, para a autora, embora existam mudanças em curso, elas ainda não romperam com o papel do homem predominantemente centrado no sustento da célula familiar, principalmente quando há a existência de filhos.

Conforme já mencionado por Romanelli (2005), embora as pesquisas demonstrem uma variedade de modelos familiares existentes no Brasil, a família nuclear impera na maioria dos arranjos domésticos existentes no País. Este modelo apresenta algumas características específicas, como uma estrutura hierarquizada, no interior da qual o marido/pai exerce autoridade e poder sobre esposa e filhos; a

divisão sexual do trabalho é bastante rígida, separando tarefas e atribuições masculinas e femininas.

Diante dessas definições, procurou-se construir um quadro, demonstrando as distintas esferas e os papéis que são esperados da mulher e do homem na sociedade, descrevendo, em seguida, como a migração provoca mudanças na esfera de atuação da mulher (Quadro 3).

Quadro 3 – Papéis construídos/esperados socialmente

Homem	Esfera pública: atribuição masculina	Exerce autoridade/poder sobre esposa e filhos. Mundo dos negócios. Trabalho remunerado. Provem as necessidades materiais do grupo familiar.
Mulher	Esfera privada: atribuição feminina	Trabalho doméstico. Administração, organização doméstica e familiar (casa e filhos). Atender as necessidades afetivas da família.

Fonte: Saffioti (1987) e Vaistman (1994).

Analisando as mudanças na organização familiar e os papéis sociais nas famílias em que o migrante foi o pai, observou-se que, com a saída deste, coube à mãe chefiar a família, tendo suas atribuições e responsabilidades ampliadas. Dessa forma, a mulher passou a exercer certa autonomia, certo poder, *total* ou *relativo*, diante dos membros da família, principalmente no cuidado com os filhos e na organização e no gerenciamento da casa. Maia (2004) ressalta que a mobilidade dos homens provocada pela migração contribui para reforçar a função das mulheres, uma vez que são elas, na maioria das vezes, que passam a realizar as tarefas de conservação do grupo familiar.

Na avaliação de dona Cristina, a modificação mais concreta e difícil nas relações de sua família, decorrentes da migração do marido, foi ela ter que assumir, além do papel de mãe, já desempenhado anteriormente, o papel também de pai na criação da filha, tendo que assumir a *autoridade* e o *poder* que era do pai.

Para mim, o maior problema com a saída dele (marido) foi eu ter que assumir tudo sozinha. Eu passei a decidir tudo. Em relação à criação da minha filha, a gente tem que ser pai e mãe ao mesmo tempo (dona Cristina).

Essa reorganização de papéis ocorrida nas famílias, levando à mulher a assumir sozinha a responsabilidade da casa e dos filhos na ausência do pai, é ressaltada por Goldani (1994). A autora afirma que as crises econômicas provocam movimentos migratórios, levando homens a se deslocarem em busca de trabalho, transformando as mulheres nas únicas responsáveis por suas famílias. Falar em chefia feminina foi durante muito tempo tratar da exceção, de algo extremamente extraordinário. Segundo a autora, o código familista e hierárquico predominante na sociabilidade brasileira, no qual é atribuído ao homem o protagonista em relação ao projeto familiar, não vem levando em consideração a dinâmica das famílias e os processos sociais que as colocam em constante transformação (SARTI, *apud* MACEDO, 2001).

Com a saída do marido, a autonomia de dona Isabel diante da família também passou por modificações. Coube a ela assumir sozinha as responsabilidades e decisões do grupo familiar. No entanto, como ela mesma afirma, sua autonomia para iniciativas e tomadas de decisões na família só é possível mediante a ausência do marido, ou seja, por um tempo determinado.

Na ausência dele (marido) acaba que eu tomo algumas decisões. Pela distância não tem como ele decidir tudo. Sendo assim, nesse período que ele tá fora, aqui eu mando, eu decido tudo, pelo menos antes dele chegar (dona Isabel).

Esse fato demonstra que não existe um rompimento total com a estrutura/hierarquia de poder existente na família, muito menos uma redefinição da figura do pai provedor, pois a autoridade, o poder e a honra paterna continuam sempre representados, por meio dos telefonemas, dos símbolos, da idéia de pai (MAIA, 2004:191). Assim ocorre com a família de dona Marta, onde a figura do pai é reforçada pelas longas ligações telefônicas. Entretanto, ao analisar as mudanças ocorridas neste período, ela observa que os filhos demonstram ter mais respeito por ela, que está presente no convívio diário, do que com o pai, que está longe, conforme seu relato.

Com a saída do pai, sempre há uma mudança, com certeza! Mesmo que a gente não queira, sempre há uma mudança. Tanto com os filhos, como com a gente. A autoridade com os filhos não mudou. A gente que fica como mãe, a gente tem que assumir responsabilidades, a gente é mãe e pai. Ele está longe, mas sempre tá conversando com os meninos, mas em questão assim de respeitar mais, sempre sobra pra gente que é a mãe (dona Marta).

Macedo (2001) adverte que, dependendo do momento do ciclo vital da família, a noção de chefe de família remete à diversidade de posições, lugares e papéis complementares na organização do grupo familiar. Ainda assim, Rodrigues (1984) observa que os papéis e as funções desempenhados no grupo doméstico não podem ser vistos como fixos ou limitados a um único modelo de família, em que prevalece o chefe de família – pai e seu par, a mãe de família.

Alguns casos, como o de dona Conceição, evidenciaram que a distância e o tempo de ausência do marido proporcionado pela migração trouxeram um enfraquecimento dos laços familiares. Segundo ela, muito embora o nível de vida tenha melhorado, há um esfacelamento dos vínculos familiares, conforme demonstra o relato a seguir. Apesar de manter contatos esporádicos com o marido pelo telefone, é ela quem administra a casa e toma as decisões da família.

Ah! Muda bastante. Porque desliga. A família, como se diz, o pai fica pra lá, a mãe fica pra cá com os filhos. Então desliga! Assim, os laços de família acaba desfazendo. Por um lado adquire melhoras de alguma coisa, mas, em relação à família, não é a mesma coisa mais (dona Conceição).

É, hoje eu que comando a casa, os filhos, porque ele tá longe. Não tem como! Mesmo que liga, conversa, mas não é aquela coisa de tá aqui! Acaba que as decisões sou eu mesmo que tomo! (dona Conceição).

Assis (1999) adverte que quando os migrantes deixam de telefonar com frequência é indicativo de que estão se distanciando da família ou do cônjuge, tornando-se motivo de preocupação para quem fica. Ainda assim, a ausência de telefonemas pode ser seguida da interrupção das cartas e da remessa de dinheiro, sendo a combinação desses três fatores o sinal de que o migrante desistiu do retorno. Esses fatores indicam que para o projeto de migrar alcançar sucesso ele dependerá também, além de outros elementos, de um pacto de confiança estabelecido entre o migrante e a sua família, especialmente com a esposa que ficou. O envio constante

das remessas, o número de ligações realizadas, os presentes enviados, a participação nas decisões do grupo familiar, os planos elaborados em conjunto, enfim, as expectativas mútuas, demonstram que o projeto da migração obterá êxito.

Apesar da ampliação do papel já desempenhado pela mulher na esfera privada do lar, como cuidar da casa e dos filhos, sem a presença do marido, a migração pode também proporcionar à mulher a ocupação da esfera pública, espaço deixado pelo homem, ainda que por tempo determinado. Isso ocorreu com dona Eliana, que além das “antigas funções” desempenhadas por ela no cuidado da casa e dos filhos teve que, juntamente com a filha, assumir os investimentos da família, como compra de terrenos, materiais, contratação de mão-de-obra, construção da casa, compra de gado, práticas da esfera econômica, tipicamente masculinas. O interessante é que, apesar de ela assumir essas responsabilidades, principalmente os negócios da família, a *imagem* de pai diante do grupo familiar se manteve a mesma. Segundo Maia (2004), a ausência do homem, pai provedor, nunca se apresenta de forma absoluta, pois a autoridade, a hierarquia e o governo do pai continuam representados, e é por meio destas representações que ocorre sua presença.

Segundo dona Eliana, uma das estratégias utilizadas por ela para que o pai “ausente” continuasse “presente” no comando da família, principalmente diante dos filhos, foi a de manter e reforçar sua imagem através das ligações telefônicas, como ressalta Assis.

*“O telefone é um canal de comunicação de ordem diferente da carta, pois permite que as pessoas conversem, **uma vez que existem coisas que são difíceis de escrever, precisa-se falar.** Ouvir a voz de quem ficou no Brasil, não significa apenas matar a saudade, mas **reforçar laços**, receber respostas: tornar **presente**, por alguns minutos ou até horas, pessoas que estão tão distantes* (Assis, 1999, p. 143).

Lefebvre, *apud* Maia (2004), coloca que os conceitos de ausência e presença fazem parte do mundo das representações e do imaginário social que preenche os vazios do pensamento. Segundo o autor, o sujeito – ou objeto – nunca está completamente ausente, pois os símbolos, as imagens e os signos é que permitem o acesso à presença.

A presença do migrante é construída a partir dos contatos que se fazem. Em alguns casos, como na família de dona Eliana, esses contatos garantem a manutenção da antiga organização familiar, com base em uma estrutura tradicional, em que o pai

exerce poder e autoridade central. No relato de dona Eliana, apesar de ela afirmar que a maioria das decisões da família é realizada com a participação e opinião de todos, percebe-se a centralidade do poder do pai:

Mesmo ele estando fora, eu busco opinião com ele, eu ligo pra ele, ou ele liga para mim. Ele fala se pode ou se não pode. Se puder, faz! Se não puder, não faz e pronto! O papel de pai continua a mesma coisa (dona Eliana).

A autoridade central do pai na família pode ser evidenciada em um dos episódios relatados pela mãe, que se deu por ocasião do princípio de namoro da filha com um rapaz, o que demandou o consentimento da família, mais precisamente o consentimento do pai, para que essa relação se estabelecesse. Assim, para que ela (a filha) pudesse ter “permissão” para namorar e, principalmente, para que o namorado pudesse freqüentar a casa da família, foi preciso estabelecer longos diálogos pelo telefone, buscando o “convencimento” do pai que estava ausente.

“Sempre que eu tinha que decidir alguma coisa eu pegava opinião dele e pegava a minha. A gente ia na opinião de cada um. A gente olhava o que dava certo, então a gente ia. De repente ele falava: tem que fazer isso! Se eu achasse que dava certo, então eu fazia. Se eu achasse que não dava certo, então não fazia (dona Eliana).

O canal de comunicação estabelecido a partir das cartas e das ligações telefônicas, em alguns casos, revela ser uma forma de manutenção dos laços, dos papéis, bem como de controle social dos membros que ficaram, especialmente da mulher. Assis (2002) ressalta que a presença do migrante na família ocorre por intermédio das inúmeras cartas, fotos, vídeos, telefonemas, dos presentes enviados aos membros da família, entre outros, o que permite estabelecer *uma complexa rede de relações entre a sociedade de origem e a sociedade de destino*. No caso de dona Maria a presença do marido é mantida por meio de cartas e ligações telefônicas, e ela avalia que o papel do pai perante a família continuou o mesmo. O marido mantém o controle dos membros, especialmente da mulher, via ligações telefônicas, conforme evidencia o depoimento de dona Maria.

Permanece do mesmo jeito. Todos os dias ele liga, não tem nem hora, qualquer hora ele liga, entendeu? Não tem hora marcada, pode ser à noite, no dia, de tarde (dona Maria).

No entanto, segundo ela, criar os filhos com o referencial de um pai que está longe, distante, ou seja, ausente do convívio diário, torna-se uma tarefa complexa, principalmente em relação à falta que os filhos sentem do pai, uma vez que as cartas e ligações não correspondem às expectativas do grupo familiar, conforme sua explicação.

Só trouxe tristeza, mais nada! É ruim demais pros filhos. Eles sofrem muito, eles reclamam a falta do pai. As crianças falam: 'Pai, quando você vai chegar?' A filha mais nova pega a foto do pai e diz: 'Oh, pai não demora não, tá?' O ruim é que eles eram muito apegados a ele (dona Maria).

Há também situações em que a ausência do marido provoca a perda da legitimidade do papel de esposa, pois *mulher sem marido* fica sujeita ao desrespeito alheio, inclusive dos próprios parentes. No caso de dona Cristina após a saída do marido sua família passou a não mais respeitá-la, sendo necessário retornar à casa dos pais por um período, até que sua casa, à época em fase de construção, fosse finalizada.

Ah! Mudou bem. Porque quando ele tava aqui era uma coisa. Depois que ele foi embora era outra em relação à família dele. Porque antes eu morava nos fundos da casa deles. Aí quando ele (marido) estava aqui, eu era bem tratada. Depois que ele foi embora, tudo mudou (dona Cristina).

Entre as famílias cujos migrantes foram os filhos, não foram observadas mudanças substantivas, especificamente em relação à organização familiar e aos papéis sociais. Para dona Lúcia não houve mudanças nas relações da família até então, diferentemente da visão de sua filha. Para a filha, a não-convivência com os irmãos que migraram preserva a relação entre eles dos atritos e desgastes diários, tornando-a mais amena, mais sociável.

Não tem como não mudar. Querendo ou não muda sim. Pois a realidade lá é totalmente diferente daqui. Fica mais amável também, pois o convívio desgasta nossa relação e a gente acaba brigando muito (Filha de dona Lúcia).

Segundo dona Eliana, a parte mais difícil da experiência da migração do marido foi à ampliação das suas atribuições, especialmente em ter que assumir

sozinha a responsabilidade do cuidado com os filhos e da construção da casa; ainda assim, mantendo tudo de *acordo* com a vontade do marido.

A responsabilidade é muito grande, nosso Deus! É difícil ficar sozinha né, sem marido, isso é muito difícil. Tem que tomar conta de tudo e tem que sair tudo bem, se não o homem (marido) briga ainda (dona Eliana).

Assim, observa-se que embora as famílias apresentem trajetórias diferentes nas experiências migratórias de seus integrantes, no que se refere às modificações nas relações familiares, torna-se possível fazer algumas considerações. Em famílias de migrantes pais, o papel de mãe – trabalho doméstico, administração, organização doméstica e familiar – pode ser ampliado, uma vez que a grande maioria passa a “comandar” a casa e os filhos por um longo período, sem a presença do marido. Além disso, algumas mulheres passam também a desempenhar um papel da esfera pública, tido como um espaço historicamente masculino, sobretudo nos investimentos que passam a ser realizados pela família. No que diz respeito ao papel do homem, apesar da distância que separa o migrante de sua família, constata-se que, em alguns casos, o poder e a autoridade do pai sobre a esposa e os filhos se mantêm dentro do mesmo padrão anterior, principalmente pela presença realizada pelas ligações telefônicas constantes. No entanto, também a mulher, pelo convívio diário e a proximidade física com os filhos, acaba exercendo “certo” poder e “autoridade” diante do grupo familiar.

Observa-se, pois, que a migração pode proporcionar a ampliação de papéis, o surgimento de novos papéis, como também pode provocar a perda de papéis anteriores.

Além disso, as avaliações das famílias sobre o período de ausência do migrante tornam-se repletas de profundos questionamentos. Para a maioria das famílias, essa experiência provoca reflexões ambíguas, pois apesar da realização dos projetos pretendidos, da independência econômica, da melhoria do nível de vida, bem como das experiências provocadas pela migração, a distância e o tempo de convivência “anulado” não poderão ser substituídos ou mesmo recuperados. No item seguinte, buscou-se analisar os significados atribuídos pelas famílias à experiência de migração de um dos seus membros.

4.2.3 Analisando os significados da experiência migratória segundo as ‘famílias que ficam’

O significado atribuído pelas famílias à experiência de migração de um dos seus integrantes é perpassado por diferentes pontos de vista. Geralmente para as famílias essa experiência é marcada por anseios, mudanças, expectativas, derrotas, conquistas, além de muita saudade. Esse período de ausência do migrante demonstra ser extremamente doloroso para todos os membros do grupo familiar, especialmente para as mães, pois, além de representar um tempo indeterminado de vivência longe dos filhos, a saída de casa representa uma ruptura, a independência destes, a probabilidade de não haver mais retorno.

Para a maioria das famílias, embora a migração proporcione melhorias no nível de vida, o período de ausência é visto como sendo de muito sofrimento. Nas suas reflexões, as famílias consideram que viver longe dos seus parentes, embora seja uma estratégia pensada e planejada, torna-se um momento extremamente doloroso. Para algumas delas, o que provoca angústia é o tempo não-compartilhado diariamente com o integrante que migrou, *aquele tempo que não volta mais*, demonstrando que o projeto de migrar é permeado por inúmeras avaliações e ambigüidades, principalmente de *perdas e ganhos*. Segundo dona Maria, embora a migração do marido tenha proporcionado melhores salários, o que irá possibilitar futuramente a compra do sítio que a família deseja, o sacrifício de ficar longe não compensa, pois, segundo ela, viver longe do marido com toda a responsabilidade de criar as filhas torna-se muito difícil.

Olha! Com o salário que ele ganha melhorou bastante nossa vida. Só que o sacrifício é muito grande. É muito difícil ficar assim, longe do esposo. É muito difícil criar as filhas sozinhas. Eu acho que tudo isso não vale a pena não (dona Maria).

No caso de dona Marta, a experiência mais importante proporcionada pela migração do marido foi a independência econômica da sua família. Para ela, o fato de ter podido construir a casa do seu modo, não tendo mais que precisar da ajuda e do *favor* do pai, marcou profundamente sua vida. No entanto, apesar dessa conquista tão desejada pela família, do sonho realizado, ela questiona e avalia os momentos vividos sem a presença do marido, as experiências que teve com os filhos, os

momentos das maiores dificuldades, os problemas enfrentados pelo marido em outro país, o tempo que não volta mais e o valor da felicidade.

*Hoje, graças a Deus, minha casa ainda não tá terminada não. Mas eu não devo um centavo dela. Tudo que tá aqui dentro foi escolha minha. Antes, eu não tinha nada, nadinha. Morava de favor numa casa do meu pai. É do pai da gente na verdade, mas não é da gente. Tudo que eu tenho aqui hoje é comprado. Mas, numa parte eu vou lá na frente e volto atrás. Numa parte é bom, mas na outra é ruim. O tempo que ele tá lá, o tempo que ele tá ficando lá, a gente não vai conseguir nunca voltar, substituir, entendeu? O que a gente já passou, o que eu passo sozinha aqui, o que ele passa lá. Esses tempo nunca vai ser recuperado. Tudo que eu já passei com os meninos, três meninos pra mim cuidar sozinha. Mas **o sonho tá realizado!** Eu falo com ele: terminar aqui e vim embora, porque o dia de amanhã não pertence a gente. Depois fica toda vida pra lá, esquece dos filhos aqui, da esposa. Se casou, é pra viver junto! Não tem dinheiro no mundo que compre a felicidade da gente (dona Marta).*

Para dona Marta, apesar de as remessas enviadas pelo marido terem proporcionado a construção da casa, sonho da família, e conseqüentemente a possibilidade de uma vida com mais *liberdade e autonomia*, diferente da vida na casa do pai, ela ainda não se sente uma pessoa totalmente feliz.

Eu estou feliz na verdade. Tenho minha casa, tenho o que é meu hoje. Eu faço o que eu quero dentro da minha casa. Porque quando você mora de favor, principalmente ‘embolado’, você tem se manter muito reservado. Hoje tenho minha casa, tenho tudo, mas não tenho a felicidade completa (dona Marta).

Para dona Maria, a experiência de viver longe do marido por tempo indeterminado é difícil de explicar, pois essa foi a primeira vez que o convívio diário foi rompido.

Ah! É complicado, difícil demais, muito difícil ter uma pessoa assim fora. Ainda mais sendo o esposo da gente, que viveu dia-a-dia, todos os dias juntos. Eu vivi com ele nove anos. Em nove anos que vivemos juntos, ele nunca saiu pra trabalhar fora, e de repente ele vai para os EUA, ficar não sei quantos anos fora. É muito complicado, difícil demais (dona Maria).

Dona Eliana avalia que é chegado o fim da experiência de viver longe do marido, uma vez que a família já realizou os projetos que desejava e os filhos já não necessitam mais da ajuda financeira dos pais.

Já tem muito tempo que ele tá fora. A filha já tá trabalhando. O filho também. Todo mundo encaminhado. O que pôde fazer a gente já fez. O que tinha de dar, já deu. O marido agora tem que descansar, ele está estressado. Somos só nós quatro mesmo. Qualquer pouquinho dá pra viver (dona Eliana).

Para dona Célia ter os filhos morando em outro país significa a pior experiência já vivenciada por ela. Apesar das dificuldades financeiras e da falta de trabalho – fatores que impulsionaram os filhos a optarem pela migração –, mesmo assim ela gostaria de tê-los em casa novamente.

*Pra mim é a coisa pior do mundo. Se eu pudesse ter meus filhos junto de mim, todos aqui abraçados comigo dentro de casa. Mesmo passando necessidades eu queria que eles estivessem comigo. A **saudade** é muita (dona Célia).*

DaMatta (1992) ressalta que a palavra “saudade” define um estado da alma e um sentimento de dor, angústia e nostalgia, provocado pela distância, pela ausência, pelo desejo de estar em um outro tempo e lugar. Saudade é uma palavra da língua portuguesa incorporada à cultura brasileira, palavra que afirmamos com orgulho só existir em nossa língua. Segundo dona Célia, a parte pior dessa experiência é a saudade dos filhos, pois em decorrência da sua idade avançada, ela teme não ter a oportunidade de vê-los retornar. Para dona Tereza, a experiência de viver longe do filho é semelhante à vivida por dona Célia. Segundo ela, se a situação financeira da família fosse diferente, ou seja, melhor que a atual, não haveria necessidade do filho migrar para outro país.

Isso é ruim demais. Não tem coisa pior. Pra te falar a verdade, se eu tivesse uma situação financeira (melhor), coisa que eu nunca tive na vida, pois sempre fui pobre mesmo. Mas se eu tivesse uma vida boa, eu não tinha deixado não. Nosso Deus! Tem dia que eu choro demais. Meu filho, nosso Deus, ele era muito agarrado comigo (dona Tereza).

Segundo dona Lúcia, essa experiência provoca o sentimento de derrota e tristeza, pois reflete os problemas econômicos ocorridos no país nas últimas décadas, como ausência de trabalho e salários compensadores, fatores que impulsionaram a saída de muitos brasileiros.

Ah! A gente sente uma derrota. Derrota de nosso país não proporcionar apoio para eles. Um emprego, uma estrutura de vida pra se viver. Acaba saindo do país. Para gente não é motivo de alegria não, é tristeza mesmo. Não é bom não essa ausência (dona Lúcia).

Apesar do sofrimento que perpassou todas as avaliações sobre o significado da migração, o tempo passado fora é visto também como *possibilidades*: possibilidades de a família e, ou, os filhos melhorarem suas condições de vida, como no caso de dona Júlia; possibilidades de aprendizagem, como no caso de dona Conceição; e possibilidades de melhorias das relações familiares, como no caso de dona Marta, que com a migração o marido passou a se preocupar mais com a família.

*Nosso Deus! É muito importante. Tão longe, **mas a gente sabe que eles estão lá adquirindo um benefício**, uma coisa pra eles, que não deu pra adquirir aqui (dona Júlia).*

*Significa um monte de coisa, né? Que é bem difícil da gente explicar. É difícil tá convivendo longe, né? A gente tem que aprender a conviver longe da pessoa, é muito difícil isso. No início todo mundo sofreu, né? Agora já acostumaram. **O tempo vai mudando a gente; muda ele lá e muda a gente aqui também** (dona Conceição).*

*“Não sei explicar, é complicado, sabe! É uma coisa muito difícil de falar, porque na nossa família nunca teve uma pessoa que saiu do País. Ele foi o primeiro. Então a experiência é muito grande que a gente tá vivendo, com a saída dele. É uma situação difícil. Tem muitos homens que vão e não tão nem aí pra família. Chega lá vai envolver com outra mulher, vai fazer muitas coisas erradas. O caso dele foi diferente. Aqui eu sempre pegava mais no pé dele, porque o negócio dele era jogar bola. **Depois que ele foi pra lá, mudou. A maneira dele se preocupar mais com a família**” (dona Marta).*

Assis (1999) lembra que a ausência da família é vivenciada de forma dolorosa. As pessoas sentem-se *esmagadas* pela saudade e pelo desejo de estar próximo de quem se gosta. Segundo a autora, nos EUA, entre outras coisas, os homens se descobrem frágeis, por que não dizer sensíveis? Por outro lado, apesar das

conquistas obtidas com o trabalho do marido, há também perdas. No caso de dona Marta, com a saída do esposo, sua conduta na cidade passou a *policitada* pelos moradores. Por causa disso, teve que mudar seu comportamento diário.

Nós mulheres sozinhas aqui da cidade, a gente é muito perseguida, sabe! Você não pode conversar. Você tem que evitar conversar com certas pessoas. Tem que evitar muitas coisas. Porque aqui em Ipaba, infelizmente, é assim: se você conversa com homem, você tá traindo seu marido. Se você conversa com mulher, você vira sapatão. Só quem vive aqui é que sabe. É por isso que eu falo: pode ganhar rios de dinheiro, que não vai substituir o que eu passo (dona Marta).

Segundo Souza (1999), o temor do olhar que não se torna palavra, que não se traduz em comentário face a face, é traço marcante da condição de vizinhança. Por isso, é grande a preocupação com o risco de ser *malfalado* pelas pessoas que estão permanentemente por perto. O ‘falar por trás’ constitui um código diferente, não exposto, mas oculto, que por ser real causa grande temor. Ainda assim, conforme o autor, os moradores têm com seu local de residência uma relação de compromisso, ou seja, as pessoas tendem a se identificar com o local onde moram. Este espaço torna-se uma importante referência em sua apresentação para o mundo, devendo ser cuidado para assegurar a reputação dos moradores, sendo preservado tanto em nível material, como em nível moral.

A vigilância que se instaura sob as famílias dos migrantes implica uma rede de controle social, que atua sobre a conduta tanto da mulher que fica, como do marido que parte. Segundo uma moradora da cidade, as esposas de migrantes são vistas como ‘as mulheres que estão sendo sempre traídas’, na opinião de uma depoente²⁹: *Essa coisa de ir para fora, longe, não é boa coisa! Esses homens chegam lá e vão logo arrumando outra!* A vigilância também é exercida entre os que partiram. Outra prática comum são as informações trazidas por outros migrantes que acabaram de retornar, principalmente em relação à conduta de quem ficou. Para algumas mulheres, buscar esse tipo de informações torna-se uma estratégia utilizada para confirmar se as regras previamente estabelecidas entre o casal estão sendo preservadas.

²⁹ Anotação realizada no caderno de campo. “Fala” de uma moradora que solicitou fazer um depoimento no final de uma das entrevistas.

Sendo assim, os significados que as famílias constroem sobre a experiência migratória revela as diferentes trajetórias de cada grupo familiar. Essa experiência pode compor inúmeros significados: conquistas, derrotas, tristezas, controle social, dentre outros. Ainda assim, para algumas famílias pode significar um período “forçado” de aprendizagem, vivido com a experiência de um cotidiano longe do marido ou de um (ou mais) filho; a melhoria das relações familiares, experimentadas com a preocupação “maior” do marido ou dos irmãos.

Os significados que são construídos a partir do ‘olhar de quem fica’, especialmente das mães e esposas, evidenciam que o fenômeno da migração internacional proporciona mudanças não apenas nas relações familiares, mas também no cotidiano de vida dessas famílias. No entanto, não se pode afirmar qual a duração dessas mudanças, nem mesmo se elas serão permanentes, pois, para isso, seria necessário investigar as relações dessas famílias em outro momento específico dessa experiência: com o retorno do migrante.

Mesmo assim, a fala de uma das mulheres, dona Conceição, consegue sintetizar as mudanças ocorridas com todos os envolvidos neste processo, tanto para quem migra, como para quem fica: *O tempo vai mudando a gente! Muda ele lá! E muda a gente aqui também!*

6. CONCLUSÕES

A migração internacional de brasileiros é um fenômeno extremamente recente em nossa história. A produção científica sobre essa temática no Brasil ganhou maiores proporções a partir da década de 1990. No entanto, esses trabalhos tiveram como foco de análise as experiências dos migrantes, sobretudo em relação ao processo de adaptação a uma nova cultura, a um novo trabalho em um país distante, às possibilidades econômicas representadas pela nova experiência e aos processos subjetivos vividos pelo migrante, especialmente relacionados ao sofrimento e ao desejo de retorno, entre outros. Nessa perspectiva, geralmente a análise encontrava-se direcionada para a trajetória de quem partiu, com o enfoque no indivíduo que migrou para outro país.

Contudo, nesta pesquisa, a migração internacional foi analisada sob outro ângulo: a partir do olhar das ‘famílias que ficam’. O presente trabalho buscou analisar as conseqüências da migração internacional nas famílias que tiveram um ou mais de seus membros migrando para o exterior e o significado dessa experiência para o grupo, bem como analisar as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município de origem dos migrantes, Ipaba-MG. Este objetivo geral subsidiou a construção dos objetivos específicos, que foram analisar os fatores envolvidos na consolidação do processo migratório, em especial as motivações que impulsionam os indivíduos a migrarem; o papel da família e das redes sociais neste processo; as transformações que a migração internacional vem provocando na economia e no espaço urbano do município

pesquisado; as transformações ocorridas nas famílias, especialmente aquelas relativas às mudanças na organização familiar e nos papéis familiares após a migração internacional de um dos seus membros; e, finalmente, compreender os significados atribuídos pelas famílias que vivenciam essa experiência.

A pesquisa revelou algumas tendências associadas ao fenômeno migratório que vem ocorrendo no município de Ipaba-MG, evidenciando que a migração de seus moradores proporciona transformações não apenas na economia e no espaço urbano da cidade, como também nas famílias dos migrantes que ficam. Ainda assim, os dados da pesquisa evidenciam que essas mesmas tendências podem ocorrer em outras localidades que vivenciam o fenômeno migratório, transformando não apenas os lugares, como também as relações das famílias que passam por essa experiência.

Nas análises referentes aos fatores envolvidos na consolidação do processo migratório, em especial as motivações que impulsionaram os indivíduos a migrarem para os EUA, observa-se a supremacia de um desejo: o sonho de obtenção da casa própria. No entanto, muito embora esse motivo já tenha sido mencionado em outras pesquisas brasileiras, sua aparição ocorria sempre “mesclada” a outros motivos, como ‘fazer uma poupança’, ‘abrir o próprio negócio’, ‘melhorar o nível de vida da família’, entre outros. Em Ipaba, adquirir a casa própria por meio de sua construção (a grande maioria) ou da compra é o elemento motivador central para a migração. Na ausência do migrante, as famílias tornaram-se as responsáveis pela organização e pelo gerenciamento desse empreendimento, ficando o tempo de retorno do migrante condicionado à finalização da obra.

Dessa forma, constatou-se que migração internacional é o empreendimento que torna possível a realização de uma das mais “importantes aspirações da família brasileira”, a casa própria. Conforme evidenciado, a casa própria exerce um fascínio marcante na vida das famílias, uma vez que este objeto está associado às inúmeras representações, como segurança, abrigo permanente, garantia de moradia, conquista do trabalhador, entre outras, como também desempenha importantes funções simbólicas e subjetivas, como satisfação própria, garantia de estabilidade, *status* social e cultural da família. Além disso, a casa própria como um dos principais projetos de quem migra representa não apenas a ascensão social buscada pelo migrante e sua família, como também delimita o tempo de retorno de quem partiu. Nesse sentido, o projeto de migração é, em princípio, um projeto temporário, passageiro, com tempo e finalidade determinados.

Logo, para que esse projeto possa ser realizado com sucesso, constatou-se que o migrante conta com a presença efetiva dos membros da família. São eles que, na maioria das vezes, cuidam dos filhos, dos negócios, dos assuntos de interesse do migrante que partiu, além de disponibilizarem os recursos necessários para a viagem, ou seja, prestam apoio nas esferas financeira, social, e emocional. A estratégia de apoio financeiro torna-se comum entre essas famílias, ficando o migrante comprometido a saldar suas dívidas no momento em que conseguir trabalho no país para o qual migrou. O forte envolvimento emocional revelados no estímulo e apoio dados pelos familiares, o compartilhamento dos planos de migração e as motivações que, maioria das vezes, estão sempre relacionados às metas a serem alcançadas para a família revelam que para grande maioria das famílias a migração é um projeto coletivo, pois reflete os anseios do grupo familiar, e não um projeto individual, como manifestação única do desejo do migrante.

Outro elemento que garante sucesso no projeto de quem migra é a presença da família na rede social utilizada pelo migrante. Apesar de o movimento migratório poder ser reforçado por diferentes ligações sociais, as conexões familiares que são construídas neste processo tornam os ‘nós’ da rede tecida pelo migrante mais seguros. Geralmente, a rede inicia-se por meio da saída de um dos integrantes da família, sendo realimentada por outros que percorrem o mesmo caminho. A importância da rede social desempenhada no processo migratório de Ipaba-MG vem corroborar as lacunas das teorias econômicas geralmente utilizadas para explicar os motivos que impulsionam a migração. Nesta pesquisa, as teorias **neoclássica** (migração definida por meio da variável renda) e **histórico-estrutural** (o contexto dos países de destino impulsionando a migração) não se aplicam ao caso da migração que ocorre em Ipaba. Apesar de este município e região terem vivido momentos de estabilidade de postos de trabalho/salário, especialmente no período do milagre econômico, o fluxo migratório continuou ocorrendo. Além disso, nunca houve por parte do governo americano qualquer programa que estimulasse a migração de brasileiros para os Estados Unidos. Outro elemento que legitima as pesquisas sobre a migração internacional pôde ser comprovado na análise do perfil das famílias e do migrante, demonstrando que, em Ipaba, os homens em idade produtiva e com baixo nível de escolaridade são maioria no fluxo migratório estabelecido neste município, conforme já apontado em outros estudos. Dessa forma, constata-se que a família,

juntamente com a rede social, foi o principal elemento impulsionador da migração internacional neste município.

Em se tratando das transformações ocorridas no município com a migração dos seus moradores, observa-se que a economia local vem se desenvolvendo gradativamente. Com as remessas enviadas pelo migrante às famílias, o setor que mais sofreu transformações no município é o da construção civil. Este fato pôde ser comprovado pelo número de novas lojas de material de construção que surgiram na cidade e pelo valor da mão-de-obra dos *pedreiros*, que, nos últimos anos, aumentou em decorrência do poder aquisitivo das famílias. As reformas e construções das casas evidenciaram os reflexos do fenômeno migratório e seu impacto na dinâmica espacial do município. No entanto, como outros setores da economia local não fizeram parte da pesquisa, pode-se apenas pressupor que eles também estejam se desenvolvendo em decorrência do aumento do fluxo de dinheiro no município, questões que poderão ser objeto de estudo mais aprofundado em pesquisas futuras.

No que se refere às condições de vida das famílias que ficam, constatou-se que a migração proporciona melhorias, especialmente quando os sonhos e desejos são realizados, a exemplo da casa própria. No entanto, para que as famílias possam desfrutar de uma vida melhor, outros elementos têm que ser considerados, como o número de postos de trabalho conseguidos pelo migrante no exterior, os salários, a trajetória em um novo país e as prioridades do grupo familiar. Observou-se também que, para algumas famílias, a migração de um dos membros é uma estratégia de sobrevivência do grupo familiar. Para algumas famílias, a saída de um dos integrantes provoca melhorias no nível de vida, pois o grupo familiar pode contar com o *apoio* de quem partiu, principalmente nos momentos econômicos desfavoráveis.

Outro elemento que os dados da pesquisa possibilitaram compreender foi as transformações ocorridas nas famílias, especialmente no que se refere à organização familiar e às mudanças de papéis sociais ocorridas nas famílias de pais e esposos migrantes. Com a saída do pai, o papel desempenhado pela mãe amplia-se, cabendo a ela comandar sozinha a casa e os filhos, e até, em alguns casos, ocupar a esfera pública, espaço deixado pelo homem. A mulher passa a se responsabilizar pela esfera econômica no caso dos investimentos realizados por meio da migração, como compras, contratações de mão-de-obra, construção da casa, compra de gado, entre outros. Constatou-se também que apesar de a migração provocar o distanciamento

físico das pessoas, em algumas famílias há o surgimento de estratégias que visam preservar e manter o *poder* e a *autoridade* do pai que migrou. O provedor da família, mesmo estando longe, se faz presente nas decisões do grupo por meio do estabelecimento de comunicações via ligações telefônicas e, ou, cartas. Ainda assim, apesar de a presença do pai ser preservada, observa-se que há o aumento do poder, da autoridade e da autonomia da mãe diante do grupo familiar, especialmente com os filhos, em decorrência do convívio diário. Em algumas situações, observa-se também que a migração provoca perdas da legitimidade de papéis desempenhados anteriormente, especialmente das esposas que passam a viver sem os maridos, o que as coloca em condições de desrespeito alheio, inclusive dos próprios familiares/parentes. Em relação às famílias cujos membros migrantes foram os filhos, manteve-se, de modo geral, a antiga estrutura organizacional, preservando-se também os antigos papéis, ou seja, a migração não trouxe alterações à ‘família que ficou’.

Mas, apesar de a migração proporcionar melhorias para o nível de vida das famílias, como a realização de projetos pretendidos e a independência econômica do grupo familiar, a pesquisa apontou que essa experiência é vivida pelos familiares com profundos questionamentos, reflexões ambíguas e muito sofrimento, principalmente no que se refere à ausência, à distância e ao tempo fisicamente não compartilhado entre o migrante e sua família. Nas avaliações e reflexões que são construídas pelas ‘famílias que ficam’ sobre essa experiência, constatou-se que, embora esse projeto seja uma estratégia pensada e planejada por todos, sua realização implicará, continuamente, *perdas* e *ganhos*.

Em se tratando dos significados construídos pelas famílias em relação à experiência migratória, a pesquisa revelou que este período é marcado por inúmeros sacrifícios, expectativas, responsabilidades, dificuldades, liberdade, autonomia, derrota, tristeza, conquistas e muitas saudades. Além disso, para algumas famílias, a experiência migratória de um dos seus integrantes significa possibilidades de melhoria das condições de vida, possibilidades de aprendizagem de uma convivência longe de quem migrou, como também possibilidades de melhorias das relações familiares promovidas pela distância e pela ausência. Para as mães, a migração dos filhos pode demarcar a independência financeira do migrante, sinalizando poucas possibilidades de retorno deste integrante ao Brasil, uma vez que, segundo suas famílias, aqui eles não visualizam as mesmas oportunidades a que têm acesso no

exterior. Para as esposas que vivenciam a “espera” dos maridos, especialmente em uma cidade do interior, essa experiência pode significar mudanças no comportamento diário, uma vez que se instaura uma rede de controle social de vigilância sob a conduta de quem fica.

Para a realização deste trabalho, deparou-se com alguns limites, especialmente no que se refere à aproximação com essas famílias. Para adentrar nesse universo tão particular, foi necessário criar sólidas estratégias que propiciassem estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistados, prática esta que demandou muitos esforços. Os resultados apresentados nesta pesquisa sinalizaram a importância desempenhada pela família no processo migratório. No entanto, estes resultados indicam possibilidades para futuras investigações, especialmente em se tratando das modificações ocorridas com outros integrantes da família, especialmente os filhos, que crescem sem a presença diária da figura do pai.

Finalizando, a pesquisa tornou evidente mudanças ocorridas no espaço urbano de Ipaba-MG, advindas da migração internacional presente nesse município, e através do ‘olhar de quem fica’ revelou as transformações ocorridas nas organizações e nos papéis das famílias de migrantes. De modo geral, os processos migratórios revelaram dinâmicas coletivas das famílias, mas também as singularidades próprias das histórias de cada uma delas. No entanto, apesar das suas singularidades e diversidades presentes em cada unidade, individualmente a família ainda é um referencial extremamente importante na definição e concretização dos projetos dos seus membros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, L. Famílias e vida doméstica. In: **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 147.

ANTICO, C. Por que migrar? In: **Migrações, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo, 1980-1993**. Campinas, São Paulo: UNICAMP/Instituto de Economia, 1997. p. 97-113.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 200

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

ASSIS, G. **Estar aqui, Estar lá...** uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, junho de 2002.

ASSIS, G. Estar Aqui, Estar Lá...uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. In: **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ASSIS, G. **Estar aqui... estar lá... Uma cartografia da vida entre dois lugares**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

ASSIS, G. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para a pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 9, n. 1, jan./jul. 1992.

BAENINGER, R. **Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980/1996**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências HumanasCampinas, 2000.

BARROS, R.P.; FIRPO, S.; RAMOS, L. **Geração de empregos e realocação espacial**. Mercado de trabalho: conjuntura e análise. Rio de Janeiro: IPEA, ano 3, jan./jun. 1998.

BASSANEZI, M. **Imigrações internacionais no Brasil**: um panorama histórico. In: Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. 2. Ed., São Paulo: FNUAP, 1995.

BÓGUS, M. L. **Globalização e migração internacional**: o que há de novo nesses processos? Desafios da globalização. Petrópolis: Vozes, 1997.

BÓGUS, M. L. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, N, L. (Ed.) **Emigração e imigração no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.

BOURDIEU, P. **La famille comme catégorie réalisée**. Actes de la Recherche em Sciences Sociales. Paris: Maison des Sciences de L' homme. 1993.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. (Org.) **Infância e vivência doméstica**: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1997.

CARDOSO, R. C. L. **Estrutura familiar e mobilidade social**. Estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo: Primus Comunicação, 1995.

CARNEIRO, R. **Fetichismo do novo compromisso entre o capital na era da reestruturação produtiva**: adesão consentida do trabalho. 10^o CBAS. Rio de Janeiro, 2001.

CARVALHO, J. O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80: uma tentativa de estimativa. In: **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editorial, 1996.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVIGNAC, J. Reconstruindo o passado: memórias migrantes da zona norte de Natal. Travessia. **Revista do Migrante**, São Paulo, n. 32, 1998.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal. In: ALMEIDA, M. S. K. (Org.) **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Unicamp, 1994.

CUNHA, J. M.; BAENINGER, R. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudança. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2., 2000. Belo Horizonte: ABEP. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000. p. 117-165, 2000.

DA MATTA, R. **Em tempos de dilaceração e desesperança, Roberto Da Matta tentar fixar a saudade no horizonte da sociologia brasileira “como categoria básica da nossa existência” e elemento de uma nova ética.** Especial para Folha de São Paulo, 28/06/1992.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

DIAS, C. **Grupo focal:** técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Nov. 1999. 16p.

FAZITO, D. **A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios:** a força dos laços fortes para a intermediação. Seminário: As famílias e as Políticas no Brasil. Belo Horizonte, 2005.

FONSECA, M. L. **Reunificação familiar e imigração em Portugal.** Observatório da Imigração. ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. 2005. Disponível em: <<http://www.oi.acime.gov.pt/docs/Estudos>>. Acesso em: 22 ago. 2006.

FUSCO, W. **Redes sociais na migração internacional:** o caso de Governador Valadares. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, março de 2002.

FUSCO, W. **Redes sociais na migração internacional:** o caso de Governador Valadares. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2001.

GALIMBERTTI, P. **O caminho que o *dekassegui* sonhou:** cultura e subjetividade no movimento *dekassegui*. São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina: Ed. UEL, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GODBOUT, J. T.; CAILLÉ, A. **O espírito da dádiva.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOLDANI, A. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2002.

GOLDANI, A. Retratos da família em tempos de crise. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, número especial, 1994.

GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO. **Empresa das artes.** Minas Gerais, 2001.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

IANNI, O. Globalização e diversidade. In: _____. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editorial, 1996.

IBGE/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2004). **Taxa de desemprego. Minas Gerais.** Disponível em: <<http://www.tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2002/b06.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2007.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2001.

KLAGSBRUNN, V. **Globalização da economia mundial e mercado de trabalho: a emigração de brasileiros para os Estados Unidos e Japão**. In: Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Campinas: FNUAP; São Paulo: Oficina Editorial, 1996.

LEITE, C.R. **O novo paradigma do mercado de trabalho**. 10^o CBAS. Rio de Janeiro, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

MACEDO, M. Tecendo os fios e segurando as pontas: mulheres chefes de família em Salvador. In: BRUSCHINI, C. (Ed.) **Lugares de gênero**. São Paulo. FCC 34 Ed., 2001.

MAIA, C.J. **Lugar e trecho: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha**. Montes Claros: Unimontes, 2004.

MANCE, E. **A revolução das redes**. A colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes, 2000.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARGOLIS, M. **Litle Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papyrus, 1994.

MARTES, A. **Imigrantes brasileiros em Massachusetts**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MASSEY, D.S. *et al.* **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press, 1987.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Tesouro Nacional: Município Ipaba**. Disponível em: <http://www.stn.fazenda.gov.br/estados_municipios/municipios.asp>. Acesso em: 11 abr. 2007.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

MOREIRA, E; TARGINO I. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

NETO, O.C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, A. **Repensando a identidade dentro da emigração de kassegui**. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

OLIVEIRA, K. F.; JANUZZI, P. M. Motivos para a migração no Brasil: padrões etários, por sexo e origem/destino. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004. Caxambu-MG: ABEP. **Anais...** Caxambu-MG: ABEP, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2006). Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/noticias/2006/setembro/RLS150906migracao>>. Acesso em: 10 nov. 2006.

PASTORAL DE BRASILEIROS NO EXTERIOR. Além fronteiras. **Boletim da Pastoral dos Brasileiros no Exterior**, ano V, n. 23, jul./ago. 2004.

PATARRA, N.; BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: _____. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. 2. Ed., São Paulo: FNUAP, 1995.

PAULILO, M.A.S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm>. Acesso em: 27 fev. 2006.

PREUSS, M. R. G. **Casa e família**: entre o ideal e a realidade. Série Documenta, ano VI, Série n. 9, EICOS/UNESCO/UFRJ: 1998

PROST, A.; VINCENT, G. **História da vida privada**, 5: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

REIS, R.; SALES, T. (Org.) **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

RODRIGUES, A. O padrão de distribuição de papéis em famílias operárias. In: AGUIAR, N (Org.) **Mulheres na força de trabalho na América Latina**: análises qualitativas. Petrópolis, Vozes, 1984.

RODRIGUES, R. N.; RIGOTTI, J. I. R. **Migração na Região Metropolitana de Belo Horizonte nos anos 70**: reflexões sobre migração e estrutura familiar. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR, 1996; Viçosa. SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR. Viçosa: UFV, 1996.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: _____. (Ed.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2005.

SAFFIOTTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, Coleção Polêmica, 1987.

SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

SALES, T. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para a pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 9, n. 1, 1992.

SALIM, C. Migração: o fato e a controvérsia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992. Brasília: ABEP. **Anais...** Brasília: ABEP, 1992. v.3, p. 119-143.

SANTOS, G. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: _____. (Ed.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SASAKI, E.; ASSIS, G. **Teorias das migrações internacionais**. Caxambu: ABEP, 2000.

SCUDELER, V. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: _____. (Ed.) **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

SILVA, M. A. M. Em busca do passado para conhecer o presente: trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto. In: _____. (Ed.) **Errantes do fim do século**. São Paulo: Edunesp, 1999.

SILVEIRA, M. L. Família: conceitos básicos sócio-antropológicos básicos para o trabalho em saúde. **Revista Saúde, Família e Desenvolvimento**, UFPR. 2000.

SIQUEIRA, S. **Emigrantes da microrregião de Governador Valadares nos EUA: projeto de retorno e investimento**. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2004>>. Acesso em: 30 mar. 2007.

SOARES, W. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarense**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR, Rio de Janeiro, 1995.

SOUZA, A. R. *et al.* Os olhos, os ouvidos e a língua do vizinho. In: MARTINS, J. S. (Org.) **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. 175 p.

SPOSATI, A. Globalização: um novo e velho processo. In: DOWBOR *et al.* (Org.) **Desafios da globalização**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

URANI, A. **Trabalho: Brasil em números**. Rio de Janeiro. IBGE, vol. 5, 1997.

VAISTMAN, G. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.

ZANELLI, J.C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Revista Estudos de Psicologia**, Número Especial. UFSC: 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7nspe/a09v7esp.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2007.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome do entrevistado: _____

Endereço: _____

Data da entrevista: __ / __ / __ Início __: __ Término __: __

CARACTERIZAÇÃO/PERFIL DA UNIDADE FAMILIAR DO EMIGRANTE

(Número de moradores da unidade familiar – incluindo o(s) emigrante(s): _____).

Entrevistado e Familiares (*1)	Sexo (M/F)	Idade (Anos)	Estado Civil (*2)	Escolaridade (*3)	Trabalha (S/N)	Atividade Exercida
1. Entrevistado						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
7.						
8.						
9.						
10.						

(*1) Cônjuge: 1
Pai: 2
Mãe: 3
Filho: 4
Genro/Nora: 5
Neto: 6
Outros: 7 (Especificar)

(*2) Solteiro: 1
Casado: 2
Separado/Divorciado: 3
Viúvo: 4

(*3) Nenhuma: 1
Fundamental Incompleto: 2
Fundamental Completo: 3
Médio Incompleto: 4
Médio Completo: 5
Superior Incompleto: 6
Superior Completo: 7
Outros: 8 (Especificar)

1. Dos componentes da família, quem se encontra envolvido no processo migratório?

2. Há quanto tempo? _____

3. Para qual destino? _____

4. Qual a principal razão para que esse membro(s) da família optasse pela migração internacional?

5. A escolha de emigrar para outro país foi uma decisão individual, ou pensada coletivamente por todos os familiares? _____

6. Financeiramente existiu algum apoio para que o familiar pudesse efetivar o projeto de ida para o outro país? _____. Quem apoiou? _____

7. Além do apoio financeiro, existiu alguma outra forma de apoio/ajuda para que o processo migratório fosse consolidado? _____ (S/N). Especifique: _____

8. Você sabe dizer se o migrante encontrou e encontra apoio, por meio de relacionamentos, no país de destino? ____ (S/N). Especifique: _____

9. O membro da família que migrou envia dinheiro para a manutenção das despesas familiares? ____ (S/N).

10. Qual a periodicidade? _____ Qual o valor? _____

11. O membro da família que migrou envia dinheiro para investimentos no Brasil? ____ (S/N).

12. Qual a periodicidade? _____ Qual o valor? _____

13. O investimento é realizado em que?

14. Estas remessas de dinheiro melhoraram as condições de vida da família?

Especifique: _____

15. A migração internacional trouxe mudança para as relações da vida familiar?
Quais mudanças? _____

16. A partir da migração internacional foram alterados a autoridade e o poder de
decisão dos membros da família?

Especifique: _____

17. Você observa mudanças de comportamento no(s) membro(s) ausente em
virtude dele(s) estarem vivendo em uma cultura diferente? ___ (S/N). Especifique:

18. Estas mudanças afetaram o comportamento também da família? ___ (S/N)

Especifique: _____

(O. G. 3)

19. Houve em Ipaba a formação de associações entre as famílias de
migrantes? _____

Você participa de alguma? _____

20. Após a saída do membro da família que migrou você teve algum apoio de gente
aqui da cidade?

Especifique: _____

21. A decisão de migrar, bem como a escolha do país de destino do familiar, foi
facilitada ou influenciada por experiências vividas por outras pessoas? ____ (S/N)

22. Estas pessoas faziam parte da rede de relacionamentos do migrante? __ (S/N)

Especifique: _____

23. O que significa para sua família ter um membro em outro país?

ANEXO B

Quadro 1B – Caracterização socioeconômica das famílias entrevistadas

Famílias	Organização Familiar	Integrantes	Idade (Anos)	Estado Civil	Escolaridade	Trabalho	Atividade Exercida
F1	Nuclear	Eliana	42	C	MI	Sim	Doméstica
		Cônjuge	49	C	MI	Sim	Cozinha/Limpeza
		Filha	23	SO	SC	Sim	Assistente Social
		Filho	20	SO	MI	Sim	Restaurante/Limpeza
F2	Nuclear	Tereza	53	V	FI	Não	Doméstica
		Filho	27	SO	MI	Sim	Construção
		Filho	12	SO	MI	Não	Estudante
F3	Nuclear	Ana	72	C	NH	Sim	Doméstica
		Cônjuge	73	C	NH	Sim	Rural/Sítio
		Filha	43	SO	MC	Sim	Creche
		Filha	42	SO	MC	Sim	Doméstica
		Filha	40	SO	MC	Sim	Doméstica
		Filho	37	SO	MC	Sim	Serviços Gerais
		Filho	35	SO	MC	Sim	Carpinteiro
		Filho	27	SO	MC	Sim	Carpinteiro
F4	Nuclear	Maria	29	C	MC	Sim	Comerciante
		Cônjuge	30	C	MI	Sim	Carpinteiro
		Filha	6	SO	FI	Não	-
		Filha	7	SO	FI	Não	-
		Filha	10	SO	FI	Não	-

Continua...

Quadro 1B, Cont.

Famílias	Organização Familiar	Integrantes	Idade (Anos)	Estado Civil	Escolaridade	Trabalho	Atividade Exercida
F5	Nuclear	Conceição	36	C	FC	Sim	Salão de beleza
		Cônjuge	40	C	NH	Sim	Construção
		Filha	17	SO	MI	Sim	Salão de beleza
		Filha	15	SO	MI	Sim	Salão de beleza
		Filho	13	SO	FI	Não	-
		Filho	06	SO	FI	Não	-
F6	Ampliada	Júlia	55	C	MI	Sim	Funcionária pública
		Cônjuge	57	C	MI	Sim	Encarregado
		Filho	19	SO	MC	Não	-
		Filho	26	SO	SI	Não	-
		Filho	32	C	MI	Sim	Carpinteiro
		Nora	26	C	MC	Sim	Faxina
		Neto	06	SO	FI	Não	-
F7	Nuclear	Marta	28	C	MI	Não	Doméstica
		Cônjuge	34	C	MI	Sim	Carpinteiro
		Filho	11	SO	FI	Não	-
		Filha	08	SO	FI	Não	-
		Filho	05	SO	FI	Não	-
F8	Nuclear	Célia	46	C	FC	Não	Aposentada
		Cônjuge	53	C	FC	Sim	Parceria agrícola
		Filho	23	SO	MC	Sim	Pintura

Continua...

Quadro 1B, Cont.

Famílias	Organização Familiar	Integrantes	Idade (Anos)	Estado Civil	Escolaridade	Trabalho	Atividade Exercida
F9	Nuclear	Lúcia	48	C	MC	Não	Doméstica
		Cônjuge	51	C	FI	Sim	Autônomo
		Filha	21	SO	SI	Não	Estudante
		Filha	29	SO	MC	Sim	Garçonete
		Filho	27	SO	MC	Sim	Motorista
F10	Nuclear	Sônia	58	C	FI	Sim	Doméstica
		Cônjuge	62	C	FI	Sim	Comerciante
		Filho	25	SO	MC	Sim	Técnico segurança
		Filha	23	C	MC	Sim	Limpeza
F11	Nuclear	Isabel	27	C	MI	Sim	Revendedora
		Cônjuge	30	C	MI	Sim	Construção
		Filha	07	SO	FI	Não	-
		Filho	4	SO	FI	Não	-
F12	Ampliada	Cristina	23	C	MC	Sim	Auxiliar de dentista
		Cônjuge	24	C	MC	Sim	Carpinteiro
		Mãe	55	C	NH	Não	-
		Filha	02	SO	NH	Não	-